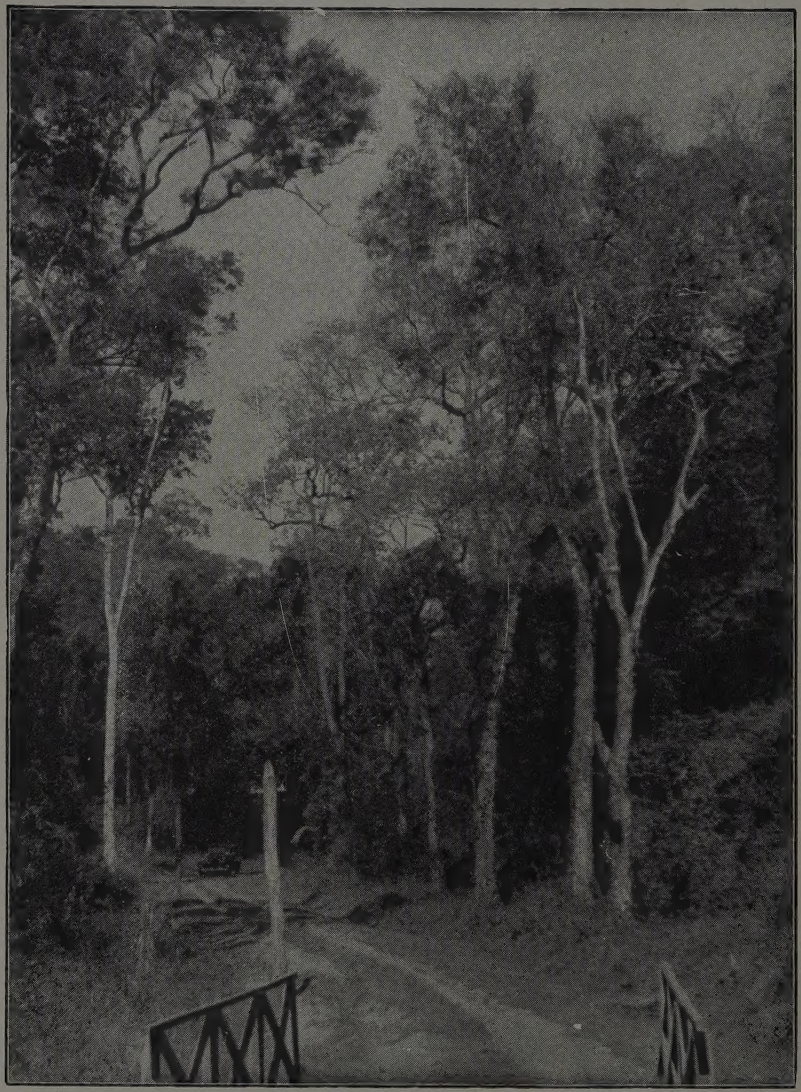
BOLETIM DA

SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

SECRETARIA DA FAZENDA
SÃO PAULO BRASIL

ANO XXVI • SETEMBRO DE 1951 • N.º 295



Enxada Dragão

prova *na terra* o seu valor!

Experiências feitas no *trabalho da terra* provam que a Enxada DRAGÃO dura mais que qualquer outra! E rende também mais, porque resiste, aos choques e está sempre afiada, apresentando um equilíbrio que facilita o trabalho e evita o cansaço provocado pelas enxadas comuns. De polimento e acabamento perfeitos, mantém-se *nova* por muitas e muitas safras. Trabalhe melhor seu torrão com a Enxada DRAGÃO.

Enxada **Dragão**

Se notar qualquer defeito na Enxada DRAGÃO, ela será trocada por outra, inteiramente nova e perfeita!

Fabricada e garantida pela

Cia. Mechanica e Importadora de São Paulo

fabricantes há mais de meio século

RUA FLORÊNCIO DE ABREU, 210 - TEL. 32-7185 - SÃO PAULO

Standard

veja porque

ALFA-LAVAL

é a primeira

em todo o mundo há mais de 70 anos

Em 1870, o cientista suéco Gustav de Laval teve a idéia de construir um aparelho para separar a nata do leite. Foi assim que nasceu a primeira desnatadeira. Seu nome: Alfa-Laval! Espalhando-se pelo mundo, com enorme sucesso, Alfa-Laval tornou-se a base da grande indústria de lacticínios. Fabricada com o famoso aço suéco, na maior fábrica de desnatadeiras do mundo e sendo o resultado de 74 anos de experiência e aperfeiçoamentos Alfa-Laval representa o mais alto padrão de qualidade em desnatadeiras. No Brasil, cêrca de 80% dos produtores de leite usam Alfa-Laval, porque rende mais e dura tôda a vida.

Em 4 tipos: ROSE - 60 - JUNIOR - INDUSTRIAL. Modelos manuais e elétricos. Produção de 45 a 5.000 litros de leite por hora. Alfa-Laval é acompanhada de algumas peças sobressalentes grátis.

Batedeira Alfa-Laval de 5 a 25 litros, para a produção rápida e econômica de boa manteiga.

PANAM - Casa de Amigos

GARANTIA DE PEÇAS E ASSISTÊNCIA EM TODO O PAÍS

A maior experiência no ramo de lacticínios no Brasil

CIA. FÁBIO BASTOS

COMÉRCIO E INDÚSTRIA

RIO DE JANEIRO - Rua Teófilo Ottoni, 81 - Telefone 43-4810
SÃO PAULO - Rua Florêncio de Abreu, 828 - Telefone 36-6993
BELO HORIZONTE - Rua Tupinambás, 364 - Telefone 2-4677
PÔRTO ALEGRE - Av. Julio de Castilhos, 30 - Telefone 9-2038

C B A
HIPERFOSFATO
DEFENDA SUA TERRA
COM O MELHOR FERTILIZANTE
COMPANHIA BRASILEIRA DE ADUBOS C.B.A.
Rua 7 de Abril, 342 - 9.º andar - Fone 34-7647 - São Paulo

JACÀZINHOS DE LÁMINAS DE PINHO

Para mudas de CAFÉ, CACAU, CITRUS, EUCALÍPTUS ETC. temos para pronta entrega qualquer quantidade, nos seguintes preços e tamanhos "Standard" sendo a primeira medida a altura e a segunda que forma o cilindro, em centímetros, a saber:

P/ 6 mudas	23x58	p/milheiro	$300,00	P/ 1 muda	14x24	p/milheiro	$ 90,00
" 4 "	23x41	"	$240,00	" Eucalípto	14x20	"	$ 70,00
" 2 "	18x30	"	$140,00	" "	10x15	"	$ 50,00

Primeiros e únicos produtores na Capital. Aceitamos pedidos para tamanhos especiais, e remetemos amostras gratuitamente aos interessados.

MADEIRAS BOREP LTDA. — Rua Hipia, 81 (Moóca)
Fone 9-4535 — Tel. BOREP — S. Paulo

Sais de POTASSA da Alsacia

UM ADUBO DE QUALIDADE
PARA OBTER CAFÉS EM QUANTIDADE

Delegado para América do Sul da Société Commerciale des Potasses d'Alsace (França)

AVENIDA IPIRANGA, 1123 — 8.º ANDAR — CAIXA POSTAL 6082
FONE, 34-1247 — SÃO PAULO

"NOSSA CAPA"

Maravilhosa produção de um cafeeiro «Caturra» amarelo, da Estação Experimental de Botucatú, do Ministério da Agricultura. — Foto gentilmente enviada pelo agrônomo Isidoro Gil.

Boletim da Superintendência dos Serviços do Café

(Publicado em continuação à "Revista do Instituto do Café")

Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo

Redator-Chefe: J. TESTA
Sede: Largo da Misericórdia, 24

Ano XXVI | SETEMBRO DE 1951 | Número 295

Sumário

COLABORAÇÃO:

Dirigismo ou livre iniciativa, na cafeicultura? — José Testa.

A agricultura africana vista por um agrônomo brasileiro — O. T. Mendes Sobrinho.

Culturas Permanentes — Reflorestamento — Planejamento agrícola — William Wilson Coelho de Souza.

RESUMOS E TRANSCRIÇÕES:

Novos métodos de plantio do café.

O problema do braço para a cafeicultura de São Paulo — Lauriston Pousa Bicudo.

A "podridão das raízes" do cafeeiro — J. Abraão.

Questões de adubação da cultura cafeeira — Antonio Carlos Correia.

Transporte preferencial para cafés finos — José da Mota Sobrinho.

O plantio do café em nível — José Pinto Pupo.

A replanta do cafèzal.

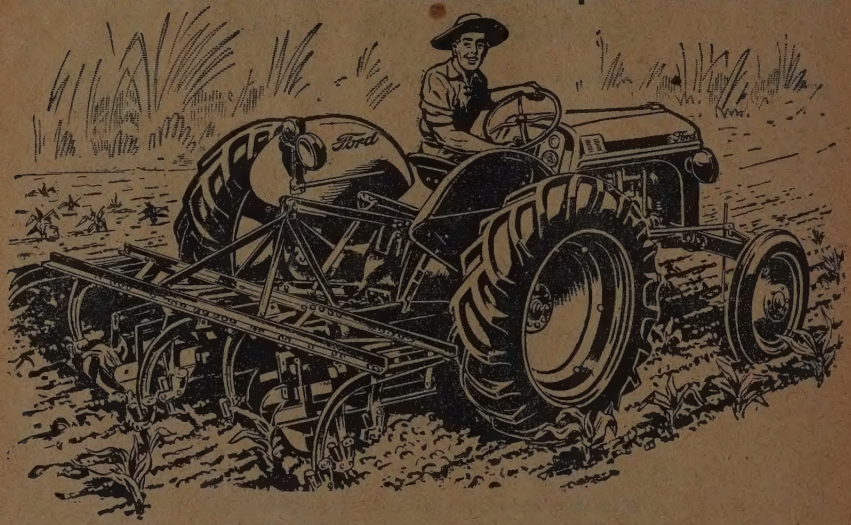
O sombreamento dos cafèzais — Pedro Correia Neto.

O café visto nos Estados Unidos (Cartas semanais do Escritório Pan-Americano do Café — Nova York).

ESTATÍSTICA.

Possuidores satisfeitos afirmam:

"o TRATOR FORD economiza tempo e mão-de-obra"



Trechos que destacamos de cartas recebidas de todo o Brasil:

Do SR. L. DUARTE SILVA, fazendeiro em Rio Preto, S. P.:

"...a produção colhida na área mecanizada com o Trator Ford foi de 80 sacos de arroz em casca em média, por ano. Nessas mesmas terras, situadas no espigão da fazenda, colhia anteriormente com a aração manual com animais, uma média de 20 sacos por alqueire, isso mesmo quando o tempo era bem favorável."

Do SR. HERBERT R. LANG, tratorista e agricultor, Encantado, R. G. S.:

"...quando um agricultor necessitava de 5 dias para lavrar determinada área de terras com junta de bois, eu com meu Trator lavrava a mesma área em 2 horas! Vejam a grande diferença entre o método antigo de lavrar e o que ora estamos empregando:

5 dias de serviço com uma junta de bois a 70 cr. por dia 350,00

2 horas de serviço com trator a 50 cr. a hora 100,00

Diferença..... 250,00"

Peça uma demonstração no Revendedor Ford mais próximo

FORD MOTOR COMPANY

Ford TRATOR

F-436

De acôrdo com uma praxe geralmente adotada, este Boletim não se responsabiliza pelos conceitos emitidos em artigos de colaboração, ou transcritos de outras publicações.

Colaboração

PEDIMOS AVISAR QUALQUER ALTERAÇÃO DE ENDEREÇO

TEMOS PARA PRONTA ENTREGA:

- Superfosfato simples 20/21%
- Superfosfato triplo 45/47%
- Cloreto de potassio 60%
- Sulfato de potassio 50%
- Sulfato de amônio 20,5%
- Farinha de ossos
- Farelo de Mamona

VENDAS A VISTA E A PRAZO

Análise GRATUITAS de terra, em 24 horas. Fornecemos instruções para colheita de terra para exames.

CONSULTE-NOS

50% DE DESCONTO nas remessas pelas estradas de ferro da União ou arrendadas.

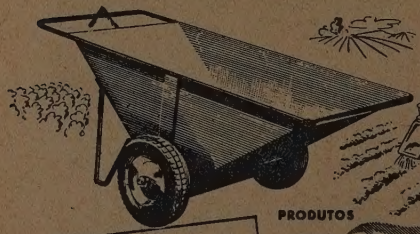
IMPORTADORA AGRO-PECUÁRIA

Rua Itapura de Miranda, 23 - Fones 33-3674 - 33-4687 - End. Tel. "Garôa"
SÃO PAULO

A GRANDE DUPLA!

Carrinho MÓCA

É indispensável. Reduza a mão de obra, baixe o custo da safra, empregando o carrinho MÓCA, fabricado especialmente para receber o café lavado e espalha-lo pelo terreiro numa ação rápida e altamente económica.



Rodas pneumáticas. Capacidade 250 litros Dispositivo para regular a quantidade de café espalhado.

Carrinho CASTOR

Para todo o serviço leve ou pesado e com durabilidade eterna, o carrinho CASTOR, é construído inteiramente de aço sem emendas, reforçado, com rodas patenteadas Nielsem e estudado para não sofrer qualquer desgaste.

PRODUTOS **Pontal** MATERIAL RODANTE

Fabricantes: INDÚSTRIAS GASTÃO PINATEL
Construções Mecânicas e Metálicas Ltda.

EXPOSIÇÃO E LOJA:
Rua Dom Bosco, 148 — Fone 3-4609
SÃO PAULO

TRATOR FERGUSON

Uma só unidade para todos os trabalhos de sua fazenda

TRATOR FERGUSON equipado com Roteador — uma criação Ferguson para o preparo de sementeiras, renovação de pastagens, lavra profunda; evita muitas vezes o trabalho de lavrar com arado.

Quer Va. Sa. compre um trator para cargas máximas, quer para executar as inúmeras tarefas cotidianas da fazenda, não deixe de ir ver o TRATOR FERGUSON em ação.

Verá nele mais fôrça para o trabalho, em úma só unidade compacta, do que jamais julgou possível. Fôrça gerada por um motor de válvulas na cabeça, especialmente desenhado; fôrça utilizada ao rendimento máximo pelo único e legítimo SISTEMA FERGUSON!

Não só Va. Sa. adquire tôda a fôrça necessária para as cargas máximas, como também consegue **fôrça flexível, econômica, que poupa combustível, para as tarefas ligeiras.**

Graças ao perfeito Sistema Ferguson, acabou-se o pêso "excessivo" que roubava potência e devorava combustível. Faça questão de ver um TRATOR FERGUSON em ação. Solicite uma demonstração e certifique-se de sua excelente qualidade.

ASSISTÊNCIA MECÂNICA EFICIENTE • COMPLETO ESTOQUE DE PEÇAS
A MAIS COMPLETA LINHA DE IMPLEMENTOS AGRICOLAS

•

DISTRIBUIDORES NO BRASIL:

VARAM MOTORES S. A.

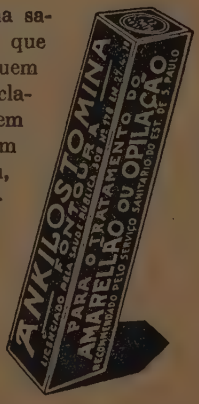
Avenida Brigadeiro Luiz Antonio, 1099 — Caixa Postal, 8102 — São Paulo

SISTEMA FERGUSON DE MECANIZAÇÃO DA LAVOURA

AGORA ELE É

OUTRO HOMEM

Hoje ele parece outro! Trabalha satisfeito e sente-se feliz em ver que tudo corre bem! E se vê alguem sofrer como ele sofria antes, esclarece e aconselha: "O que você tem é devido aos vermes que infestam seus intestinos! Faça como eu, um tratamento com a ANKILOSTOMINA FONTOURA!"



Estes são os sintomas terriveis do amarelão: palidez - falta de apetite - calor na bôca do estômago. Consulte um médico e ele lhe dirá que as drágeas de ANKILOSTOMINA FONTOURA, tomadas de oito em oito dias, resolvem os casos comuns de amarelão ou opilação.

Internacional

ANKILOSTOMINA

FONTOURA

DESTRÓI E ELIMINA OS VERMES DO AMARELÃO!

DIRIGISMO OU LIVRE INICIATIVA, NA CAFEICULTURA ?

JOSÉ TESTA
(Chefe da Estatística e Publicidade da Superintendência do Café)

Relativamente ao aspecto comercial das atividades cafeeiras, isto é, ao contrôle do café depois de colhido, há muitos anos que elas são dirigidas pela administração, federal ou estadoal, ou por entidades autárquicas governamentais. Mesmo o plantio, em certa época, foi atividade que esteve na alçada da administração pública, não sendo permitido senão em algumas zonas do país. E o próprio café, depois de colhido, nem sempre foi vendido livremente pelo produtor: durante muitos anos, foi compulsòriamente entregue ao Departamento Nacional do Café, para ser retirado das existências nacionais e incinerado.

A disciplinação do escoamento para os portos já era feita desde muito antes. O nível dos estoques nêsses portos, a própria saída do produto para o estrangeiro, a comercialização do artigo, no mercado interno, sua torração e moagem, tudo isso é objeto de contrôles, alguns dêles não específicos sôbre o café, mas aplicáveis a outros gêneros alimentícios.

Até onde e quando deve ir êsse contrôle? É indispensável que seja mantido? Deve ser ampliado e estendido a outras esferas da cafeicultura?

Eis algumas perguntas talvez incômodas, mas que devem ser propostas e respondidas. Quanto à necessidade da existência de regulamentações de embarques e de escoamento, os próprios produtores e comerciantes de café acordaram em que devem ser mantidas. Só o poder público, concluiram êles, em recente convênio no Rio de Janeiro, tem a autoridade necessária para estabelecer e fazer vigorar certas normas disciplinadoras do escoamento da produção cafeeira, sem o que entrariam em prejudicial concorrência as várias regiões e Estados brasileiros que produzem a rubiácea. Julgou-se, assim, necessário restaurar, sob novos moldes, o antigo Departamento Nacional do Café, que, aliás, era um prolongamento do Conselho Nacional do Café, no qual se representavam os cafeicultores.

O amparo governamental tem sido também solicitado, e concedido, no que diz respeito a financiamentos e defesa dos preços.

E na parte pròpriamente agrícola de café, a que se entende com a escolha e preparo do terreno, o plantio, a cultura, o beneficiamento do produto, depois de colhido? Que se tem solicitado dos poderes públicos nesse sentido? Que têm êles feito? Que podem fazer? Que podem realizar os particulares, de per si?

Iremos examinar sintèticamente essas questões, sem entrar em minuciosos detalhes. Nosso desejo é mais o de focalizar os assuntos, despertando atenção para um aspecto dos mais interessantes da atualidade cafeeira no Brasil.

* * *

Antes de mais nada, deixemos claro que somos inteiramente pela livre iniciativa. Só ela pode fazer a grandeza e a liberdade dos povos e dos indivíduos. Quaisquer restrições, quaisquer interferências do poder público, a qualquer título e sob qualquer rótulo, só devem ser admitidos em caráter esporádico e de emergência, ou, então, devem ser livremente solicitadas e aceitas por uma dada classe ou coletividade, em certo momento, como aliás, é o que agora acontece em relação ao escoamento do café.

E, com referência à lavoura cafeeira, os que a realizam constituem exatamente uma classe muito ciosa de sua livre iniciativa, classe essa que, desde os tempos do Império, sempre se acostumou a discutir os seus problemas com as autoridades dentro de normas sobranceiras e francas. Os plantadores de café, como também os de cana de açúcar, constituiram um patriarcado, uma nobreza rural e, muito embora o ambiente da lavoura tenha hoje se plebeizado, por assim dizer, são ainda numerosos os expoentes daquelas idéias e daquêle espírito.

Interferir o govêrno, pois, nas próprias atividades agrícolas cafeeiras, não seria cousa bem recebida, já por êsse estado de espírito dos cafeicultores, já pelo motivo acima exposto, de representar uma grave intromissão na atividade privada.

Entretanto, se examinarmos objetivamente os problemas da hodierna cafeicultura brasileira, somos obrigados a admitir que essa interferência deve ser feita, e em escala cada vez maior. Apenas, o que cumpre fazer é que seja orientada, pleiteada e encaminhada pelos próprios cafeicultores, com a cooperação dos organismos técnicos oficiais.

E' isso, até certo ponto, o que se propõe seja realizado pelo futuro Instituto Nacional do Café e pelo Ministério da Agricultura.

Todos nós sabemos que a cultura do café não mais pode ser realizada, hoje em dia, pelos métodos antigos. O esgotamento da fertilidade das terras exige, agora, e cada vez mais, a adubação, de que antigamente não se cogitava. A falta de braços para a lavoura vem requerendo, em escala crescente, a mecanização, que só não é mais ampla devido aos processos defeituosos de plantio que se usavam, e que devem ser modificados. Sementes de alta linhagem existem, hoje, selecionadas pelos Institutos oficiais, e não é razoável que um cafèzal seja formado ou replantado com progênies ordinaríssimas quando o poderia ser com variedades escolhidas. Há também, atualmente, uma ciência do solo muito adiantada, e que deve ser chamada a determinar se o cafeeiro pode ser plantado nêste ou naquêle terreno, nesta ou naquela faixa climática.

O lavrador que, por atrazo, por pressa ou por desleixo, prescinde de todos êsses ensinamentos e planta indevidamente o seu cafèzal, não está apenas prejudicando a si próprio ou aos seus descendentes. Prejudica também a sua sociedade e o seu país, que se defrontará, dentro de mais ou menos tempo, com a baixa produtividade dos anti-econômicos cafèzais assim formando, por erosão, por má semente, por fraca "durabilidade" de terras demasiado rasas ou arenosas, pela exagerada distância das plantações aos centros consumidores ou exportadores, por má bebida, por geadas e por inaplicabilidade de mecanização, já pelo arruamento do plantio, já pela inclinação dos terrenos.

Atualmente, até mesmo os fazendeiros e sitiantes menos cultos já conhecem e compreendem as vantagens de se servirem dos técnicos e da técnica. Desapareceram a suspeita e a incredulidade antigas. Entretanto, muitos ainda, especialmente nas zonas **novas,** continuam a plantar sem os necessários cuidados, ou por pressa de enriquecer ou por desidia ou mesmo por falta de conhecimentos adequados. É indispensável que os mais cultos, de per si, ou pelas suas associações de classe, promovam, de um modo geral e intensivo, a adoção de uma nova mentalidade em relação a êsse grave problema.

O próprio sombreamento, do qual tanto e tão discordemente se fala, deveria ser experimentado, na prática, não em uma ou algumas regiões, mas em tôdas. Tirar-se-ia, dessa forma, uma conclusão definitiva sôbre o assunto.

* * *

Temos que nos convencer de que o problema do café, embora complexo, é principalmente um problema de produção por unidade de área, e de qualidade do produto. Com uma colheita de 15 arrobas por mil pés, não há preço que sirva. Mas, uma safra de 100 arrobas por mil pés proporciona sempre lucro, principalmente se o artigo é de bom aspecto e de bôa bebida. E, se êle tem essas características, nem será mesmo de temer uma superprodução, màxime se cogitarmos, em devido tempo e em devida fórma, de um aumento dos nossos serviços de propaganda, que por ora sòmente se levam a efeito nos Estados Unidos.

Em resumo: a cafeicultura não pode continuar a ser feita, por muitos, a esmo, como no presente. Urge seja racionalizada, de acôrdo com a orientação dos técnicos ou dos estudiosos. Mas, essa racionalização, que é indispensável, não deverá ser compulsória, e sim requerida pelos próprios interessados. Se não o fizerem, caberá ao poder público agir, em defesa de um ponto vital para a nacionalidade, como é a cultura cafeeira.

Se nem uns nem outro tiverem qualquer iniciativa, e tudo continuar a ser feito como na atualidade, em que são raras, principalmente nas zonas novas, as culturas racionalmente feitas, então poderemos esperar futuramente sérias dificuldades, ou pelo menos uma substancial redução das nossas disponibilidades cambiais.

Banco do Estado de São Paulo S. A.

CAPITAL REALIZADO: CR$ 100.000.000,00

DEPÓSITOS — EMPRÉSTIMOS — DESCONTOS

CÂMBIO — COBRANÇAS — TRANSFERÊNCIAS

TÍTULOS — COFRES DE ALUGUEL

*

MÁTRIZ:

PRAÇA ANTONIO PRADO, 6 — SÃO PAULO

CAIXA POSTAL, 789

Enderêço telegráfico: BANESPA

*

70 AGÊNCIAS NO INTERIOR DO ESTADO; UMA NO RIO DE JANEIRO, UMA EM CAMPO GRANDE (Estado de Mato Grosso) —— E OUTRA EM UBERLÂNDIA (Estado de Minas Gerais) ——

*

AS MELHORES TAXAS — AS MELHORES CONDIÇÕES

RAPIDEZ — EFICIÊNCIA

(*)

A AGRICULTURA AFRICANA VISTA POR UM AGRÔNOMO BRASILEIRO

O. T. MENDES SOBRINHO
Engenheiro agrônomo, Sub-divisão de Estações Experimentais, Instituto Agronômico de Campinas

(Continuação)

2.5.2 — AGRICULTURA

A produção agrícola de Uganda, pode-se dizer, é fruto exclusivo do labor nativo. Senão vejamos: em 1948, a uma superfície de 2.573.632 há trabalhada por indígenas, se contrapôz uma área de 25.972 ha (1), explorada por proprietários não africanos. Segundo a mesma fonte (1), a produção nativa foi de 255.558 toneladas métricas, enquanto a produção dos alienígenos foi de 72.549 toneladas métricas. Entretanto, os valores respectivos não guardaram as mesmas relações e foram respectivamente de Cr$ 248.553.340,00 e Cr$ 110.272.240,00, calculados na base da libra esterlina a Cr$ 52,00. As disparidades tão acentuadas entre uma grande produção nativa, pouco valorisada, e uma produção alienígena bem menor, mas de valor muito mais apreciável, residem no fato de a produção indígena se destinar em grande parte à própria alimentação e se constituir de produtos não exportáveis e, por isso, de reduzida estima. Enquanto o valor médio da tonelada da produção nativa foi de Cr$ 972,60, a produção alienígena alcançou Cr$ 1.518,60 por igual unidade de pêso. E' oportuno salientar que, a produção nativa é arrancada do chão a enxada, em propriedades cujo tamanho oscila entre 1,5 a 4 ha. Apenas nos distritos de Teso e Lango o arado começa a ter emprêgo, puchado a bois, sinal de evolução e de ausência de tsé-tsé. A porção mais fértil do país se encontra na área geográfica do Lago Vitória. Só o Distrito de Mengo, Província de Buganda, adjacente àquele lago, concorre com um terço da exportação do Protetorado.

Entre os bantus de Buganda predomina um tipo agricultor individualista, que se considera dono da terra em que vive. Esta atitude constitue exceção em tôda a África Central, onde a regra é a exploração da terra por grupos familiares.

Em Uganda a relação entre a produção para consumo doméstico e a destinada à exportação é de 3:1, respectivamente, em volume. Algodão, café e fumo, são os produtos líderes da exportação do país. Provém da terra e da agricultura indígena.

A cultura do algodoeiro foi implantada pelos ingleses, no Protetorado em 1906 e, naquele ano, a exportação se inaugurou com o modesto volume de 500 fardos de 181 quilos. Após três decênios, (ano

(1) "Uganda Protectorate, Annual Report of the Dep. of Agriculture, Year Ended 31st December, 1948.

agrícola 1937/38) a remessa para fora do país foi de 418.000 fardos de 181 quilos, ocasião em que a cotonicultura de Uganda atingiu o seu ápice. Durante a guerra a produção se manteve ao redor de 200.000 fardos, como resultante das dificuldades de exportação e da grande propaganda que o govêrno local encetou para estimular a produção de alimento, especialmente a de milho, que chegou a constituir mercadoria de exportação. Excetuada a Índia, Uganda disputa ao Sudão Anglo-Egípcio o segundo lugar como produtor de algodão, entre os demais componentes da comunidade britânica.

A maior parcela da arrecadação pública do Protetorado, provém de uma taxa sôbre a exportação dêsse produto. Os trabalhos de melhoramento, multiplicação de sementes da malvácea e orientação técnica da cotonicultura de tôda a África Oriental Inglesa, estão a cargo da "Empire Cotton Growing Corporation". Visitamos a Estação Experimental de Namulonge, subordinada diretamente a essa entidade, que é uma das organizações semi-públicas inglesas. Pudemos então verificar a grande importância que o Govêrno Inglês está emprestando à cultura do algodoeiro na África e, especialmente em Uganda, em cujo território e naquela estação experimental centraliza todo o trabalho de melhoramento e de pesquisas da cultura.

Material e técnicos de Trinidade foram para ali transferidos. Tivemos também a satisfação de verificar a rapidez com que progridem os trabalhos científicos em Namolunge, por se acharem subordinados a uma autarquia, sem os entraves burocráticos que tanto emperram a pesquisa entre nós. Aliás, como adiante teremos oportunidade de nos referir, notamos em todos os países da África por onde passamos, uma renovação completa da política diretora das instituições científicas. Todas elas foram agrupadas por especialidades, em organismos autárquicos, com renda própria, proveniente de taxas de exportação dos produtos objetivados pela pesquisa. Impressionou-nos a celeridade com que são tomadas providências para o prosseguimento de trabalhos experimentais e para o seu apressamento. Em colônias francesas, belgas e portuguesas, a impressão que se colhe é a de que, nos últimos seis anos (que de uma maneira geral data a criação dos organismos autárquicos na África) os seus técnicos realizaram muito mais que o dos departamentos de agricultura subordinados aos govêrnos coloniais, em cinquenta anos. Estamos, por isso, absolutamente convencidos de que, com organisações científicas autárquicas, como as que vimos operando na África, dentro de dez ou vinte anos muitos fatores locais, limitantes da agricultura, serão superados por novas técnicas. No resultado dessa diferença de procedimento dos govêrnos com relação aos institutos de pesquisas agrícolas é que residirá todo o perigo que para nós o Continente Africano poderá representar, como concorrente no mercado internacional. Lá o entrave burocrático e o da deficiência de verbas foram superados pelas novas organisações. Entre nós, continuam os institutos entravados por aquêles dois obstáculos e, não raro, por influência de políticos que, todos os dias, procuram sobrepor interesses de partidos e diretrises dos institutos, que deveriam ser norteados por conselhos técnicos. Voltando vistas à cultura do algodoeiro, nos inclinamos a pensar que a semelhança do meio ambiente entre S.

Paulo e o centro da África e o adiantamento das organisações científicas inglesas, estão a aconselhar o envio de técnicos nossos para se especializarem nos diversos ramos da pesquisa, como vimos fazendo até aqui, em relação ao sul dos Estados Unidos da América do Norte. A indústria de transformação do algodão em Uganda não vai além do descaroçamento do produto, que é feito em usinas equipadas com a maquinária muito antiquada. Quasi sem exceção, essas instalações são propriedades de capitalistas indús. Visitamos, em Campala, a usina da "Kampaal Cotton and Co. Ltd.", onde o primitivismo, velhice e desgaste da maquinária nos deixaram perplexos. A má impressão é agravada pela defeituosa disposição interna das casas de máquinas e pelo mau estado dos prédios. Essa firma trabalha cêrca de 3.000 fardos de algodão, de 181 quilos, por ano. Tarefa semelhante em qualquer de nossas usinas ocuparia pouco mais de uma dezena de homens. Lá presenciamos um trabalho sem rítimo, lento, de baixo rendimento, de cêrca de oitenta pretos; o transporte do algodão em caroço, das tulhas para os descaroçadores, é feito por meio de balaios transportados na cabeça dos operários; a alimentação dessas máquinas é feita a mão; o algodão em rama cai da máquina sôbre o chão de onde é apanhado a mão em grandes flocos, e assim é levado até próximo à prensa; alí outro grupo de operários alimenta esta máquina a mão e a acionam a braço; finalmente os fardos são baldeados para um depósito, para pesagem e armazenamento. O incompreensível desperdício de mão de obra só não encarece demasiadamente o produto devido aos baixos salários pagos aos pretos. O tipo de algodão em caroço que nos exibiram era de ótima qualidade e não apresentava sinal de pragas nas sementes. Aqui poderia ser classificado como "tulha n.º 1". Entretanto, após o descaroçamento não alcançaria, pela nossa classificação, mais que os tipos 4 e 5, devido à ineficiência das máquinas. A fibra é de polegada e três dezesseis de comprimento.

O algodão de Uganda é exportado para Bombaim, na Índia, e não para a Inglaterra. Confessamo-nos intrigados com o chocante contraste representado pelos notáveis trabalhos científicos relacionados ao algodão, resultados obtidos pelos técnicos ingleses, colheita cuidadosa pelos pretos e ineficiência das instalações para o beneficiamento do produto.

Constatamos que as médias de produção por unidade de superfície, em caroço, são pequenas; 475 e 300 libras pêso, por acre, nas áreas mais férteis das províncias de Buganda e Oriental respectivamente. Essas produções correspondem, por outro lado a 86 e 54 arrobas de algodão em caroço por alqueire de 24.000 m².

A produção de fumo (Nicotina tabacum) está concentrada ao redor do Lago Alberto, no Bunioro. Também nas montanhas de Quiguesi há culturas desta solanácea. Quando por alí passamos as vimos, bem como numerosos nativos transportando, na cabeça, fardos de fôlhas de fumo muito originais fusiformes e extremamente alongados, figura 5 A. Uma parte da produção fumeira é industrializada em cigarros, no Protetorado. Essa manufatura ou o produto in natura são exportados para Quenia, Tanganica, Zanzibar e Congo Belga.

O amendoim, cujo uso na alimentação do indígena está muito difundido, só é exportado eventualmente, quando excede às necessidades domésticas, fato aliás constatado sòmente em anos excepcionais.

A produção alimentar de Uganda se concentra ao redor dos lagos Vitória e Quioga, representando áreas respectivamente úmidas e elevadas e secas a quente. A "banana de cosinhar" (variedade de **Musa paradisíaca**) se avantaja na primeira destas zonas, sôbre qualquer outra planta, como elemento básico alimentar do nativo, enquanto que na outra é a aleusine (**Eleusine coracana**) que garante a subsistência do indígena. Os frutos em panícula, desta planta, assemelha-se aos dedos da mão unidos e, por essa razão, os ingleses a chamam de "finger millet". Para os pretos ela é o "wimbi". Nas áreas mais ao norte, onde a falta de úmidade se acentua e a produção agrícola se agrava, só o sorgo (**Sorgum vulgare**) medra e é da diminuta semente desta gramínea que o povo se nutre. Sob a influência do clima de cada região, são cultivadas, ainda, mais as seguintes plantas, cujos produtos constituem complementos à alimentação indígena, citados na ordem de importância: batata doce (**Ipomaea batatas**), mandioca, a cassava dos ingleses (**Manihot utilissima**), amendoim (**Arachis hypogaea**), milho (**Zea mays**), simsim (**Sesamum orientale**) e feijões diversos (**Cajanus cajan, Pisum sativum, Vigna unguiculata, Phaseolus lunatus e Phaseolus vulgaris**).

Produto do complexus cultural afro o negro é um imediatista que não tem a preocupá-lo o porvir, ainda que o mais próximo e aquele que lhe toca o estômago. Um exemplo é a sua imprevidência quanto à reserva de alimentos para as ocasiões de carestia, quer sob a forma de grãos em estoque, quer sob a forma de plantas tuberosas ou frutíferas, em que o celeiro é a própria terra. Um ou dois anos de estiagem, aliada a essa descidia, resultava nas célebres fomes da África, que dizimam populações inteiras. Ante à gravidade dessa situação, os ingleses, logo após a ocupação do país, não hesitaram em legislar sôbre a matéria para pôr a população ao abrigo daquelas catástrofes devastadoras. Assim, nas zonas úmidas, todo o agricultor é obrigado a manter certa porção do seu terreno cultivado com banana, enquanto que nas zonas mais sêcas, ao norte, a obrigatoriedade se extende à cultura da mandioca. Surprendeu-nos o fato de os nativos não fazerem uso da banana in natura, como se faz em qualquer outra parte do mundo. O uso generalisado e quasi exclusivo é o da banana de cosinhar que, como o nome indica, só é consumida após cosimento. Nos distritos de climas semiáridos, o nativo é obrigado a contribuir anualmente com certa porção de "finger millet" ou sorgo para os celeiros coletivos, que servirão para atender a todos, na eventualidade de uma sêca. O govêrno do Protetorado cogita de um plano de armazenamento de grãos para o país todo. A última "fome é recente, data de 1928, e as suas tristíssimas consequências estão ainda bem vivas na memória dos governantes.

É obsecante a preocupação do nativo em produzir bebidas fermentadas. A banana é a matéria prima de que mais êles se servem, para êsse mister, não obstante a clandestinidade da indústria, Stanley,[1] ao se referir aos costumes do país de Mutesa, Cabaca de Buganda, de quem foi hóspede em 1876, já falava da banana como alimento, e de uma "saborosa bebida", produto de fermentação da banana amarga, a que os pretos denominavam "maramba". Avaliam as autoridades ingle-

(1) "Através do Continente Negro", por Henrique M. Stanley, vol. II, publicado em Lisboa em 1880, por Mendonça e Irwin, Empresa Editora.

sas que na zona onde a banana é a base da alimentação, as variedades cultivadas, segundo os fins a que se destinam, se distribuem da seguinte forma: banana de cosinhar para alimentação 61%; banana para fabrico de cerveja, 31%; banana para assar, 7%; banana para o consumo da fruta in natura, menos que 0,5%. Esta musácea, que tão relevante papel desempenha na alimentação do povo de Uganda, não é nativa do país. Origina-se da Ásia Oriental. As numerosas variedades cultivadas derivam da espécie **Musa paradisiaca.** Não obstante há em Uganda a banana brava expontanea **(Musa bagshawei, Musa ensete e Musa fecunda).** Tão difundida se encontra a banana asiática, que mais parece planta nativa africana. Em 1902 Sir H. H. Johnston constatou a existência de trinta e uma variedades de **Musa paradisiaca.** Êsse autor sugere que a banana entrou na África Oriental pelo vale do Nilo.

A relação a seguir permite verificar-se a proporção existente entre a área das culturas alimentares e a de produtos de exportação, nos anos de 1947 e 1948, bem como o incremento de uma e outra, segundo a estimativa oficial do Protetorado:

Culturas	Ano - 1947 hectares	Ano - 1948 hectares	Porcentagens
Alimentares	1.806.758	1.896.248	+ 5,00%
De exportação (²)	524.942	703.356	+33,98%
Tôda a área	2.331.700	2.599.604	+11,49%

Fonte — "Uganda Protetorate, Annual Report, Dept. of Agriculture for the year ended 31st December, 1948. Editado em Entebe, Uganda, em 1950.

Segundos a mesma fonte, as culturas de exportação podem ser relacionadas como segue:

Culturas	Ano - 1947 hectares	Ano - 1948 hectares	Porcentagens
Algodão	419.780	631.757	50,49%
Café	65.810	67.091	1,94%
Fumo	2.902	4.478	54,30%

(²) Culturas de exportação: algodão, café e fumo.

A relação acima admite as considerações seguintes com vistas às culturas de exportação, em 1947 e 1948:

a) A cultura do fumo foi a que, relativamente, mais se expandiu no citado biênio.

b) A conoticultura foi a que mais aumentou efetivamente.

c) A cultura cafeeira acusa aumento sem significação absoluta ou relativa.

Dando busca à mesma fonte, extraimos os elementos com que compuzemos mais esta relação, que encerra as nove culturas alimentares, enumeradas segundo a ordem da respectiva extensão em 1948. Ela nos dará uma idéia da dieta do nativo de Uganda.

Número de ordem	Culturas	Superfície em ha
1	Finger millet	416.931
2	Banana	248.880
3	Batata doce	213.775
4	Mandioca	201.815
5	Feijões diversos	168.089
6	Sorgo	164.374
7	Amendoim	140.379
8	Milho	119.793
9	Simsim	94.026

O quadro 7, para a composição do qual conseguimos reunir os dados mais recentes, de um lustro, 1943/47, relativos à exportação de Uganda nos revela:

a) — O destaque do algodão como produto líder da exportação do país, representando 73,33% do valor total exportado em cinco anos.

b) — O café como segundo produto, mas ocupando uma modesta posição em relação ao algodão. Tocam-lhe 17,25% sôbre o valor total da exportação no mesmo período.

c) — Progressos apreciáveis no volume das exportações de algodão, fumo, açúcar, chá, pimenta, madeiras, grãos e farinhas, sementes de algodão, enquanto as remessas de café para o exterior, se mantiveram quasi estacionárias, naquele período.

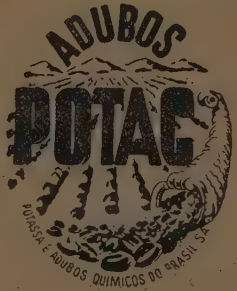
(Continua)

Potassa e Adubos Químicos do Brasil S. A.

SÃO PAULO

END. TELEG.: POTADUBO **CAIXA POSTAL, 6819**

ADUBOS COMPLETOS PARA AS PRINCIPAIS CULTURAS E FÓRMULAS ESPECIAIS SOB ENCOMENDAS



MARCA REGISTRADA

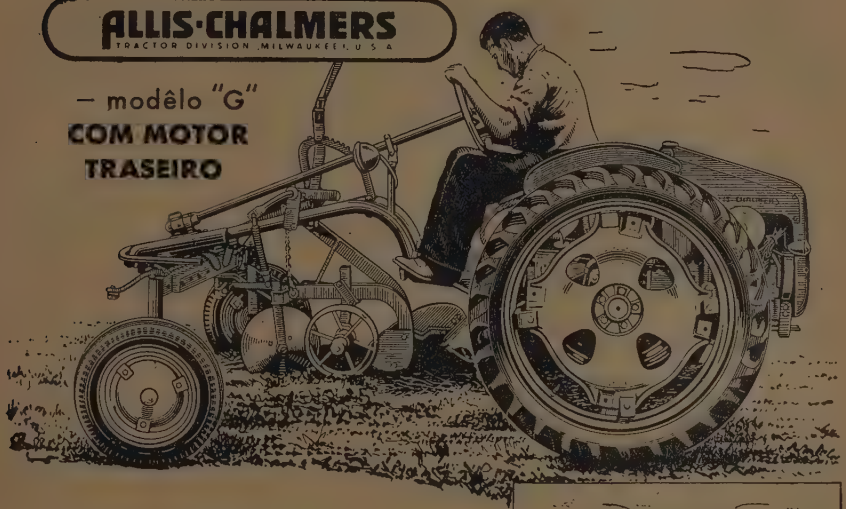
INSETICIDAS "POTACLOR" PARA COMBATE ÀS PRAGAS DO CAFÉ E ALGODÃO

ESCRITÓRIOS:
SÃO PAULO - Av. Ipiranga, 1123
Sala 1001 — Fone 36-6163

FÁBRICA:
SANTOS — Parque Industrial
BAIRRO DE ALEMÔA
E. de Ferro: Santos-Jundiaí e E.F.S.

ALLIS-CHALMERS
TRACTOR DIVISION MILWAUKEE, U.S.A.

— modêlo "G"
COM MOTOR
TRASEIRO

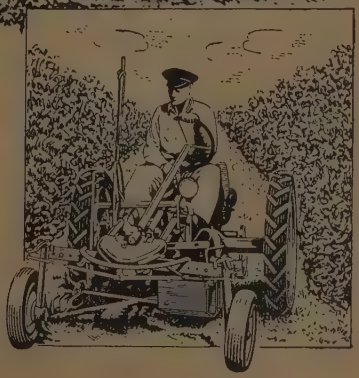


o trator que estava faltando aos cafeicultores!

MAIOR VISIBILIDADE

MELHOR TRAÇÃO

Apenas duas das principais características do trator "G" da Allis Chalmers, seriam suficientes para torná-lo indispensável aos cafeicultores: sua bitola de 90 cm e o motor traseiro. A bitola estreita permite que êle trabalhe dentro dos cafezais sem estragar a "saia" do cafeeiro, ao passo que a colocação do motor na traseira concorre para maior visibilidade do tratorista e facilita a colocação de todos os implementos na parte dianteira, proporcionando melhor tração.



e que versatilidade!

Adaptando-se a outras lavouras, o trator Allis Chalmers, modêlo "G" faz todo o serviço nas fazendas: ara, gradeia, semeia e cultiva! Comprar um Allis Chalmers modêlo "G" é mecanizar sua lavoura com apenas um trator!

DISTRIBUIDORES

SOTEMA

SOTEMA

SOC. TÉCNICA DE MATERIAIS LTDA.

S. Paulo: Rua Libero Badaró, 92 - 6.o - Fone: 33-4136
Curitiba: Avenida João Pessoa, 103

Culturas Permanentes

REFLORESTAMENTO — PLANEJAMENTO AGRÍCOLA

William Wilson Coelho de Souza

Na exploração agrícola do Brasil, tudo tem sido feito empìricamente. De norte a sul do país fez-se tremenda derribada das matas; hoje por toda parte escasseia a madeira de lei, e em certas regiões não há madeira para lenha, e para um poste de cêrca.

As culturas de café, de cana de açúcar e de cereais que se fizeram não compensaram o desperdício das matas que se realizou.

As consequências não se fizeram esperar; primeiro pelo aspecto desolador da paisagem, que se apresenta como região abandonada, de terras depredadas e improdutivas; depois pela característica de pobreza e de miséria do meio rural e ainda pela circunstância alarmante da modificação das condições climatéricas do país, agora varrido pelos vendavais; as suas capitais sujeitas as enchentes; o solo erodido; a terra desnuda e pobre; e o homem rural miserável diante do quadro de desolação que outros criaram. A terra pouco ou nada produz e o pouco conseguido não dá para alimentá-lo ou aos rebanhos esqueléticos, franzinos que pastam nas invernadas magras.

Foi o homem o provocador das sêcas do nordeste e das enchentes do sul, pelo desnudamento constante das terras, principalmente dos morros êle é o causador de tôdas essas desgraças; e o pior é que todos as sentem e o mal destruidor continua a sua faina arrazadora; os mesmos que combatem as derribadas consentem que elas se processem em suas propriedades.

PLANEJAMENTO — Entre nós o aproveitamento das terras se faz empìricamente, do modo mais errado e extravagante possível. Planta-se a floresta em terras de baixada, temos exemplo disso à margem esquerda da estrada Rio-Petrópolis, onde vê-se uma plantação nova de eucalípto, numa várzea de terras regulares; plantam-se cana de açúcar e cereais, nos morros; fazem-se pastos nas partes mais altas dos morros e por isso são frequentes as perdas de rezes bovinas que despencam de altas barreiras. Todos êsses fatos são frequentes e fazem a regra do modo absurdo como agimos no aproveitamento das terras; daí talvez resulta a razão do alto custo de produção dos gêneros de nossa exploração agrícola e baixo rendimento econômico das terras; e porque, em outros casos as propriedades não dão renda.

O mesmo acontecia em outros países. Os americanos do norte compreendendo os inconvenientes de semelhante aproveitamento agrícola das terras, e sobretudo porque os seus técnicos dos trabalhos de conservação do solo, verificaram que tais práticas erradas contribuiam de modo desastroso para aumentar as proporções catastróficas da erosão das terras, criaram então o serviço de planejamento agrícola, através do qual se procede a levantamentos completos das propriedades agrícolas, fazendo-se rigorosos estudos dos seus solos, completados pelas análises químicas, le-

vantamentos altimétricos. Depois dêsse minucioso estudo, em que os técnicos possuem os dados sôbre a declividade das terras; sua textura e composição química, seu valor agrícola de produtividade; sua localização em relação aos mercados e os produtos mais vendáveis e remuneradores na região, então organizam o planejamento racional das terras, destruindo as culturas dentro de um critério judicioso.

Tanta importância tem êste Serviço que os créditos agrícolas são garantidos pelo projeto de técnicos oficiais sôbre o aproveitamento das terras. Nenhum Banco de Crédito Agrícola hoje opera sem semelhante documento; e um projeto do lavrador de seguir a indicação do técnico no aproveitamento de suas terras, merece pleno apôio nos pedidos de financiamento aos bancos. Contràriamente a falta de tal documento invalida os pedidos de financiamento agrícola dos produtores.

No planejamento que é sempre coisa muito sério, os técnicos de posse dos elementos acima indicados, distribuem do modo seguinte o aproveitamento das terras de cada propriedade: as partes mais altas são indicadas para serem reflorestadas com essências de alto valor econômico; as meias-encostas ou os flancos dos morros, destinam-se a culturas pomarenses: parreiras, macieiras, pereiras, pecegueiros, etc, de acôrdo com as possibilidades de colocação dos seus frutos, em relação aos aos mercados; as partes planas das várzeas são utilizadas para as culturas anuais, pastagens; em certos casos estas também são distribuidas pelos flancos dos morros, que não tenham fortes declives.

Num planejamento agrícula rigoroso, não se aconselharia pastagens em morros altos, como os nossos, onde se corre muitas vezes risco de vida para chegar em suas partes altas. Êste fato é comum em São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Minas Gerais, no Estado do Rio de Janeiro, no Distrito Federal, enfim, por toda a região serrana do Brasil. A única exceção que conheço a este absurdo se encontra na parte serrana do Estado de Santa Catarina, de colonização alemã. Nesta região não ha nenhum morro desnudo ou plantado de invernadas; todos êles estão de alto e baixo cobertos de mato. As culturas dos seus proprietários são feitas sòmente nas partes plantas. Vê-se aqui a lição edificante de um povo mais adiantado. Todavia essa lição, esse exemplo impar, não é aproveitado pelos lavradores brasileiros, porque no mesmo Estado de Santa Catarina, saindo da zona de colonização alemã(e entrando na dos brasileiros não há um palmo de morro protegido pela mata primitiva, todas as terras estão devastadas e o peior, é que a mata foi derribada para dar lugar hoje a capoeira inexpressiva.

O pior exemplo de uma devastação de matas ciclópica que se opera no Brasil, é no Estado do Paraná, onde se derribaram os seus extensos pinheirais, e milhares de metros cúbicos de madeira jaziam criminosamente abandonados no chão se estragando, sem nem ao menos serem utilizados, na última vez que cortei em estrada de rodagem o seu território.

Si se fizesse um planejamento do aproveitamento de nossas terras, a maioria dos nossos morros, quer da zona urbana, como rural, seria reflorestada.

O reflorestamento, regularizaria as alternativas atuais do clima

tanto em relação ao regimem de chuvas, como dos ventos; evitaria em grande parte os efeitos catastróficos das enchentes frequentes sôbre as cidades e daria trabalho as populações.

Claro que não se poderá fazer um reflorestamento intempestivo, todavia poder-se-ia afastar o aspecto triste e desolador dos môrros denudados e cobertos de sape, que circundam as cidades, tanto na zona urbana, como rural.

Seria preciso talvez um levantamento cadastral da região montanhosa, entrar em entendimento com os seus proprietários e desapropriar as terras dos morros, que pela sua posição merecessem cuidados sérios.

É tempo de se começar a fazer qualquer coisa de útil. Não devemos deixar que se valorisem terras acidentadas, que outro aproveitamento não podem ter melhor, que o do reflorestamento.

Aplicada em termos, a idéia do planejamento agrícola racional das terras, poder-se-iam destinar todas as partes altas e íngremes dos morros, desde sua cumiada até a meia-encosta, para o reflorestamento. Há, muitos laranjais nos altos íngremes dos morros, cuja exploração hoje é anti-econômica. Os pomares seriam conservados nos flancos acessíveis dêsses morros e nas partes baixas. Desde que sejam cobertos de essências florestais os altos dos morros evitar-se-iam os desastrosos efeitos da erosão para as baixadas; por sua vez os pomares nas meias encostas, cujos solos fossem defendidos pelos **cordões de contôrno** e o plantio de leguminosas, garantiriam o perfeito combate a erosão e a plena conservação do solo, verificando-se a restauração destes pomares.

Atacado um plano sistemático, como proponho, em três anos ter-se-ia grande área reflorestada; extensas áreas de pomares restauradas; far-se-ia a recuperação do solo e das lavouras atualmente depredadas e improdutivas; e far-se-iam produzir economicamente as propriedades hoje sem renda.

Além do aspecto utilitário imediato da idéia que aqui apresento devemos considerar o aspecto estético, em razão da formação dos dois conjuntos, a floresta nos altos e os pomares nos flancos dos morros, a forma das árvores e as suas flores apresentarão aspecto pitoresco a paisagem.

BOSQUES MIXTOS — A experiência nos países que mais a fundo têm estudado e aplicado o reflorestamento, como são os países escandinavos, na Europa, condena a formação de florestas com apenas uma espécie vegetal, qualquer que ela seja, e proclama o plantio de bosques mixtos, onde se faça a plantação de mais de uma essência. A razão científica comprovada desta idéia reside no fato do bosque de uma só essência romper o equilibrio biológico existente na natureza, prejudicando o solo, a própria essência plantada e desencadeando contra ela as doenças e pragas.

Ao contrário, no bosque misto, se mantem o salutar equilíbrio biológico entre as espécies cultivadas, umas compensando as solicitações das outras, ou anulando as dejeções de substâncias tóxicas no solo; facilitando a formação do húmus, que melhora o solo, e conser-

vando as condições de equilbrio para as doenças e pragas que não irromperão em caráter de flagelo.

É esta a melhor concepção da matéria, que alías encontra apôio na observação da natureza, onde as matas em todos os países do mundo abrigam várias plantas, de todos os tamanhos e utilidades variadas. Outrossim, os pomares antigos formados pelos primeiros homens que cultivaram nossa terra, desde o Amazonas até Santa Catarina, que conheço, são sempre constituidos, de várias essências fruticolas; em razão disso mesmo que as propriedades sejam, como se vê por tôda parte, reduzidas a taperas, caindo as casas, restam delas as paredes; mas, resistem a ação do tempo e do abandono, os velhos e às vêzes seculares pomares, sempre produzindo. Então, não podemos considerar pròpriamente nova a idéia. Temos de retornar ao exemplo da natureza no caso das matas e dos nossos maiores, no caso dos pomares antigos, afim de, estribados nesses exemplos, fazer o mesmo com relação a formação de florestas.

Na constituição dos bosques mistos a que me refiro, poder-se-iam utilizar as diversas espécies de eucalíptos, o cedro rosa, o angico vermelho, cácia negra e outras.

VIVEIROS — Para os trabalhos de reflorestamento utilizando bosques mixtos, como acima ficou indicado, há a vencer a séria dificuldade de obtenção de sementes e de mudas das essências escolhidas.

Ter-se-á de recorrer aos estabelecimntos oficiais e particulares que as possuem; de mandar colher semente nas matas mais próximas.

Depois é preciso cuidar da formação de viveiros, ou formando outros, com o objetivo de obter mudas de essências florestais, de leguminosas, para proteção do solo; e de mudas para a restauração dos pomares. É trabalho complexo e que requer atenção e cuidado vigilante. Todavia deverá ser encarado com pertinácia e ardor.

As proporções a serem atingidas têm de ser avantajadas para atender os interessados.

Talvez seja preciso ter mais de um viveiro em determinados pontos, afim de facilitar o acesso dos interessados, facilitar e baratear a obtenção de sementes e de mudas.

DADOS ECONÔMICOS — A prática do assunto admite que se pode obter uma muda formada de eucalíptos por 1,00 e no ponto de ser plantada.

A formação de um eucaliptal, oferece os dados seguintes: um alqueire geométrico, que é o usado nos arredores do Rio de Janeiro, teòricamente poderá camportar 12.120 pés de eucalípto; pràticamente essa quantidade se reduz a 10.000 pés, porque se tem de descontar a área das estradas internas da plantação.

Um eucaliptal formado, com um metro de altura, poderá ficar por Cr$ 2,00 ou 3,00 o pé. Em terreno plano onde se possa fazer a mecanização — o custo de formação se poderá estimar em Cr$ 2,00; em terreno praguejado, que se tenha de desbravar o custo se elevará mais ou menos a Cr$ 5,00 a unidade.

Vê-se daí como é natural, que o custo de formação de um eucaliptal, depende da topografia e das condições do terreno.

Como meio de dominar para o formador da plantação as suas despezas iniciais, pode-se entre as linhas de árvores, plantar milho cateto, abóbora, melancia e mandioca, no primeiro ano dependendo das condições de fertilidade da terra.

Para dar uma idéia da importância econômica da exploração de uma mata de eucalíptos, cito o exemplo da fazenda Monte Alegre, do Sr. Dr. Anésio Amaral, em Louveira. Êle plantou alí 600.000 pés de eucalíptus e calculava uma produção de 70.000 m3, correspondendo a 700 m3 de lenha em cada alqueire. A área completa era de cêrca de 100 alqueires. Vejamos as despesas com a exploração desse eucaliptal:

Corte	3,60	por m3
Tombo e estrada	2,00	" "
Carreto até a Estação	6,00	" "
Empilhamento e carregamento	1,00	" "
Frete	11,00	" "
Extraordinário	1,00	" "
T O T A L	24,60	

Preço de venda Cr$ 55,00 por m3 diferença Cr$ 30,40 por m3. 70.000 m3 × 30,40 = 2.128.000,00.

O meu colega Gastão de Faria, alto funcionário da Secretária da Agricultura do Estado, e que teve a seu cargo a plantação de eucalípto para a Estrada de Ferro Central do Brasil, ofereceu a nossa consideração os seguintes elementos que ilustram o caso para demonstrar o valor da exploração de uma mata de eucalíptos.

Disse êsse colega: Em um alqueire de terra ou sejam 24.200 m2 podem-se plantar 5.000 pés de eucalíptos, considerando o preço médio de Cr$ 1,00 para formação da cultura, temos que ela ficou por Cr$ 5.000,00.

Em terra boa em 3 anos já se pode fazer o corte; em terras mais fracas em 4 anos. Nessa ocasião tira-se uma metade da plantação, uma rua sim outra não, evitando cortar as melhores árvores, portanto as piores; mesmo assim obtem-se 400 m3 de lenha em alqueire, nesse primeiro ano e que pode ser vendido a Cr$ 15,00 o m3. Decorridos os 6 anos em terra boa, e 8 em terras fracas, corta-se a metade dos eucalíptos que ficaram ou sejam 1.250 postes, calculando em Cr$ 20,00 o valor líquido de cada poste, temos cêrca de Cr25.000,00.

Depois de 15 ou 20 anos, restaram 1.250 árvores em cada alqueire, as quais darão no mínimo 1/4 de m3 madeira para serraria, à razão de Cr$ 400,00 por m3, livre de despêsas, corresponde a Cr$ 100,00 para cada árvore de eucalípto. As 1.250 árvores a Cr$ 100,00 produzem Cr$ 125.000,00.

Eis aí a documentação do quanto representa a exploração de uma mata em 2 casos: a exploração de lenha e o aproveitamento integral da mata.

Resumos e Transcrições

NOVOS MÉTODOS DE PLANTIO DO CAFÉ

Perante lavradores agrônomos e outros interessados em assuntos agrícolas, o Engenheiro-Agrônomo, Sr. Antonio Queiroz do Amaral pronunciou, na séde da Sociedade Rural Brasileira, uma conferência sôbre "Os novos métodos de plantio e mecanização da lavoura cafeeira", defendendo a tese da eliminação, por anti-econômicas e antiquadas da carpa por enxada e abanação do café. Salientou o orador que, livrando-se o trabalhador rural dessas duas operações manuais, ampliam-se as possibilidades de obtenção de mão de obra, pois considera êsses sistemas de trabalho na lavoura cafeeira como fatores importantes na determinação do exôdo rural. Acentuou, ainda, que qualquer trabalhador europeu, com supressão da carpa por enxada e da abanação do café, estará em condições de aceitar contratos para tratamento de cafeeiros. Dividiu o orador sua conferência em quatro pontos, argumentando quando ao primeiro, que a possibilidade de mecanização da lavoura cafeeira está, em grande parte, na dependência da mudança completa dos métodos de plantio e alinhamento do café. Quanto ao segundo ponto, referiu-se à exigência de serem adaptados às nossas necessidades agrícolas os intrumentos motorizados, considerando como insuficiente a simples importação de máquinas estrangeiras, destinadas a outros fins. Relativamente ao terceiro ponto, disse que as nossas plantações em terras velhas do Estado de São Paulo serão economicamente viáveis e poderão concorrer com as plantações das zonas consideradas novas sòmente se nas primeiras, for adotada técnica que permita alta produção unitária e mecanização quase total. Por fim o conferencista afirmou que o custo da produção sempre será o principal fator para os mercados do consumo, depois do que se estabeleceu debate sôbre os temas fundamentais da conferência.

(Do Jornal do Comércio — Rio — de 5-8-1951)

"PANCOMTEL"

COMTELBURO LTD. — PANAMEURO S/A.

Agência especializada nas informações de mercados nacionais e estrangeiros a saber:

CAFÉ — ALGODÃO — BORRACHA — TÍTULOS — CÂMBIO
METAIS — AÇÚCAR — CACAU — JUTA — TRIGO
COUROS — ETC.

Assinaturas e mais informações nos seguintes enderêços:

RIO DE JANEIRO:
Rua Beneditinos, 17 - 4.º andar
Fone: 23-0012

SÃO PAULO:
Rua Libero Badaró, 488 - 2º andar
Fone: 3-4976

SANTOS:
Praça Azevedo Junior, 14 - 4.º andar — Fone: 2-7278

(p) Agências nos principais Estados do Brasil

O PROBLEMA DO BRAÇO PARA A CEFEEICULTURA DE SÃO PAULO

Lauriston Pousa Bicudo

O articulista focaliza o problema cruciante da lavoura paulista — a falta de braços para a cafeicultura — e aponta os meios de que devem lançar mão os fazendeiros para contornar as dificuldades. Também Minas deve atentar para o fenômeno do exôdo rural, e adotar as medidas para a fixação do homem à terra. O momento é próprio para iniciativas dessa natureza, pois a valorização do café permite qualquer gasto para a manutenção da sua lavoura.

Se há cultura que talvez nunca venha a prescindir de braço operário abundante, é a do café. Pelo menos por enquanto, não é possível vislumbrar a menor possibilidade de que a colheita da rubiácea seja feita mecânicamente. Em anos passados, quando sobrevinham períodos de altos preços, os fazendeiros não se dedicavam a um trato intensivo do cafèzal, embora lhes sobrasse mão de obra — isto porque nem as necessidades da planta eram tão prementes, nem o recurso técnico de cada uma era tão satisfatório, como presentemente. Hoje, os cafèzais reclamam medidas vigorosas e a disposição do cafeicultor é enorme, mas a extrema carência de preços se constitui em poderoso fator limitativo.

As causas da atual escassez de gente para o trato do café são por todos sabidas. Destacaremos duas: a primeira, a emigração generalizada dos campos para as cidades e a corrida de colonos para o norte do Paraná; a segunda, a queda da produção individual do operário rural, decorrência, até certo ponto, da fase de transição trabalhista que o país atravessa e dentro da qual as relações entre empregados e empregadores se tornaram demasiado inamistosas. A êsse respeito, cremos que tal queda se deve, acima de tudo, ao precaríssimo estado de saúde do rurícola, mercê de seu deplorável regime alimentar.

Essa situação, que na Média Sorocabana é agudíssima, merece ser ilustrada. Uma fazenda nossa conhecida, das mais bem organizadas abriu o "trato" a Cr$ 2.000,00 — um golpe de milho permitido e intercalação do feijão das águas — e está na eminência de não colonizar um quarto de seu cafèzal, mais ou menos 80.000 pés. Outro cafeicultor perde várias famílias pelo simples fato de exigir serviços bem feito na operação de esparramar os ciscos. A concorrência entre as fazendas de um mesmo município leva alguns administradores a fazer vistas grossas a serviço mal executado, "para atrair gente"... Muitos colonos perdem dias de serviço e ganham aborrecimentos, em busca de autoridade e advogados para resolver os seus "casos". É o número de trabalhadores volantes, isto é, daqueles que entram numa propriedade com os olhos voltados para o portão de saída, é cada vez maior.

Na grande maioria das fazendas vivem o colono e sua família em eterna depressão moral e em precário regime alimentar. A pequena horta

doméstica, a criação de meia duzia de galinhas ou de porcos, encontram raríssimos adeptos. Via de regra, gasta o colono seu escasso dinheiro, comprando "verdura" da própria fazenda e toucinho, carne seca e aguardente nas vendas de estrada. Qualquer pessoa que conheça realmente a zona rural paulista sabe que esse quadro não tem nada de exagerado.

A falta de mão de obra, é óbvio, é muito mais evidente para as grandes propriedades pois, os pequenos sitiantes são, em regra autosuficientes. Resulta, assim, tremendamente ruinosa não só para a lavoura cafeeira como para a própria economia do Estado. Muitos trabalhos agrícolas são executados sem o necessário cuidado, e medidas de relevante significação técnica — seja a produção do adubo "composto" ou o combate à erosão ou outras de igual envergadura — têm de ser adiadas. Eis porque aquilo que já se vem fazendo, principalmente quanto à produção do "composto", assume expressão maior, do que é comum ser reconhecido.

O problema, contudo, apresenta uma faceta favorável: é que a grande necessidade obriga os cafeicultores a se interessarem vivamente pelas máquinas, por idéias que visem simplificar os trabalhos e por certa melhoria das condições do trabalho e de vida do colono. Os trabalhos de polvilhamento e, mesmo, pulverização são progressivamente executados mecânicamente, e assim também o cultivo de cereais e reparos de carreadores. Objetiva-se igualmente — embora isto possa parecer tão remoto, provocar o "fechamento" dos cafèzais, mediante fortes adubações orgânicas e contrôle das enxurradas, no sentido de diminuir o espaço a ser cultivado dentro do cafèzal. Existe já um punhado de fazendeiros imbuído destes propósitos e podemos esperar que seus exemplos frutifiquem.

Todos sabemos, porém, que a simples mecanização de determinados serviços, ou o problemático fechamento do cafèzal (pois que, afinal, depende essencialmente de mão de obra, ou ainda a parcial reforma das colonias e introdução de uns poucos melhoramentos, embora valendo como preciosos subsídios, não poderão conduzir à integral solução do problema. Também não é só o govêrno quem deverá fazer tudo. O auxílio oficial, traduzido por financiamento amplo do produto, garantia de preços mínimos, medidas que facilitem a importação de máquinas, implementos, inseticidas, adubos e outros produtos indispensáveis à lavoura, imigração farta, e selecionada, fiscalização dos hábitos higiênicos dos rurícolas, etc. êsse auxílio, diziamos, é imprescindível, mas não é tudo. Acima de qualquer outra coisa, está nas mãos dos próprios cafeicultores obter a fixação definitiva do colono em suas fazendas.

A muitos poderá parecer estranho que, com os altos lucros que o café está proporcionando, não se pense em dar às fazendas condições de vida tão boas quanto às das cidades, isso, não sòmente é viável como também urgente. Grandes capitais deveriam ser invertidos nas grandes e médias propriedades, objetivando uma forma completa das colonias, e não apenas a "maquilage que hoje se pratica.

Não pode mais ser encarada como utopia a introdução nas fazendas, de melhoramentos como água encanada, telefone, condução fácial, farmácia, assistência médica periódica e hospitalar, campos de esporte, etc. Algumas, comportariam até mesmo cinema e posto de puericultura.

Não é utopia porque, parece-nos, é a única e verdadeira saída. No passo em que vamos, dentro de alguns poucos anos, pagar-se-ão quatro, cinco ou mais milhares de cruzeiros pelo trato de mil pés de café, e nunca se terá gente suficiente. Imigrantes que porventura, venham às fazendas, acabarão por abandoná-las na primeira oportunidade, e assim tem sido até aqui.

Precisamos nos convencer de que, dentro da nova ordem social para a qual o mundo caminha, o sistema de compensar o trabalho por meio de simples salários, se torne dia a dia mais insustentável. E isto é mais verdadeiro para o caso do trabalho agrícola, pela sua natureza sujeito a tantos sacrifícios. Urge, pois, atenuar esses sacrifícios, cercando as atividades do trabalhador agrícola, não com luxo, mas com uma soma de confortos rasoáveis e de vantagens, que deverá ser superior à que as cidades oferecem. Se, para todas as demais culturas, a solução natural são a parceria e o arrendamento, para a cafeicultura ela só poderá ser encontrada através de uma radical transformação das condições de vida das fazendas. O rurícola assalariado de nossas fazendas de café procura um remédio para sua depressão moral e orgânica. Não o encontrando, abandona os campos, ou quando não o consegue, foge dos serviços ou os executa da pior maneira possível. Esta é a sua forra, assim como o ato da pinga, mais generalizada nos meios rurais que nas cidades, não passa de triste decorrência desse estado de coisas.

Sendo o café a cultura padrão por excelência de todo o sistema econômico nacional e na qual se pode confiar restrições, os capitais que foram invertidos nas fazendas cafeeiras, objetivando fixar o colono, darão mais tarde juros amplos, e representarão seguro alicerce para a própria economia do cafeicultor.

(Do Estado de Minas de 15-7-1951)

A «PODRIDÃO DAS RAIZES» DO CAFEEIRO

J. Abrão

No cafeeiro, a "podridão das raizes", causada por fungos do gênero Rosellinia, é uma doença grave. Conhecida também por "mal dos três anos", mal dos quatro anos" ou "roseliniose", já foi assinalada desde muito tempo no Estado de São Paulo, não constituindo, portanto, novidade o seu aparecimento em maior escala, ùltimamente.

Muitos fatores, que se correlacionam, concorrem para explicar o aumento desse mal dos cafèzais. Trataremos dos dois mais importantes: a formação dos cafèzais em terras novas e o modo de vida do agente causal. Quanto ao primeiro fator, sabemos pela rotina que sempre se dá preferência à formação dos cafèzais em terra de derrubada recente, em virtude do grande acúmulo de húmus no solo.

Em relação ao segundo fator, sabemos que o habitat natural dos fungos do gênero Rosellinia são as matas, principalmente das zonas tropicais; aí vivem saprofiticamente, podendo, em condições especiais, passar desse estado, sôbre tocos e outros restos de plantas em decomposição no terreno, onde se acham comumente, ao de parasitas das plantas vivas.

Levando em conta esses dois fatores, o "porque" do surto maior "da podridão das raizes", na hora atual, parece encontrar explicação no incremento considerável que retomou a cultura cafeeira nestes seis a dez anos, bem como na sua formação, na maioria dos casos, em terra virgem; mesmo com o sacrifício das últimas matas, que representam a reserva florestal do Estado e onde os fungos do gênero Rosellinia, nos restos da derrubada, que apodrecem no solo, encontram meio propício para o desenvolvimento e propagação.

Ainda outros fatores, como solos muito compactos, excesso de sombra e de umidade, favorecem o seu desenvolvimento, iniciando eles, quase sempre, o seu ataque pelas feridas produzidas por vermes, larvas de insetos, pelos próprios instrumentos culturais, etc..

As plantas atacadas, em geral, apresentam os sintomas na idade de três a quatro anos, razão pela qual, como acima dissemos, chamam a essa doença de "mal dos três anos" ou "mal dos quatro anos". E a demora do aparecimento desses sintomas corresponderia provàvelmente ao tempo gasto para a Rosellinia se desenvolver sôbre os restos da derrubada, alcançar, atacar e matar as raizes do cafeeiro, também em pleno crescimento.

Sintomas e Propagação

Num cafèzal doente, o primeiro indício que as plantas atacadas apresentam é um amarelecimento progressivo das fôlhas, que tombar, secam e caem, deixando a árvore, quando o mal se encontra em fase bem avançada, completamente despida, com os galhos secos. Os frutos são menores, mal formados, chôchos e verdoengos, embora possa haver boa florada.

No entanto, como sintomas semelhantes na folhagem podem ser provocados por outras causas, sòmente o exame feito no sistema radicular poderá confirmar a suspeita dessa doença. No caso de parasitismo

pela Rosellinia, quando se arrancam as plantas, as radicelas e raízes quase sempre são pouco numerosas e a casca se apresenta desorganizada, coberta por uma trama de filamentos escuros do fungo ("rizomorfas". Esses "rizomorfas" são verdadeiros cordões frequentemente bem visíveis no "pião", estendendo-se sôbre a superfície, atravessando e decompondo a casca, penetrando até o lenho e impedindo, assim, a circulação normal da seiva, o que se reflete, na folhagem, pelos sintomas já descritos.

No cafêzal, a "roseliniose" aparece em "manchas" que, em geral, partem de um foco inicial. Numa mesma cova, encontram-se plantas com a doença em diversas fases. Na maioria das vezes, a propagação de uma planta para outra dá-se, principalmente, por meio desses "rizomorfas", que caminham no solo a grandes distâncias.

Combate

Os processos antigamente preconizados no combate à "podridão das raízes" do cafeeiro, como injeções de bissulfureto de carbono no solo, irrigação do terreno com solução de sulfato de cobre a 3%, aplicação de sulfato ferroso ou de enxofre, etc., devido à natureza do organismo, que se desenvolve principalmente na parte subterrânea, são de resultados duvidosos, além de onerosos e de difícil execução. Dariamos, pois, preferência ao uso da cal virgem, que pode ser mais fàcilmente obtida, sendo também um produto de mais baixo custo.

Entretanto, como a planta doente sòmente apresenta os sintomas na parte aérea, quando já se acha completamente invadida pelo parasita na parte subterrânea, sendo pràticamente impossível tentar qualquer tratamento, curativo, para o contrôle da "podridão das raízes" aconselhariamos as seguintes práticas:

1 — Arrancamento e destruição pelo fogo das plantas já em franco deperecimento;

2 — Limpeza do terreno na área circunscrita por essas plantas, procurando-se afastar todos os restos da derrubada que porventura possam tornar-se focos de infecção das plantas vizinhas;

3 — Calagem, nas covas sadias e suas imediações, num raio aproximado de 1 m 5, usando-se, em média, de quinhentas a setecentas gramas de cal virgem, por metro quadrado, logo na entrada da estação chuvosa (incorpora-se a cal ao terreno com o auxílio de um enxadão, a fim de que a sua extinção se dê no próprio local, visando-se, desse modo, contrariar ou, mesmo, impedir o desenvolvimento da Rosellinia);

4 — Fazer a replanta mais ou menos uns dois meses após a calagem.

Poder-se-iam executar sòmente as recomendações dos itens 1, 2 e 4, deixando-se abertas as covas para receberem a ação da luz solar, pois, devido à sensibilidade do fungo à seca e ao calor, essas práticas já seriam muito benéficas. Todavia, como pedaços de raízes da planta removidos podem permanecer no terreno e infeccionar as futuras replantas, achamos que o emprego da cal é medida profilática complementar muito recomendável.

Quanto à matéria orgânica destruida por esse meio, sua falta seria bem compensada pela adubação de estêrco de curral, misturado com terra, dois meses antes do plantio das novas mudas.

(Da Fôlha da Manhã de 21-7-51)

QUESTÕES DE ADUBAÇÃO DA CULTURA CAFEEIRA

Comunicação do Sr. Antonio Carlos Correia à S.R.B.

O sr. Antonio Carlos Corrêia apresentou à Sociedade Rural Brasileira uma comunicação em que focaliza os resultados surpreendentes obtidos com a adubação do café com estêrco de galinha, chamando a atenção dos membros "da referida entidade sôbre a importância do assunto, uma vez transformado em plano para recuperação das lavouras cafeeiras do Estado de São Paulo.

"Os nossos cafeeiros — acentuou o sr. Antônio Carlos Corrêia — não podem competir com a fôrça fértil das plantações das matas virgens que se iniciaram em Ourinhos, Jacarèzinho, Cornélio Procópio e se estenderam sertão a dentro, enquanto a lavoura paulista apresenta uma quase proibição de restauração ou nova formação de cafèzais diante do custo da emprêsa e seu resultado duvidoso no que concerne à garantia de uma produção elevada ou mais ou menos compensatória. Há sempre a concorrência de volume na produção paranaense, que permite certa elasticidade nos gastos do trato, concedendo por isso possibilidade ao lavrador de poder lá, com sobras, enfrentar a concorrência do braço obreiro, e chamá-lo para si, com a oferta de salário melhor, proporcionado pelas colheitas certas e abundantes.

"Ao procurar solução para a questão, vislumbra-se, com rara felicidade, que São Paulo ainda poderá manter em seu punho de líder a chave-mestra da arca que encerra o maior tesouro nacional. É que, num toque de magia, as desprezadas terras das zonas velhas — ditas cansadas — se rejuvenescem e voltam a ser dadivosas. O reencontro de sua fertilidade se faz perante a riqueza composta do "guano" de galinha.

Avicultura e Cafeicultura

"Permite o resíduo orgânico da avicultura moderna, aquilo que até então não entrava na renda da criação de aves: a restauração completa e revolucionária dos cafèzais definhados, com um índice de produtividade tal, que por certo derrubará todas as opiniões assentadas de que o café só dá em terra nova e no Paraná. A recuperação produtiva do solo velho é extraordinária com a introdução do excremento de galinha. É no consórcio da exploração avícola com a cafeicultura que o lavrador encontrará o denominador comum para a reconquista prática e altamente remuneratória de sua propriedade agrícola".

Quantidades e Resultados

Bastará um quilo de "guano" de galinha para um pé de café por ano. Observa-se que é um adubo muitas vezes superior ao composto ou ao estêrco de curral. Sabendo-se que as galinhas de raça pesada (New Hampshire) produzem de 18 a 20 quilos de estêrco puro por ano, e, sabendo-se, ainda, que a avicultura é uma exploração rendosa, dado o crescente consumo de aves e ovos e que o estêrco produzido pelas aves até há pouco não era objeto de comércio, temos que os resíduos

das aves é um elemento à parte nos negócios das granjas e, por pior que seja a capacidade do fazendeiro em criar galinhas, ainda assim o estêrco sairá de graça para sustentar a colheita certa de seu pé de café. O estêrco de galinha possui os elementos mais nobres e próprios para a rubiácea, cobrindo todas as suas necessidades reclamadas pelas fôlhas, flôres e frutos, com a vantagem de ser pura matéria orgânica animal. Dado o seu alto e concentrado poder fertilizante, bastará um quilo por pé, por ano, redundando disso enorme economia na mão de obra, pois com uma carroça carregada com estêrco de galinha adubar-se-ão cêrca de 400 cafeeiros. Podemos dizer que uma lavoura bem cuidada, devidamente protegida da erosão, adubada com estêrco de galinha, produzirá fàcilmente de 100 a 150 arrobas por 1.000 pés, em qualquer das nossas chamadas zonas velhas".

(Da Fôlha da Manhã de 26-8-1951)

Destruir é muito fácil... Construir é que é difícil!

Para deitar abaixo uma árvore, pelo machado ou pelo fogo, o senhor leva apenas algumas horas. Mas, para formá-la, terá em empregar muitos anos!

Estamos ficando sem árvores! Se o senhor não as quer plantar para si, porque demanda muito tempo, plante-as ao menos para os seus filhos ou seus netos!

TRANSPORTE PREFERENCIAL PARA CAFÉS FINOS

Escreve-nos o sr. José da Mota Sobrinho:

"A reportagem das FÔLHAS tem o mérito de colher nas melhores fontes o interessantíssimo noticiário desses jornais. É o que acaba de fazer, entrevistando o sr. Antônio Adib Chamas, diretor da Mercantil Paulista e da Sociedade Rural Brasileira. Os judiciosos comentários do sr. Chamas, assim como as providências que sugere, merecem o mais decidido apôio dos nossos cafeicultores. Demonstrando grande conhecimento nos negócios o café, pede êle ao govêrno não só que permita a consignação do café para o estrangeiro como a modernização dos embarques no interior: os cafés embarcados, para serem exportados, ao chegarem ao pôrto —o que pode ser provado com o fechamento do câmbio— devem ter preferência no transporte e na liberação, isto é, devem estar à disposição do exportador poucas semanas depois do embarque no interior.

"Esta medida, tão simples e tão feliz, vem dar ao produtor de café as possibilidades de produzir os cafés finos, tão desejados pelos americanos, pelos europeus e... pelos próprios consumidores brasileiros. Será preciso dizer por que? Eu vou dizer. O atual sistema de embarque, liberando o café no pôrto pela ordem cronológica do embarque no interior, tem a sua razão de ser na lamentável ignorância em que se acham alguns dos nossos mentores políticos, em relação à soma de providências necessárias para produzirem cafés finos.

"Em primeiro lugar, é preciso esperar que o café amadureça perfeitamente, que receba todos os elementos armazenados no galho, para se proceder à colheita; a fama dos cafés despolpados provém em parte, de que os cafés despolpados nada mais são que cafés maduros ou **cerejas,** porque não se despolpam cafés verdes e nem muito secos; a seca do café precisa ser lenta, passando o café amontoado, nas horas de sol mais forte; e o benefício só deve ter lugar depois de duas ou três semanas de repouso na tulha, onde o café completa a secagem e aprimora as qualidades, pois na tulha ele ainda absorve substâncias açucaradas que estejam na casca. Como conclusão, pode-se dizer que os cuidados para produzir cafés de boa bebida retardam até fins de julho ou mesmo de agôsto o embarque dos primeiros lotes. Entretanto, se os cafés de varreduras, os colhidos verdes, os mal preparados no terreiro e na máquina podem ser embarcados muito antes e ficam, pelo sistema atual, formando uma barreira aos cafés colhidos, secos e beneficiados com aqueles cuidados, o lavrador é compelido a colher às pressas o café, a prepará-lo mal e a empurrá-lo para a estação de embarque, às carreiras, para tomar os primeiros lugares. Pode-se imaginar a série de prejuízos para o lavrador para as estradas de ferro e mesmo para o govêrno; o lavrador vende a preços baixos os cafés baixos que remete; as estradas de ferro têm maior despesa com as baldeações para os armazéns e dos armazéns para os vagões, e o govêrno empata grandes capitais nos armazéns reguladores, onde o seu grande produto de ex-

portação se estraga ainda mais do que está e onde uma rataria aperfeiçoada esburaca os sacos e consome o café que escapa pelos furos. Isso prejudica também ao govêrno, porque reduz na qualidade e na quantidade o nosso gerador de cambiais, ou de abastecimento no exterior.

"Modificado o embarque pelo sistema de preferência aos cafés de pronta exportação — o que vale dizer cafés finos — o govêrno poderia dispensar as preocupações em que está, de fundar um novo D.N.C., porque a melhora, já iniciada, no financiamento e a adaptação dos transportes ao comércio dos cafés finos terão resolvido, sem onus para o govêrno o problema da defesa do café".

(Da Fôlha da Manhã de 11-4-1951)

O PRECEITO DO DIA

A PERSONALIDADE

As mães, os pais e os professores, têm influência decisiva na formação e no aperfeiçoamento da personalidade do homem. Cabe, porém, às mães, o papel mais importante, porque elas é que têm contacto maior com as crianças e justamente durante a infância, idade mais favorável, para uma educação conveniente e útil.

Evite que seu filho venha a ser um choramingas, um nervoso, um exaltado, um vingativo ou um humilhado, fazendo com que, desde o primeiro mês de vida, êle seja cuidado de acêrdo com as regras da Higiene Mental. — SNES.

O PLANTIO DO CAFÉ EM NÍVEL

JOSÉ PINTO PUPO
(Engenheiro-Agrônomo)

O fator que mais concorreu para a decadência de muitas lavouras de café foi sem dúvida o empobrecimento do solo pela erosão. A distribuição das linhas de plantas acompanhando o maior declive favoreceu a formação de enxurradas, causando grandes prejuízos.

Atualmente, as lavouras novas devem ser plantadas seguindo as linhas de nível do terreno. Para se iniciar a locação, deve-se em primeiro lugar fazer um estudo geral da área, para a distribuição dos carregadores. São necessários um ou dois carregadores-mestres, ligando as partes mais altas da lavoura à sede da fazenda. Esses são os mais usados para o transporte do café, estêrco, adubos, etc.. Eles devem ser locados com rampas suaves, para não cansar muito os animais que puxam as carroças, para não forçar os veículos motorizados e também para facilitar a conservação no período das chuvas. Partindo desses carregadores-mestres, saem outros secundários, que devem ser em nível, seguindo as ruas de café.

LOCAÇÃO

Para a locação precisamos de um arame bastante flexível e que não sofra modificação com as variações de temperatura. O arame para varal de roupas, feito com dois fios trançados, encontrado nas casas comerciais, se presta bem para esse trabalho. O uso de arame flexível é preferível ao de cordas, pois estas variam muito em comprimento, quando úmidas ou nas horas de calor.

Nesse arame devem ser colocadas marcas, usando-se pedaços de pano ou outro material qualquer, de maneira que fiquem fixas e bem visíveis, para facilitar os trabalhos. Para plantarmos o café com 15 palmos, portanto 3 m 30, obtemos bom rendimento usando arames com 18 marcas, isto é, com 59m40 de comprimento. Primeiramente devemos fazer a locação de uma **linha-base** — que deve ser no sentido do declive, dividindo aproximadamente a área em duas partes iguais. Marcamos essa linha-base com estacas altas de 2m, podendo-se usar bambus ou varas bem direitas, que devem ser alinhadas seguindo uma reta. Essas estacas são colocadas em cada medida do arame, podendo os operários, com enxadões, marcar os pontos das covas coincidindo com as marcas. Portanto, toda a linha-base vai ficar marcada nos pontos para abertura das covas, e também com estacas altas, distanciadas 17 pés de café, pois em cada esticada de arame a primeira marca deve coincidir com a última cova marcada. Essas estacas altas devem ser numeradas a partir de cima, com números bem visíveis e firmes.

Para marcar as linhas niveladas usa-se o nível de borracha, que é um aparêlho muito simples, constando de duas hastes de madeira de 1m70 de altura, com um tubo de vidro em cada ponta e com uma escala numerada ao lado. Os tubos de vidro são ligados por um tubo de bor-

racha com 12 m de comprimento. O nível trabalha com água, e sabemos que as duas hastes de madeira estão no mesmo nível quando a água estiver no mesmo número nas duas escalas. Trabalham dois homens no nível e mais um carregando estacas. Para acertar o ponto de nível, um operador deve ficar parado com uma haste numa estaca, enquanto o outro segue até esticar toda a borracha; esta é, então, movimentada para baixo ou para cima, até que se encontre o ponto que tenha o mesmo nível da estaca anterior; então o operador finca uma estaca e o outro traz a muda para este ponto. E assim, continuam da mesma maneira para a frente.

Usando esse nível de borracha, vamos locar a primeira linha de nível, partindo da linha-base, na estaca n.º 1. Marcamos com estacas altas, de 2 m, primeiramente para o lado direito da linha-base, até chegarmos ao fim do terreno; então voltamos novamente à estaca 1 e vamos fazer o estaqueamento para o lado esquerdo da linha-base. Depois de terminado o nivelamento de toda a linha n.º 1, vamos para a linha n.º 2, partindo da estaca 2 da linha-base, indo pelo lado direito até terminar e depois pelo esquerdo, da mesma maneira como fizemos anteriormente. Nivelamos a linha 3, e assim por diante, até a última estaca numerada.

Depois de niveladas todas as linhas, podemos observar que as curvas feitas pelas estacas apresentam pequenos ângulos, isso devido às irregularidades do terreno. Devemos então fazer a retificação das estacas, mudando um pouco para cima ou para baixo, de maneira que no conjunto elas façam curvas bem suaves.

Vamos agora na linha 1, partindo da linha-base, fazer a marcação dos pontos para abertura das covas. Trabalham dois homens nas extremidades do arame e mais cinco com enxadões, para marcar os pontos. Nos terrenos de derrubas novas, cheios de paus e tocos, esses operários auxiliam muito para desenroscar o arame, acertando ràpidamente no lugar, para maior rendimento do serviço. Fazemos a marcação das covas em toda a linha e voltamos à linha-base, para iniciar do outro lado. Depois fazemos o mesmo para a linha 2, e assim por diante até a última.

Devemos iniciar agora a marcação das covas entre os linhas niveladas. Partindo da linha-base, esticamos o arame ligando a primeira cova da linha 1 com a primeira cova da linha 2, e assim continuamos para as seguintes. Como as linhas de nível não são paralelas, vamos notar que às vezes o comprimento do arame não dá certo, pois pode sobrar ou faltar, mas isso não dificulta em nada. Devemos ir marcando as covas que forem possíveis, deixando sempre a diferença para o lado da linha impar, nesse caso a linha 1. Depois vamos trabalhar com o arame entre as linhas 2 e 3, e então deixamos as diferenças sempre para o lado da linha impar, nesse caso a linha 3. Quando trabalhamos entre as linhas 3 e 4, deixamos novamente as diferenças para a linha 3, e assim sucessivamente, até completar toda a área.

Fazemos a revisão das linhas niveladas ímpares, que estão marcadas com estacas altas. Vemos que o acerto de algumas covas é trabalho simples, as diferenças de um lado são compensadas com as do outro. Com um pouco de atenção, vamos correndo a linha nivelada e acertando

bem os lugares das covas que porventura tenham dado alguma diferença, mesmo fugindo um pouco da linha de níveis. Vemos que em alguns é conveniente pormos dois pés de café com espaço um pouco menor; ou então mudar um pouco o lugar de uma cova para conservar distância igual à de duas outras no mesmo alinhamento. O número de linhas ímpares que vai ter pequenas variações no alinhamento é muito pequeno, e isto redunda em benefício do lavrador, pois êle sempre tem tendência para pôr mais um pé de café, mesmo diminuindo um pouco o espaçamento. A locação de alguns bicos, até as extremidades da área, é muito simples, observando-se os alinhamentos das partes já locadas.

Depois de marcadas as covas em toda a área, fazemos a distribuição dos carregadores. Os principais já foram marcados com estacas altas, restando marcar agora exatamente os lugares, para evitar que sejam abertas as covas. Os carregadores secundários podem ser marcados seguindo as linhas estaqueadas em nível. Partindo da linha-base, contamos cada três linhas estaqueadas e marcamos um carregador. Como são 17 pés de café entre uma linha e outra (três são, portanto, 51 pés), fazemos a eliminação de uma linha, ficando então talhões com 50 pés de comprimento. Os talhões não necessitam ser em quadrados exatos, como se fazia antigamente; devemos fazer uma distribuição dos caminhos visando aos transportes necessários e também à conservação dos mesmos, e isso conseguimos locando os secundários em nível e os principais com rampas suaves; em caso contrário, dentro de pouco tempo ficam cheios de buracos, com grandes despesas de conservação e dificuldades no transporte.

Devemos lembrar que à medida que se desenvolvem os trabalhos os operários vão-se tornando mais práticos e usando meios para facilitar cada vez mais, aumentando bastante o rendimento.

(Da Fôlha da Manhã de 11-8-1951)

O PRECEITO DO DIA

ALEGRIA E BOM HUMOR

É preciso que se pense com cuidado na saúde do espírito, isto é, formação ou na conservação de uma personalidade sadia. Nisso tem grande influência o ambiente de casa, pelos exemplos de cada momento.

Eduque seus filhos em meio de alegria e bom humor, evitando, na presença dêles, recriminações, asperezas e manifestações de impaciência, tristeza ou violência. — SNES.

A REPLANTA DO CAFÉZAL

Uma lavoura falhada causa grande prejuízo ao lavrador. O colono ganha para tratar de 1.000 pés de café, mas se houver 20% de falhas, na realidade êle está cuidando apenas, de 800 pés. Numa base de 60 arrobas por mil pés, a colheita não seria de 60 arrobas, mas de 48, com um prejuízo de 12 arrobas. E no entanto, é muito fácil evitar êsse prejuízo, pois qualquer fazenda ou sítio pode produzir mudas para suas necessidades. Basta organizar um viveiro, onde serão produzidas as mudas. O viveiro pode ser natural ou artificial. E' natural quando instalado debaixo de árvores de sombra no mato, em pomares, etc. Precisaria ficar próximo a fontes de água para irrigação e, além disso, a sombra não pode ser muito forte, é preciso um pouco de claridade.

VIVEIRO ARTIFICIAL

Consta de um ripado protetor, que pode ser construido com moirões de eucalípto e ripas de bambú, ou com moirões de alvenária e cobertura com ripas. O viveiro deve ficar perto da séde para facilitar a fiscalização, além de dispôr de água fácil e abundante. Um viveiro de 30 x 20 metros, separados por 0,50 metros.

Construção — Afastar os moirões 3 metros um do outro com a altura de 2 metros. Assentar vigotas nos moirões e depois prender as ripas na direção Norte-Sul, deixando 5 cms. de espaço entre as mesmas. A terra deve ser bem revolvida, destorroada e nivelada. E' indispensável misturar com a terra um estêrco bem curtido. E, se fôr possível uma adubação química, os resultados serão melhores. Uma boa fórmula para um canteiro de 10 x 2 metros é a seguinte:

Estêrco bem curtido, 100 quilos; Farinha de ossos, 10 quilos; Cloreto de potássio, 5 quilos; Salitre do Chile, 5 quilos.

Semente — Há quatro tipos de sementes: despolpada "seca", despolpada "fresca", cereja" e "coco". As experiências mostram que a despolpada seca é a melhor de todas. A despolpada "fresca" é a mais difícil de se conservar e de se lidar, e o "cereja" e "côco" vão dar mais trabalho no desbaste, por que as sementes nascem duas a duas, muito perto uma da outra.

Época de semeação — Pode ser de maio a novembro. As sementes são dispostas em linha no sentido da largura do canteiro, com as distâncias de 15 cms. entre linhas e 5 cms. entre sementes. Devem ser cobertas com terriço peneirado e os canteiros podem ser protegidos por uma camada fina de capim seco, por causa da água das chuvas. A irrigação deve ser farta e diária. Quando as plantinhas atingirem 10 cms. de altura, retira-se a camada protetora de capim e com 15 a 20 cms. faz-se o transplante para os recipientes.

TIPOS DE MUDAS

Podem ser obtidos de 3 maneiras:

a) — Semeação em canteiros e transplante em recipientes; b) — Semeação direta em recipientes; c) — Mudas de toco ou aparadas.

Para todos os casos é indispensável o viveiro. O primeiro tipo permite selecionar as mudas no transplante, para os recipientes, mas requer pessoa habilitada, que saiba transplantar sem prejudicar as raízes.

As mudas devem ser transplantadas com 15 a 20 cms., levando geralmente 7 meses para atingir êste tamanho. Como tipos de recipiente há o jacàzinho de bambú com 30 x 25 cms., o vaso de madeira laminada, com 40 x 25 cms., o jacàzinho de sapé e outros.

CUIDADOS INDISPENSÁVEIS NO TRANSPLANTE

Com auxílio de uma colher de transplante retira-se do canteiro cada muda com seu torrão de terra. Em seguida planta-se no jacàzinho, que deve estar quase cheio de uma mistura de duas partes de terra e uma de estêrco. Acabar de encher com terra para firmar bem as plantas. Em cada jacàzinho plantar no máximo 4 mudas, e no vaso de madeira laminada, de preferência uma muda. Depois de transplantadas, as mudas ainda devem ficar uns 30 dias no viveiro. Depois serão levados para lugar mais ensolarado, até serem expostos completamente ao sol alguns dias antes do plantio. O segundo tipo de muda é aquela formada diretamente no recipiente jacàzinho, vasos de madeira, vaso de barro "Torrão Paulista", etc. Neste caso, os recipientes podem ser menores, porque são colocados apenas 3 sementes, para deixar só uma muda depois. A melhor época é de meiados de abril a junho, e a plantação na cova definitiva, 5 a 6 meses depois, ou seja no início das águas. Nos primeiros tempos do plantio definitivo a muda deve ficar protegida do sol muito forte. O outro tipo é a muda "de toco" ou "aparada", recomendada para zonas onde o inverno é úmido. As mudas são deixadas crescer livremente nos viveiros, de ano e meio a dois anos. Arranca-se a muda e apara-se a um palmo acima e um palmo abaixo do solo. A muda fica assim com dois palmos de comprimento.

As raízes laterais também devem ser um pouco aparadas. O plantio destas mudas na cova deve ser feito no fim das águas, nos meses de março e abril.

COMBATE ÀS PRAGAS DOS VIVEIROS

Cochonilhas — Combater com Rhodiatox a 1 : 10.000.

Bicho mineiro — Queimar as folhas atacadas.

Fungos causadores de manchas e também do "tombamento das mudas" — Combatem-se com calda bordaleza a 1%.

REPLANTAS

Deve-se observar os talhões de baixa produção, pois muitas vezes é devido às falhas. Outras vezes o cafèzal é velho e muitos pés ficam improdutivos.

Êsses males têm remédio, e êste consiste na execução de um plano para substituição dos pés improdutivos e replantio das falhas. O sucesso depende de se fazer um bom coveamento e uma boa adubação.

A cova deve ser grande, com 50x50 cms. e nunca deve ser aberta perto de um cafeeiro decadente. A produção dêsse cafeeiro velho não compensa o mal que êle causa à plantinha nova.

Uma boa adubação consegue-se com 50 litros de estêrco bem curtido, 300 gramas de farinha de osso e 200 gramas de cinza ou 70 gramas de cloreto de potássio. Misturar tudo bem com a terra. Em dias encobertos, com pouco sol, de preferência com a terra úmida, coloca-se o jacàzinho na cova, assentando-se sôbre uma camada de terra adubada, deve-se romper os fundos e o lado do recipiente. Chegar bem o resto da terra adubada, fazer uma bacia ao redor da cova e cobrir o solo com capim. Quando as mudas são formadas diretamente nos recipientes, deve-se proteger com uma casinha de madeira. A "muda de toco" ou "aparada" tem sua época de replanta março-abril e as covas também são preparadas da mesma maneira, só que ao chegar a terra, deve-se apertar bastante ao redor da muda.

Para a lavoura em formação, até o quarto ano, a replanta pode ser feita semeando diretamente na cova. Nos anos seguintes ao replantio, proporcionar adubações orgânicas e trato especial, até que os pés fiquem igualados com o resto da lavoura. Uma replanta cuidadosa, pega rapidamente e em poucos anos entra em produção, aumentando a média do talhão.

(Do Correio Paulistano de 5-8-1951)

O SOMBREAMENTO DOS CAFÉZAIS

PEDRO CORREIA NETO

"Enquanto que os cafèzais sombreados embora seculares apresentam boa vestimenta e produção, os nossos insolados, assoberbados pelas pragas as mais variadas, aos 25 anos tornam-se improdutivos e decrépitos. Nas zonas novas, quando o solo não se achava ainda infestado de parasitas, a produção atingia até trezentas arrobas por mil pés. Em curto espaço de tempo, caiu, porém, verticalmente. Foi o que aconteceu com fazenda que tinhamos em Jacarèzinho, no norte do Paraná.

"Assevera o sr. Geremia Lunardelli, segundo recente reportagem do "Diário de São Paulo", que, tendo feito o cálculo da produção de sete anos em lavoura de 22 anos, verificou que não excede de 32 arrobas por mil pés. Está claro que com esta média ou com a média geral do Estado, 27 arrobas por mil pés, é impossível os fazendeiros resistirem a uma baixa prolongada de preços.

"Não sou derrotista; se assim me expresso é porque sei e conto onde está o remédio. A fazenda sombreada do sr. Barros Alcântara, em Caçapava, plantada em terra cansada, produz um ano pelo outro, oitenta arrobas por mil pés. As safras da que foi nossa, em Jacarèzinho, da mesma idade, já não alcançam esta quantidade. Portanto, a fecundidade e vida de um cafèzal não são subordinados à uberdade do solo; dependem da saúde dos cafeeiros, da permanência do húmus e umidade do solo. O húmus restaurado pelos ingàzeiros evita as enxurradas e absorve as chuvas do verão para as necessidades dos pés de café e dos de ingá no tempo seco. De sorte que, a referida árvore de sombra, em lugar de ser concorrente da rubiácea, como o querem os derrotistas, é benfeitora previdente.

"Mesmo que não existissem as pragas que infestam o Estado, há um parasita, asfixiante e absorvente, que envolve o tronco e os galhos do cafeeiro, o qual, só por si, acaba com as lavouras. Encontra-se em todos os cafèzais sob várias côres ,aspectos e tamanhos: são os liquens, conhecidos vulgarmente por "barba de pau". São frequentes nas zonas mais secas: Caçapava, Barretos, Olímpia e Uberaba. Não os vi nos lavouras sombreadas, a não ser na de Caçapava, esporàdicamente, em um ou outro galho. Mas, no Vale do Paraíba esta praga cobre todo o cafeeiro, quando exposto à ação causticante do sol.

"Havendo o "bicho mineiro" assumido, em certas regiões, carater de calamidade, a Sociedade Rural Brasileira por sugestão do Sr. Rafael Sales Sampaio, solicitou do Instituto Biológico a indicação de um técnico que, perante uma seção da mesma Sociedade, explicasse os meios de combatê-lo. A incumbência deste trabalho coube ao agrônomo Carlos Seixas, autoridade no assunto, mas, infelizmente, sua dissertação foi mais teórica do que prática. Declarou que a incidência do "bicho mineiro" é igual tanto no cafèzal insolado quanto no sombreado. Ora, em Cravinhos, o fazenda sombreado do sr. Urbano Bonfim, por ocasião das maiores secas, nada sofreu, conservando-se frondosa, embora não tivesse recebido adubação alguma, ao passo que as suas vizinhas, insoladas, ficaram em varas. Assim se manifesta o sr. Bonfim:

"Cravinhos, 3 de agôsto de 1951. Prezado amigo dr. Pedro Corrêia Neto. Rua Pelotas, 271, — São Paulo, Saudações. Com a presente venho dar ao amigo as informações que me pede em sua carta de 31 de julho p. passado. O cafèzal sombreado de minha fazenda já tem suportado vários anos de seca prolongada. Em alguns anos a seca durou de seis a sete meses e este cafèzal se manteve completamente enfolhado, com fôlhas sadias. Neste cafèzal não foi feita nenhuma adubação. No cafèzal a pleno sol, na mesma ocasião de seca, os cafeeiros perderam as fôlhas, ficando em varas. E este cafèzal insolado foi, durante cinco anos consecutivos, adubado com feijão de porco (adubação verde). Sem mais, aqui fico a seu dispôr. Abraça-o o amigo certo. (a) Urbano Bonfim".

Na fazenda do sr. Sousa Aranha, em Botucatú, a parte sombreada, sem receber adubação, conservou a integridade das fôlhas, enquanto ficaram despidos os cafeeiros insolados, embora tenham recebido o adubo composto.

Eis, em resposta, a carta que recebi do sr. Adalberto de Queirós Teles:

"Ilmo. sr. dr. Pedro Corrêia Neto. Prezado amigo e colega. Em resposta à sua carta, tenho a informar-lhe que na lavoura de café de minha propriedade, sita no município de Dourado, como sucede em todo o Estado, existem as infestações do "bicho mineiro" e do "olho pardo" sendo de notar, porém, que nos talhões insolarados é de fácil constatação a existência das pragas, devido à sua disseminação mais ou menos elevada, enquanto nos cafeeiros sombreados, só procurando é que e pode verificar a sua ocorrência, tão baixo é o seu índice de infestação. Esta diferença tão acentuada entre os graus de disseminação das duas pragas, nas duas modalidades de cultura (insolarada e sombreada), poderá ser fàcilmente verificada, como já o tem sido por outros lavradores, por qualquer pessoa, mesmo leiga, pois o é tão chocante que salta aos olhos. Sem outro motivo, subscrevo-me com estima e consideração (a) Adalberto Q. Teles Jr."

"Fica provado que o sombreamento é processo bastante superior a qualquer outro na extinção do "bicho mineiro".

"Se o Instituto Biológico está com a verdade, neste caso a grande infestação de praga na lavoura não pode ser atribuida ao "bicho mineiro", mas, sim, a outro parasita. Então, os fazendeiros precisam ser avisados o quanto antes para evitar desperdício de dinheiro na aquisição do B.H.C.

"O Instituto Agronômico de Campinas, na palavra do sr. Coaraci Morais Franco, pensa de modo radicalmente oposto ao Instituto Biológico. Assim se expressa o sr. Coaraci, nas "Pesquisas sôbre a Fisiologia do Cafeeiro": "Superfície folhear inutilizada pela "Leucoptera Coffeela" (bicho mineiro). Para a determinação da superfície transpirante tivemos que descontar as áreas inutilizadas pelo "Leucoptera Coffeela". Disto resultou determinarmos que o ataque por aquele inseto aumenta com a intensidade luminosa". Apresenta um gráfico comprovante.

"Nessa divergência de opinião eu me coloco ao lado dos fazendeiros e do Instituto Agronômico.

"O inseticida B.H.C. em pulverização, como o indica o Instituto Biológico, extinguirá o "bicho mineiro"? Não o acredito, porque não destrói as larvas. Seriam destruídas pelo Radiotox, que não pode ser aplicado por ser tóxico. As mariposas serão aniquiladas na primeira pulverização. Ficam as larvas que após permanência dentro das fôlhas até quarenta dias, se transformam em mariposas; estes novos insetos serão destruídos com a segunda pulverização, que e fará 25 dias depois da primeira; mas, já produziram mais larvas que garantirão a perpetuidade da espécie. Se se fizer, meses depois, a terceira pulverização, nada adiantará, porque as larvas não serão atingidas e o "bicho mineiro" continuará desvastando os cafèzais.

"O sr. Seixas não aconselha outras pulverizações. Nem é possível, por ficar caríssimo o processo e pelo motivo de o inseticida destruir outros insetos necessários à fecundação da flôr, reduzindo sobremodo as safras.

"Sôbre esse assunto, diz o dr. Krug, diretor do Instituto Agronômico de Campinas: "Biologia da Flor — Para poder-se desenvolver uma técnica racional de polinização artificial, e para ter-se idéia exata sôbre o mecanismo da abertura das flôres do cafeeiro, sôbre o grau de polinização cruzada e sôbre os agentes transmissores do polen, efetuaram-se detalhadas observações, durante diversas floradas, nos cafèzais das Estações Experimentais. Chegou-se à conclusão de que, em média, a percentagem de polinização cruzada é de aproximadamente 50%; os agentes transmissores do polen estranho são os insetos e o vento".

"Ora, se na polinização cruzada, isto é, de uma linha de cafeeiro para outra, o trabalho do inseto foi calculado pelo dr. Krug em cêrca de 50%, quanto não o será na polinização direta, feita por esses insetos?

"Quem, em trabalho magistral, condena as pulverizações inseticidas, por destruirem os insetos responsáveis pela frutificação, é o notável entomologista inglês prof. Albert Howard. Todavia, foi êle quem mais incentivou o fabrico de composto, criando o método especial conhecido por "Indore".

"A única solução, pois, tanto para a extinção do "bicho mineiro", quanto para a das outras pragas: cochonilhas, "olho pardo", "aranha rajada" e os diversos liquens (barba de pau), será o sombreamento, que poderá ser feito aos poucos. A produção será uniforme, de cinquenta a oitenta arrobas por mil pés, todo o ano, de acôrdo com a estatística da produção das lavouras sombreadas no Estado, desde que se mantenha meia sombra, isto é, sombra nunca superior a 50%"

(Da Fôlha da Manhã de 12-8-1951)

O café visto nos Estados Unidos

N.º 736 CARTA SEMANAL DO MERCADO 3 de Agôsto de 1951

SITUAÇÃO GERAL: Os vários mercados continuam mostrando a mesma incerteza das semanas anteriores. Os índices dos preços revelam tendências baixistas que correspondem à situação atual da oferta e procura. Excetuando um número relativamente limitado de produtos básicos, tais como os metais, a maioria dos artigos goza de suprimento suficiente no mercado. Consequentemente, à vista da situação desafogada de suprimentos e em face da moderada procura, os preços de muitos artigos encontram-se abaixo dos níveis máximos fixados pelo Govêrno Federal.

Não obstante essa situação, o Presidente Truman assinou, esta semana, a nova lei de controles econômicos que o Congresso vinha debatendo desde há semanas. A nova lei, segundo o Presidente, alivia os controles econômicos e abre as portas para uma nova espiral inflacionista no futuro próximo quando o programa de defesa atingir sua fase de plena produção. Alguns analistas concordam com o Presidente mas há muitos que alegam que à luz dos acontecimentos econômicos atuais, uma lei mais drástica como a recomendada pelo Govêrno, parece não estar indicada nas presentes condições.

MERCADO DE CAFÉ: Vendas limitadas e em pequena escala junto com a falta de firmeza na procura, provocaram certa debilidade nesse mercado durante os primeiros três dias da semana em apreço. No meio da semana, porém, a notícia procedente do Brasil relativamente à nova estimativa oficial da safra 1951-52 deu firmeza aos preços do produto nos mercados locais. A nova estimativa que coloca a safra exportável em 14.800.000 sacas, representa uma redução de uns três milhões de sacas em comparação com a estimativa anteriormente feita.

No têrmo local os preços melhoraram e a média geral de todas as posições fechou 65 pontos acima do ponto mais alto atingida na semana passada, embora as vendas registradas fôssem limitadas a 430 operações comparadas com 694 transações durante a semana passada. A posição aberta melhorou outra vez, a terceira semana consecutiva, e o total de lotes pendentes de entrega foi de 2.219 lotes em comparação com 2.171 lotes na semana passada.

ÚLTIMAS COTAÇÕES: Durante a semana em revista houve pouca atividade no mercado físico do produto. A maioria dos torradores continua comprando de uma forma limitada apesar dos rumores insistentes de que o volume de suas compras terá que aumentar dentro de pouco tempo. Devido à falta de firmeza na procura os preços sofreram certa debilidade em comparação com a semana passada. O Santos 4 foi cotado ao redor de 50,50 c/ por libra e os colombianos, para embarque imediato, foram cotados de 57 a 57¼ c/ na base ex-doca Nova York.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA

	Semanas terminada em:	Estados Unidos	Dados Semanais Destinos Principais Europa	Outros	Total
BRASIL*	28-7-1951	217.000	62.000	28.000	302.000
	21-7-1951	92.000	71.000	47.000	210.000
	29-7-1950	300.000	88.000	25.000	413.000
COLÔMBIA**	28-7-1951	41.585	7.765	—	49.350
	21-7-1951	66.888	15.932	—	82.820
	29-7-1950	124.844	2.611	1.407	128.862

ESTOQUES DE CAFÉ NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

		Semanas findas em: 28-7-1951	21-7-1951	29-7-1950
BRASIL*	Santos	1.510.000	1.543.000	1.607.000
	Rio	477.000	494.000	649.000
	Vitória	57.000	60.000	81.000
	Paranaguá	379.000	404.000	66.000
	Pernambuco	14.000	15.000	15.000
	Bahia	20.000	19.000	28.000
	Angra dos Reis	25.000	29.000	1.000
	Total	**2.482.000**	**2.564.000**	**2.447.000**
COLÔMBIA**	Barranquilla	68.387	178.337	187.596
	Cartagena	70.528	69.713	101.760
	Buenaventura	155.426	115.230	172.487
	Cucuta	88.230	83.289	99.651
	Total	**282.571**	**446.569**	**561.494**

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK*

Países de origem (sacas de pesos diferentes)

Semana de:	Brasil	Colômbia	Outros	Total
28-7-1951	104.790	106.881	55.122	265.793
21-7-1951	95.962	97.911	56.857	250.730
29-7-1950	23.986	117.189	50.964	192.139

ESTOQUES NO INTERIOR DE SÃO PAULO*

Safra	30 Junho, 1951	31 Maio, 1951	30 Junho, 1950
1949-50	—	—	3.234.000
1950-51	2.448.000	2.905.000	—
Total	**2.448.000**	**2.905.000**	**3.234.000**

Despachos por estrada de ferro durante 1.º de Junho de 1950 a 31 de Maio de 1951 para:

Angra dos Reis	8.000
Rio	1.075.000
Santos	7.171.000
Outros ***	1.064.000
	9.318.000

(*) Dados da Bolsa de Café e Açúcar de Nova York.
(**) Dados da Federação Nacional de Cafeeiros de Colômbia.
(***) Inclue sacas de Paraná, Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás.

N.º 31 (Vol. VII) O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA 3 de Agôsto de 1951

PAÍSES PRODUTORES

Colômbia: Da revista "Foreign Commerce Weekly", de 30 do mês passado, reproduzimos a seguinte nota: "O Banco da República autorizou o registro e venda do café, no valor de US$ 5,600,000, que será exportado para a Alemanha de acôrdo com o tratado comercial entre aqueles dois países assinado em 1950. Nos primeiros dias de Junho último foram registrados pedidos para embarque em Junho, Julho e Agôsto. Não é provável que êsse tratado seja renovado ou que similares tratados com outros países europeus possam ser realizados à vista da impossibilidade daqueles países de proporcionar à Colômbia os artigos cuja importação alí é permitida por lei."

Nicarágua: Da revista "Foreign Crops and Markets" traduz-se o seguinte artigo sôbre a safra de café naquele país: "Segundo o Sr. J. P. Rourrk, da Embaixada dos Estados Unidos em Managua, a produção exportável dêsse país em 1951-52 foi calculada por alguns cafeicultores em umas 300.000 sacas. Para efeito de comparação, apresenta-se o quadro das cifras correspondentes às três safras exportáveis anteriores:

Safra	Sacas
1950-51 (estimativa)	270.000
1949-50	346.000
1948-49	110.000

"A florada da safra 1951-52 ocorreu em Junho e por conseguinte as cerejas estão ainda pequenas, fato que torna difícil calcular qual a percentagem que chegará a amadurecer. Assim, os lavradores de mais experiência não se atrevem a exprimir sua opinião relativamente ao volume da colheita. Em quase tôdas as regiões produtoras o tempo decorreu muito favorável. Na maioria das plantações as árvores têm boa folhagem e apresentam-se vigorosas.

"A safra exportável 1950-51, que fôra calculada em 210.000 sacas, rendeu 270.000 sacas exportáveis. O motivo mais aparente que explica a última cifra mais alta, é que a colheita nas regiões remotas do país foi melhor do que se esperava. Em tais regiões, como Jinotega, Nueva Segovia e Madriz, o acesso aos cafèzais é difícil e os lavradores vivem, por assim dizer, isolados dos grandes centros

de população. Consequentemente torna-se sobremaneira difícil fazer estimativas precisas sôbre a produção nessas regiões mais remotas do país. Por outro lado, e alí onde se encontra a maior parte das plantações novas cuja produção tem aumentado de ano para ano."

O Salvador: Da revista "Foreign Commerce Weekly", de 30 de Julho de 1951, reproduzimos a seguinte nota: "A safra exportável 1950-51 foi vendida mais cedo do que o usual e até Cuba e Panamá vieram ao mercado local para comprar o que restava no interior dos cafés inferiores exportáveis. Para o fim de Maio — segundo os dados da Companhia Salvadorenha de Café — os embarques da safra 1950-51 atingiam 1.020.932 sacas de 60 quilos e restavam unicamente nos portos 47.495 sacas da mesma safra aliás já comprometidos. E' ainda muito ceda para predizer o volume da próxima safra, mas à vista do tempo favorável até ao presente poder-se-ia augurar uma colheita pelo menos tão boa como a atual."

EUROPA

França: A imprensa local informa que esse país concluiu, recentemente, tratados comerciais com a Noruega e a União Aduaneira Belgo-Luxemburguesa nos quais entra a transferência de café colonial. O acôrdo comercial entre a França e a Noruega estipula que êste último país deverá importar, até 30 de Junho de 1952, café das colónias francesas no valor de um milhão de coroas norueguesas (cêrca de US$ 140,500.00). Ao passo que o acôrdo com a União Aduaneira Belgo-Luxemburguesa estipula que a França deverá importar pelo menos 25.000 sacas de café do Congo Belga durante o ano fiscal 1.º de Julho de 1951 a 30 de Junho de 1952.

Importações na Holanda: Êste país importou durante o mês Maio último .... 25.251 sacas de café cru com cuja cifra o total importado nos primeiros cinco meses do corrente ano, eleva-se a 149.601 sacas, ou seja uma redução de 36% em comparação com as importações durante o mesmo período do ano passado. A seguir apresentamos um quadro comparativo dessas importações, distribuidas por países de origem:

País de origem	Maio, 1951	Jan./Maio, 1951	Jan./Maio, 1950
Angola	6.431	66.828	69.177
Brasil	14.067	63.342	100.717
Indonésia	1.511	8.202	7.856
Timor Português	1.530	3.507	466
Colômbia	1.000	2.667	4.158
Costa Rica	7	1.861	2.603
Guatemala	582	1.128	587
Haiti	87	741	194
Etiópia	—	632	167
Venezuela	—	245	33
Outros	36	444	46.237 (*)
Total	25.251	149.601	232.195

(*) A cifra inclue café do Congo Belga, República Dominicana, Índia, Nicarágua, Malaia Inglêsa, Portugal, Tanganyika, Kenya, Uganda e México.

N.º 737 CARTA SEMANAL DO MERCADO 10 de Agôsto de 1951

SITUAÇÃO GERAL: O movimento deflacionista, que desde há semanas se fazia sentir na economia geral do país, parece que foi interrompido a julgar pelo comportamento dos vários mercados no decurso dos últimos dias. Com efeito, os níveis gerais dos preços, tanto na Bolsa de Valores como nos mercados de produtos primários, mostraram tendências altistas como resultado do reaparecimento da procura. Os preços, que desde Julho vinham mostrando maior resistência à pressão baixista, acentuaram essa resistência durante a semana em aprêço.

Na opinião dos analistas do mercado, é possível que o comércio atacadista e o comércio varejista tenham reduzido, em grande parte, os estoques acumulados e que a procura tenha finalmente começado a desgastar os suprimentos de um bom número de produtos primários e de artigos manufaturados.

Contudo, os indícios da semana não devem ser tomados como evidência conclusiva de que o país encontra-se a caminho de um período de estabilidade econômica que seja o augúrio de outro movimento altista contínuo, sobretudo quando se considera que a nova situação apresenta-se de forma um tanto irregular e incerta. Por outro lado, deve-se notar que já apareceram sinais de um novo curso na economia, mas esses sinais não foram suficientes para afastar o tom de cautela que ainda se observa nos círculos comerciais.

A atenção dos analistas está agora concentrada nas estimativas da produção, principalmente a produção agrícola, que serão reveladas pelas autoridades durante a semana próxima, segundo informam de Washington elementos do Govêrno. Não há dúvida que essas estimativas não tem certo efeito imediato no movimento dos preços, fenômeno esse que nos permitirá ajuizar melhor a situação.

Ainda não existem provas definitivas de que os preços estão no caminho ascendente, muito embora já tenham mostrado certas tendências nesse sentido. À falta de maior claridade na presente situação, seria mais prudente observar que os preços continuarão flutuando num rumo incerto durante as próximas semanas.

MERCADO DE CAFÉ: Embora as compras individuais dos torradores tivessem sido limitadas, a presença ativa de um bom número de comerciantes no mercado constituiu grande estímulo para a procura e produziu um bom volume de negócios durante a semana em revista.

Tanto os preços no mercado físico do produto como as cotações no têrmo local, recuperaram firmeza e registraram altas consideráveis em comparação com os níveis da semana passada. É possível que a situação geral do mercado, durante a semana, seja o indício do reaparecimento geral da procura caraterística do Outono, segundo esperavam os importadores.

No têrmo local o café recuperou atividade, sendo negociados um total de 542 lotes em comparação com o volume de 430 lotes durante a semana passada. A diferença entre a posição imediata e as posições mais distantes, expandiu-se durante a semana, segundo se pode observar no quadro junto, ao passo que as altas nas várias posições foram consideráveis. Com efeito os ganhos nas cotações foram em média de 120 pontos em comparação com o nível mais alto atingido na semana passada.

Pela primeira vez, desde há quatro semanas, a posição aberta sofreu pequena redução, sendo o total de lotes pendentes de entrega 2.170 comparado com 2.219 lotes na semana passada. Essa baixa não deve ser considerada, porém, como significativa porque à vista da alta substancial das cotações, desde o seu ponto baixo da semana, as liquidações das posições a descoberto devem ter sido numerosos.

ÚLTIMAS COTAÇÕES: Durante a semana em apreço, registrou-se maior atividade no mercado físico do produto como resultado do reaparecimento da procura. Consequentemente, os preços do grão foram estimulados e a sua média geral oscila entre 50,75 c/ e 51,25 c/ para o tipo Santos 4, na base F.O.B. Relativamente aos cafés colombianos, para embarque imediato, na base ex-doca Nova York, o mercado apresentava firmeza nas cotações entre 57-3/8 c/ e 57-3/4 c/. Alguns vendedores declararam que as transações durante a semana em revista foram em número superior ao das duas ou três semanas anteriores.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	Dados Semanais — Destinos Principais — Estados Unidos	Europa	Outros	Total
BRASIL*	7-8-1951	134.000	61.000	13.000	208.000
	28-7-1951	217.000	62.000	28.000	307.000
	5-8-1950	170.000	55.000	12.000	237.000
COLÔMBIA**	4-8-1951	154.721	5.068	5.775	165.564
	28-7-1951	41.585	7.765	——	49.350
	5-8-1950	167.497	1.863	1.921	175.281
	Dados Mensais				
BRASIL*	Julho, 1951 (*)	521.000	371.000	93.000	985.000
	Junho, 1951	572.000	157.000	108.000	837.000
	Julho, 1950	1.170.000	252.000	95.000	1.517.000
COLÔMBIA**	Julho, 1951	436.987	34.048	9.080	500.115
	Junho, 1951	409.887	11.901	10.666	432.454
	Julho, 1950	412.964	27.566	15.591	456.121

ESTOQUES DE CAFÉ NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos	Semanas terminadas em: 4-8-1951	28-7-1951	5-8-1950
BRASIL*	Santos	1.504.000	1.510.000	1.665.000
	Rio	472.000	477.000	683.000
	Vitória	62.000	57.000	94.000
	Paranaguá	383.000	379.000	62.000
	Pernambuco	13.000	14.000	15.000
	Bahia	19.000	20.000	26.000
	Angra dos Reis	26.000	25.000	1.000
	TOTAL	**2.479.000**	**2.482.000**	**2.546.000**

(*) Dados da Bolsa de Café e Açúcar de Nova York.
(**) Dados da Federação Nacional de Cafeeiros de Colômbia.
(***) Dados preliminares sujeitos a retificação.

COLÔMBIA**	Barranquilla	179.308	68.387	214.752
	Cartagena	67.911	70.528	102.655
	Buenaventura	85.510	155.426	111.883
	Cucuta	92.615	88.023	98.076
	TOTAL	**425.344**	**382.364**	**527.366**

ESTOQUES DE CAFÉ NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK*

	Países de origem (sacas de pesos diferentes)			
Semana de:	**Brasil**	**Colômbia**	**Outros**	**Total**
4-8-1951	75.564	107.816	54.035	237.415
28-7-1951	104.790	106.881	55.122	266.793
5-8-1950	22.727	117.072	50.624	190.423

N.º 32 (Vol. VII) O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA 10 de Agôsto de 1951

ESTADOS UNIDOS

Suprimento de Café: No boletim de George Gordon Paton & Co., desta cidade, apareceu, em sua edição de 6 do corrente, a seguinte carta-circular que o Sr. W. D. Roussel, de New Orleans, enviou recentemente aos seus clientes sôbre a situação cafeeira neste país:

"Todos conhecem o velho ditado: 'Não é possível vender mercadorias de um vagão vazio'. Hoje em dia muitas firmas estão tentando fazer negócios com os armazéns quase vazios. Essas firmas vivem no mêdo de que o mercado de café baixaria abrutamente deixando-as com enormes suprimentos comprados a altos preços. Embora o mercado não baixasse severamente, êle declinou, contudo, de forma gradual em face de procura mínima e da falta de atividade nos negócios. Devido a tais fatores, é mais que justificada uma atitude cautelosa. Porém, como resultado dessa atitude, os importadores de café cru não têm sentido nenhum entusiasmo em comprar o produto e consequentemente os estoques nas mãos do comércio importador são, agora, extremamente pequenos. Qualquer procura mais ativa nos disponíveis locais, eliminaria rapidamente êsses estoques.

"Já chegamos ao ponto em que uma grande parte dos torradores encontra-se, atualmente, com os seus inventários reduzidos ao mínimo. Ora acontece que ao realizarem-se vendas aos torradores, o café cru tem que ser despachado imediatamente à torrefação. Quando os navios sofrem demoras, muitas firmas vêem-se em dificuldades e, pior ainda, correm o risco de perder sua boa reputação na praça. Todos os torradores sentem justo orgulho na qualidade de suas misturas e esforçam-se por manter essa uniformidade de suas marcas, tal é a importância que êles dão aos cafés que habitualmente compram. Mas como poderão êles manter essa uniformidade quando chegam a depender completamente nos poucos lotes disponíveis, muitos dos quais indesejáveis?

"Não falta muito para que comece o frio e com êle a procura melhorará. Cremos que o torrador inteligente não vai esperar mais sob o risco de vêr-se sem café quando a procura melhorar. O torrador inteligente deverá comprar agora em vez de esperar inutilmente, pois de contrário ver-se-á forçado a adquirir cafés inferiores nos disponíveis. O torrador não deve esquecer o importante fato de que os países cafeicultores encontram-se numa posição favorável

em consequência dos bons lucros realizados nos últimos dois anos. Tanto o Brasil como a Colômbia parecem estar determinados a manter seus mercados e, muito embora o encargo financeiro seja eventualmente demasiado pesado, a verdade que êsses dois países têm recursos para manter eficazmente seus mercados de exportação durante vários meses. Aliás a sua missão foi já favorecida pela própria atitude do comércio cafeeiro neste país ao colocar-se na posição bastante vulnerável na qual está agora relativamente a suprimentos do produto."

Bolsa de Café de Nova York: Segundo informa a imprensa, os membros da Bolsa de Café e Açúcar de Nova York vão votar, no próximo dia 20, emendas aos Estatutos e Regulamentos dessa instituição. Uma das emendas diz respeito a extração de amostras de café (para efeitos de graduação e classificação) na doca, no sentido que permita ao membro da Bolsa cientificar-se de que o referido café é bom para entrega sob o Contrato na Bolsa. A Bolsa, por sua vez, emitirá um Certificado cobrindo tal café depois de assim classificado e declarado como boa entrega, quando removido dentro de dez dias para um armazém geral e êste declare que o café foi examinado e encontrado uniforme.

Outra emenda a aprovar pelos membros da Bolsa trata do café coberto por um Certificado da Bolsa que tenha sido vendido e entregue como outro Contrato além do Contrato da Bolsa. O membro que fizer a venda deverá, segundo a emenda em questão, entregar o Certificado sempre que o comprador o exija. Se o Certificado tiver desaparecido, a Bolsa emitirá um novo documento. No caso do café vendido e entregue sob outra forma além do Contrato da Bolsa por um indivíduo que não seja membro da Bolsa a um membro da mesma, se o Certificado não for entregue ao membro comprador, a Bolsa emitirá um novo certificado sob prova de que o café em questão não foi removido do armazém geral excepto de baixo da fiscalização da Bolsa.

AS EXPORTAÇÕES DE CHÁ BAIXARAM DURANTE 1950: Da revista "Foreign Crops and Markets", de 30 do mês passado, reproduzimos o seguinte artigo sôbre a produção e exportação de chá no mundo: "Durante 1950 as exportações mundiais de chá declinaram cêrca de 9% em comparação com as exportações de 1949. Essas exportações foram, em 1950, 870 milhões de libras, em comparação com 959 milhões de lbs. em 1949, 785 milhões de lbs. em 1948 e com a média anual de antes da guerra (1935-39) de 876 milhões de lbs.

"O declíneo em 1950 nas exportações de chá, foi o resultado de uma redução de quase 100 milhões de lbs. na exportação da Índia. Em 1949 a Índia exportou um total 'record' de 490 milhões de libras, mas em 1950 as exportações baixaram para 391 milhões de lbs. Normalmente a Índia exporta metade do chá que o mundo consome. Antes da guerra, Índia e Pakistan exportavam, conjuntamente, apenas 333 milhões de lbs. por ano. As exportações de Pakistan baixaram de 27 milhões de lbs. em 1949 para 16 milhões de lbs. em 1950, mas a produção no Pakistan está em aumento. Durante 1950 a Índia produziu cêrca de 605 milhões de lbs. de chá e consumiu aproximadamente 150 milhões de lbs.

"Em 1950 a Ásia exportou 96% do chá consumido no mundo e a África exportou práticamente o resto. Índia, Ceilão e Indonésia contribuiram com cêrca de 87% das exportações mundiais de chá em 1950. Ceilão ocupa o segundo lugar como região mais importante produtora de chá. As exportações de Ceilão, em 1950, foram de 298 milhões de lbs., cêrca da mesma quantidade exportada em 1949, mas consideràvelmente superior à média de antes da guerra, a qual era

de 222 milhões de lbs. A indústria de chá na Indonésia sofreu muito durante a guerra, mas está agora recuperando ràpidamente. Antes da guerra, a Indonésia exportava anualmente uma média de 153 milhões de lbs. de chá. Em 1947 as exportações foram ùnicamente de 9 milhões de lbs., mas aumentaram para 19 milhões de lbs. em 1948 para 53 milhões de lbs. em 1949 e para 70 milhões de lbs. em 1950.

"China é um dos maiores produtores de chá do mundo, mas consome quase tôda a sua produção nacional. Há poucos dados sôbre as exportações de chá da China quer em 1949 quer em 1950, mas crê-se que essas exportações foram de 20 a 25 milhões de lbs. As exportações de chá de Taiwan baixaram de 24 milhões, de bls. em 1949 para 15 milhões de bls. em 1950, mas está fazendo todos os esforços no sentîdo de expandir a produção e exportação de chá. As exportações de chá do Japão em 1950 foram no total de 16 milhões de lbs., aproximadamente o mesmo de 1949, mas muito menos que a média anual de exportação de antes da guerra, a qual era de 43 milhões de lbs. Porém, a produção de chá no Japão está aumentando e, como êsse país é a fonte principal de chá verde, espera-se que as suas exportações aumentem consideràvelmente no futuro. Chá verde (não fermentado) é muito popular na África e em certos países asiáticos, embora pequenas quantidades sejam consumidas nos Estados Unidos e outros países. A maioria das exportações de chá no mundo é da variedade preta (completamente fermentado).

As exportações africanas de chá quase que duplicaram desde a guerra. Em 1950, as exportação de chá da África foram no total de 34 milhões de lbs., comparadas com 27 milhões de lbs. em 1949 e com a média anual de antes da guerra de 18 milhões de lbs. As principais regiões produtoras de chá na África são Nyasaland, Kenya, Moçambique, Uganda, e Tanganyka."

Importações de Café na Austrália: Durante o passado mês de Maio a Austrália importou 6.248 sacas de café cru, das quais 2.138 vieram de Uganda, 926 da Indonésia, 800 de Tanganyika, 654 do Brasil, 573 de Timor Português, 510 do Congo Belga, 347 de Kenya, 200 de Aden e 101 da União Sul-Africana. Durante os primeiros cinco meses do corrente ano, as importações da Austrália subiram a 20.360 sacas, ou seja 16% menos do que o total importado durante o mesmo período do ano passado, que foi 24.099 sacas.

N.º 738 CARTA SEMANAL DO MERCADO 17 de Agôsto de 1951

SITUAÇÃO GERAL: Continuam aparecendo sinais de que os negócios estão melhorando, sobretudo naqueles ramos que até há pouco sofriam os efeitos de pesados estoques. Ao que parece, esses estoques estão desaparecendo, a tal ponto que o fato provocou já a procura de matérias primas por parte dos fabricantes, a qual só se esperava para o último trimestre do ano corrente.

Por outro lado, o público consumidor está aumentando suas compras no varejo, fato que os analistas do mercado consideram muito significativo, de vez que, normalmente, o público não regressa às lojas antes dos meados de Setembro, isto é, depois das férias do verão.

Contudo, é ainda muito cedo para se concluir que já desepareceram todas as causas da debilidade que os negócios vinham sofrendo desde há tempo. Mas a observação dos índices dos vários mercados do país mostra o fato, aliás bastante significativo, de que as suas tendências baixistas parecem haver terminado e que, pelo contrário, êles estão agora em linha ascendente.

MERCADO DO CAFÉ: Devido ao fato de que a semana em revista foi a terceira semana em que a atividade nesse mercado foi maior, é possível que estejamos presenciando, finalmente, o esperado regresso dos importadores ao mercado de café.

Como resultado da maior procura, as cotações continuam mostrando mais firmeza e seguiram, durante a semana, um curso ascendente sem qualquer interrupção. O motivo para aquela mudança de atitude dos importadores tem uma explicação fácil. À vista da importante redução nas espetativas da safra brasileira para êste ano e perante a desfavorável posição dos inventários de café neste país, causada pela atitude pessimista da indústria local sôbre o café nos últimos meses, os importadores foram forçados a intervir no mercado para poderem satisfazer a maior procura por parte dos torradores que sempre surge nesta época do ano.

No têrmo local as cotações têm registrado ganhos diários, particularmente nas posições mais distantes, as quais estão a caminho de diminuir o diferencial enorme que as separava das posições mais próximas. Como é natural, esse fato reflete a importante alteração estatística causada pela redução na estimativa da safra brasileira.

O volume de operações no têrmo voltou a exceder 500 lotes. E a posição aberta continuou em contração, diminuindo, desta vez, 21 lotes, fato que reflete as liquidações de posições a descoberto que sempre ocorre num mercado em alta.

ÚLTIMAS COTAÇÕES: À vista da crescente firmeza do mercado, observa-se uma completa ausência de pressão nas ofertas provenientes dos países produtores e êsse fato, no que diz respeito a Colômbia, colocou os níveis de preços dos seus cafés para entrega futura acima dos preços prevalecentes nos disponíveis locais.

Quanto aos cafés brasileiros, o tipo Santos 4, na base F.O.B., não é oferecido hoje a menos de 51,50% c/ ao passo que a oferta flutuava ontem entre 51c/ e 51,25c/. Os cafés colombianos para embarque imediato estão sendo negociados na base de 58-1/4c/, ao passo que os cafés para embarque em Setembro são cotados a 58-1/2c/.

No que respeita aos cafés de outras procedências, circulou ontem a notícia de que muitos cafeicultores de O Salvador estão pedindo o equivalente de $53,50c/ por quintal, F.O.B., pelo café da nova safra para embarque em Janeiro de 1952.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA

	Semanas terminadas em:	Dados Semanais — Estados Unidos	Destinos Principais — Europa	Outros	Total
BRASIL*	11-8-1951	234.000	65.000	44.000	343.000
	4-8-1951	134.000	61.000	13.000	208.000
	12-8-1950	230.000	128.000	20.000	378.000
COLÔMBIA**	11-8-1951	84.613	5.324	1.319	91.256
	4-8-1951	154.721	5.068	5.775	165.564
	12-8-1950	81.738	13.729	407	95.874

ESTOQUES DE CAFÉ NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

		Semanas terminadas em:		
	Portos	**11-8-1951**	**4-8-1951**	**12-8-1950**
BRASIL*	Santos	1.436.000	1.504.000	1.629.000
	Rio	455.000	472.000	622.000
	Vitória	76.000	62.000	99.000
	Paranaguá	393.000	383.000	79.000
	Pernambuco	12.000	13.000	14.000
	Bahia	20.000	19.000	26.000
	Angra dos Reis	27.000	26.000	2.000
	TOTAL	**2.419.000**	**2.479.000**	**2.471.000**
COLÔMBIA**	Barranquilla	173.554	179.308	195.469
	Cartagena	66.686	67.911	104.720
	Buenaventura	74.773	85.510	148.776
	Cucuta	96.419	92.615	98.493
	TOTAL	**411.432**	**425.344**	**347.458**

ESTOQUES DE CAFÉ NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK*

	Países de origem (sacas de pesos diferentes)			
Semana de:	**Brasil**	**Colômbia**	**Outros**	**Total**
11-8-1951	65.916	107.362	49.065	222.343
4-8-1951	75.564	107.816	54.035	237.415
12-8-1950	20.945	116.021	45.797	182.763

(*) Dados da Bolsa de Café e Açúcar de Nova York.

(**) Dados da Federação Nacional de Cafeeiros de Colômbia.

ESTADOS UNIDOS

Comitê Gillette: Do boletim sôbre o mercado de café, publicado pela firma local George Gordon Paton & Co., reproduzimos a seguinte notícia que alí apareceu a 10 do corrente: "O novo sub-comitê do Senado dirigido pelo Senador Spessard L. Holland, de Florida, o qual substitue o comitê Gillette, acaba de divulgar o seu relatório final. Esse relatório realça o fato de que as audiências sôbre o café duraram desde 5 de Dezembro de 1949 a 16 de Maio de 1950. Houve um total de 12 audiências públicas e todos os fatos relacionados com o café vieram à luz do dia como resultado de intenso trabalho de estudo e investigação. No que respeita ao aumento dos preços, o relatório diz o seguinte:

"Normalmente o consumidor deveria esperar que à medida que os preços dos produtos baixam, não haveria maior demora no ajustamento dos preços no varejo além da que é necessária para o movimento normal dos inventários. Da mesma maneira, quando os preços sobem no mercado, o consumidor deveria esperar que os preços no varejo sigam o mesmo curso tão depressa os estoques em mão se esgotem.

"As audiências que tiveram lugar devido ao aumento dos preços de alimentos e tecidos domésticos e as audiências realizadas devido ao aumento nos preços do café, indicam muito claramente que em mercados em declínio os produtores de alimentos não deixaram que seus preços baixassem de acôrdo com a redução no custo das matérias primas. Mas quando os mercados de produtos primários seguem um curso ascendente, os mesmos produtores sobem seus preços sempre que lhes seja possível, não só de maneira a refletir tais altas de preço como também, e em muitos casos, de maneira a incluir margens maiores de lucros para êles próprios.

"Na maior parte da indústria de alimentos tem-se observado uma expansão notável de facilidades que foram financiadas com essa parte do aumento dos lucros de que os acionistas não participaram. De tal maneira que os consumidores, ao pagar preços que deram aos produtores lucros acima do normal, converteram-se em agentes financeiros dos programas de expansão daquela indústria.

"As indústrias de produção e distribuição de alimentos, embora prestem serviços úteis ao país, aproveitam-se de todas as oportunidades que se lhes apresentam para aumentar ou manter seus preços. Não cometem com isso dano nenhum se agirem por sua própria conta sem violar as leis do país e com tanto que não haja errôneas interpretações, aplicações ilegais da lei ou falta de sua aplicação na administração dos estatutos federais relacionados com os produtos alimentícios.

"Convém realçar que tanto o Departamento de Justiça como a Federal Trade Comission têm de exercer extrema vigilância no sentido de que reprimam quaisquer conspirações ou monopólios tão depressa sejam descobertos. A dependência do ser humano em alimentos e tecidos para a sua existência quotidiana exige que a Seção Anti-Trust do Departamento de Justiça dê prioridade aos casos de restrições ao comércio ou práticas monopolísticas nesses campos."

Embora as 43 páginas do "Relatório Final" do Sub-comitê tratem extensamente de artigos como o pão, leite, e carne, não se encontra outra referência ao café além da que é feita no Apéndice, onde se apresenta uma lista das testemunhas que compareceram perante o referido Comitê e se publica a legislação proposta pelo Sub-comitê.

Nessa legislação proposta pelo Sub-comitê há um projeto sob a classificação "S. 3577" para ampliar as medidas da Commodity Exchange Act no sentido que abranja também ao café, e uma emenda à lei "H. R. 8920" para lançar impôsto sôbre os lucros dos especuladores estrangeiros que operam nos mercados dos Estados Unidos. Ambas propostas foram enviadas à atenção dos comitês do 81 Congresso mas nenhuma decisão foi tomada a tal respeito."

A SITUAÇÃO DO CAFÉ NOS ESTADOS UNIDOS: Com êsse título a firma de corretores desta praça, Merrill Lynch, Pierce, Fenner & Beane, publicou o seguinte relatório que reproduzimos:

"À vista de que as importações são, agora, inferiores à estimativa do consumo e devido aos rumores de que os consideráveis estoques de que se falou no princípio do ano, estão-se esgotando, pensamos que seria oportuno fazer uma investigação nos vários centros mais importantes do país para verificarmos o que o comércio pensa da situação atual do café. Os resultados obtidos com essa investigação, são os seguintes que esperamos tenham interêsse:

"Boston — Espera-se que a atividade comece em Setembro. Os suprimentos são amplos mas não tão grandes como nos anos anteriores.

Chicago — Todos concordam que os negócios não estão abaixo do normal mas que se mantêm. Este verão tem sido melhor que o verão dos anos anteriores.

Cleveland — Diz-se que a procura não é boa. Os negócios continuam na base da "mão à boca".

Detroit — Em comparação com outros anos, os negócios não são tão bons. Não há cafés das qualidades baratas.

Houston — Os negócios estão sofrendo como consequência da onda de calor que assola a região. O consumo declinou, causando acumulação de estoques.

Lansing — O estado de Michigan tem sido um verão fresco e os negócios correm bem. Crê-se que a atitude do comércio de comprar ùnicamente para as necessidades imediatas do consumo, terá que mudar bem depressa para poder enfrentar o consumo muito maior da época fria que se avizinha.

Menphis — As condições climatológicas tem sido um fator importante. O calor foi a causa de uma procura débil e não se vê nenhum optimismo pelo menos até ao Outono. Parece que vae ser difícil provocar uma verdadeira procura.

Nashville — As opiniões variam consideràvelmente desde os que vêem um aumento de 15% nos negócios de verão até aos crêem que houve uma diminuição de 15%.

New Orleans — Diz-se que se nota um decidido interêsse por parte dos torradores. Recebem-se mais perguntas que pedidos de compra, mas a maioria exprime a opinião de que os torradores estiveram tanto tempo fora do mercado que êles têm agora que comprar.

Philadelphia — Diz-se que os negócios continuam lentos, mas que novas compras pelos torradores não deverão demorar muito.

San António — Nada indica que tenha havido aumento da procura por parte dos torradores desta região.

San Francisco — O movimento do café no varejo é lento. Os suprimentos em mão dos torradores estão baixos e há muito pouco café disponível. Nos últimos dias, porém, tem havido maior interêsse por parte dos torradores e tem-se a impressão de que tão depressa a procura aumente com a chegada do Outono êles terão que reingressar no mercado muito mais ativamente.

St. Louis — Os negócios até agora não têm mostrado nenhum sinais de haver melhorado. Os varejistas e as "cadeias" estão, na realidade, comprando menos café do que há um ano. Espera-se que a situação melhorará dentro de um mês, mas será apenas de temporada. Diz-se que os torradores pequenos deixaram quase que esgotar seus estoques e que poderá haver um ressurgimento da procura para satisfazer os negócios da temporada."

N.º 739 CARTA SEMANAL DO MERCADO 24 de Agôsto de 1951

SITUAÇÃO GERAL: As dificuldades surgidas nas negociações da Inglaterra com a Pérsia relativamente ao problema petrolífero neste último país e a interrupção das conversações de paz na Coréia, tiveram visível influência no curso dos mercados aqui. A marcha ascendente do índice dos valores foi momentâneamente interrompida no princípio da semana mas ontem os preços reagiram conseguindo recuperar quase todo o terreno perdido anteriormente. Por outro lado, o índice dos produtos primários, que havia tomado um curso ascendente desde a segunda quinzena de Julho, recebeu maior impulso como consequência dos acontecimentos internacionais na esperança de uma possível aceleração do programa de rearmamento. Como é óbvio, e à vista dos motivos que ocasionaram aquela alta, não seria de estranhar que melhores notícias da situação internacional venham porteriormente influir no sentido oposto.

Quanto a situação econômica em geral, poder-se-ia dizer que o recrudescimento da atividade será observada gradualmente até ao fim do ano dependendo apenas sua intensidade da absorção de inventários e portanto do volume de compras do público consumidor. Deve-se observar, contudo, que pelo menos no que respeito ao futuro imediato, êsse melhoramento nos negócios não significa imediatamente um incremento da pressão inflacionista, de vez que perante os bons suprimentos através do país, e tomando em conta o notável aumento da capacidade produtiva da nação durante os últimos doze meses, não se pode dizer que esteja próximo um período de escassez de artigos de consumo, a qual é considerada como requisito para uma situação verdadeiramente inflacionista.

MERCADO DE CAFE: Não obstante o fato de que o mercado do grão manteve-se firme durante a semana em revista e o volume de negócios foi satisfatório, muito embora um pouco inferior ao das últimas semanas, teve lugar na terça e quarta-feira um movimento baixista no termo. Deve-se observar, porém, que tais movimentos não são desusuais num mercado forte e, quando êles ocorrem, geralmente após um longo período de cotações altas, dá-se-lhes o nome de "correção técnica".

Ontem, contudo, e em face dos acontecimentos internacionais acima descritos, o mercado voltou a mostrar firmeza e, para o fim do dia, registrava ganhos de cêrca de 1/4 c/ a 3/8 c/ através de todas as posições. Os ganhos líquidos para a semana, tomando em consideração as altas registradas na sexta-feira anterior e na segunda-feira, foram maiores de vez que, tal como se poderá ver no quadro estatístico anexo a esta CARTA, são em média de mais de 1/2 c/, conseguindo a posição mais distante de Julho de 1952 um ganho líquido de 3/4 c/.

O número total de transações expandiu-se sensìvelmente, havendo atingido 731 lotes negociados, em comparação com 529 lotes na semana passada. Em contraste com a última quinzena, notou-se um aumento de 66 lotes na posição aberta, a qual somava 2.215 lotes esta manhã.

ÚLTIMAS COTAÇÕES: Notou-se muita pouca oscilação, durante a semana em revista, nos preços do mercado físico do café, os quais mantiveram-se, de uma maneira geral, aos mesmos níveis da semana anterior. Por exemplo, o Santos 4 continua sendo cotado de 51 c/ por libra para cima, conseguindo, aliás, os tipos bem descritos daquela classificação preços relativamente substanciais.

Similarmente, os cafés colombianos não mostram nenhuma alteração de consequência e, de uma maneira geral, continuam sendo cotados aos mesmos preços da semana passada, ou sejam, de 58-1/4 c/ a 58-1/2 c/ por libra, para embarque, na base ex-doca Nova York. Nesta altura, convém notar que, no que respeita aos cafés disponíveis locais, seus preços têm ultimamente caminhado para um nível mais aproximado ao custo da substituição, fato que vem aliás confirmar a impressão agora predominante nesta praça de que não há, atualmente, grande abundância de tais cafés.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

		Dados Semanais			
	Semanas	Estados	Destinos Principais		
	terminadas em:	Unidos	Europa	Outros	Total
BRASIL*	17-8-1951	135.000	83.000	20.000	238.000
	11-8-1951	234.000	65.000	44.000	343.000
	19-8-1950	202.000	51.000	3.000	256.000

COLÔMBIA**	17-8-1951	62.869	13.689	116	76.674
	11-8-1951	84.613	5.324	1.319	91.256
	19-8-1950	107.853	10.635	5.584	124.072

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA

		Semanas terminadas em:		
	Portos	**17-8-1951**	**11-8-1951**	**19-8-1950**
BRASIL*	Santos	1.394.000	1.436.000	1.766.000
	Rio	436.000	455.000	630.000
	Vitória	71.000	76.000	119.000
	Paranaguá	403.000	393.000	70.000
	Pernambuco	11.000	12.000	12.000
	Bahia	21.000	20.000	26.000
	Angra dos Reis	28.000	27.000	1.000
	Total	**2.364.000**	**2.419.000**	**2.624.000**
COLÔMBIA**	Barranquilla	193.880	173.554	194.706
	Cartagena	70.711	66.686	101.613
	Buenaventura	67.021	74.773	151.691
	Cucuta	96.420	96.419	95.810
	Total	**428.032**	**411.432**	**543.820**

ESTOQUES DE CAFÉ NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK*

Países de origem (sacas de pesos diferentes)

Semana de:	**Brasil**	**Colômbia**	**Outros**	**Total**
17-8-1951	50.538	109.711	45.113	205.362
11-8-1951	65.916	107.362	49.065	222.343
19-8-1950	21.605	116.860	44.649	183.114

ESTOQUES DE CAFÉ NO INTERIOR DE SÃO PAULO*

Safra	**Julho de 1951**	**30 de Junho de 1951**	**31 de Julho de 1950**
1949-1950	——	——	1.945.000
1950-1951	2.056.000	2.448.000	——
Total	**2.056.000**	**2.448.000**	**1.945.000**

Despacho por estrada de ferro durante Julho de 1951 para:

Santos	1.275.000
Rio	24.000
Angra dos Reis	——
Outros ***	14.000
	1.313.000

(*) Dados da Bolsa de Café e Açúcar de Nova York.
(**) Dados da Federação Nacional de Cafeeiros de Colômbia.
(***) Inclue sacas de Paraná, Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás.

PAÍSES PRODUTORES

Colômbia: Do boletim sôbre o mercado de café que a firma local, George Gordon Paton & Co., publica diàriamente, reproduzimos a seguinte nota sôbre a situação naquele país: "Segundo o último boletim da Associação de Exportadores de Colômbia, parece que a opinião geral nos círculos cafeeiros colombianos é que o café daquela procedência vae manter-se firme no mercado dos Estados Unidos durante os meses que faltam até à nova colheita. A nova colheita começa no fim de Setembro e em Outubro, mas chuvas nessa época não são desusuais e frequentemente interferem com o transporte bem como com a preparação do produto nas plantações. Por consequência, quando há chuvas torrenciais, o café não chega às usinas de beneficiamento até ao princípio de Novembro, para exportação no fim dêsse mês ou em Outubro.

Na opinião da Associação de Exportadores, "as exportações de Colômbia serão reduzidas durante a última quinzena de Agôsto e durante Setembro". A esse respeito, porém, é de presumir que haverá suficiente café para satisfazer todos os pedidos se o seu preço for atrativo. Os elementos do comércio local que crêem que o suprimento de café colombiano continuará "apertado" até a próxima colheita, citam, primeiro, o fato de que a maioria dos outros produtores de cafés "suaves" encontram-se já sem café, o que significa que a Colômbia será, por assim dizer, a única fonte de tais cafés. Êles realçam, também, que a Alemanha vae comprar cêrca de 67.000 sacas dêsse café na próxima semana e que a Suécia parece já ter começado a comprar cêrca de 30.000 sacas, a preços tão altos como US$87.50 por saca, F.O.B. Essas compras, juntamente com as 10.000 sacas que as Fôrças Armadas dos Estados Unidos estão comprando êsse mês, significam uma procura de aproximadamente 100.000 sacas acima da quantidade que os torradores americanos necessitam".

Puerto Rico: Da revista "Foreign Crops and Markets" reproduzimos a seguinte notícia sôbre a situação naquela ilha: "Tempo favorável e o programa de conservação do café contribuiram para um aumento na produção para 300.000 quintais (230.000 sacas) em 1951 — a maior safra na ilha desde 1927 — segundo informa o Departamento de Agricultura de Puerto Rico, o qual estima que a esperada safra de 300.000 quintais será 19% superior à média de 10 anos e 74% acima dos 172.000 quintais (131.867 sacas) produzidos o ano passado. Durante os últimos anos o consumo local tem absorvido a produção de Puerto Rico a qual é suplementada com importações de café torrado da República Dominicana. Durante o período 1910/1919 as exportações de café de Puerto Rico foram na média de 300.000 sacas por ano, depois dos cafèzais haverem sido rehabilitados em seguida à tempestade de 1899. Durante a década de 1920, porém, a média das exportações baixou para cêrca de 150.000 sacas. A grande tempestade de Setembro de 1928 quase que destruiu a indústria. Desde então a rehabilitação dos cafèzais tem sido vagarosa e Puerto Rico não tem podido exportar nenhum café".

ESTADOS UNIDOS

A Importância do Café na Vida Nacional: Da revista local "Tea and Coffee Trade Journal" reproduzimos o seguinte interessante artigo sôbre o importante papel

que o café desempenha na vida nacional: "Na cena de qualquer sinistro a primeira cousa em que se pensa é café; em 99% dos casos de desastre ou mesmo em 100% dêsses casos, o primeiro alimento que se dá à vítima de um desastre é o café"; assim nos disse o Sr. Colin Herrle, Diretor Nacional dos Serviços de Desastres da Cruz Vermelha Americana, com sede em Washington.

"A Sra. Pauline Murrah, da seção de dietética da Cruz Vermelha Americana, refere-se à xícara de café como o elemento de primordial importância para manter o alto espírito dos seres humanos em ocasiões de perigo. Ela evocou os quase milagrosos efeitos da "xícara vivificante" nos bombeiros de Nova York quando estes passaram horas dificílimas combatendo um grande incêndio durante uma tempestade de neve. "Quando nos trouxeram os bombeiros ao posto de socorros —disse a Sra. Murrah— tivemos que limpar o gêlo que se havia acumulado em seus corpos e imediatamente servimos-lhes café quente. O café restituiu-lhes a vida".

O Sr. Colin Herrle, ao qual já nos referimos acima, considera o café indispensável para todas as pessoas envolvidas em desastre, para as vítimas, para os refugiados e mesmo para o pessoal que veio em seu socorro. Não só as vítimas sentem os efeitos calmantes do café —declarou aquele veterano de milhares de desastres— como também as pessoas que prestam os primeiros socorros as quais, esgotada pelo cansaço, sentem suas fôrças e o seu ânimo reviver ao tomar uma ou mais xícaras de café. "O nosso pessoal —disse o Sr. Herrle— trabalha frequentemente em turnos de 18 horas, às vezes 24 horas, e cada trabalhador da Cruz Vermelha consome uma média de 18 a 20 xícaras de café por dia. O café mantem-nos alertos e com a mente clara.

"Referindo-se aos difíceis dias que êle passou socorrendo as vítimas da terríivel inundação na Luisiana em 1927, o Sr. Herrle disse: "Começávamos invariàvelmente o dia com uma xícara de café preto bem forte às seis horas da manhã, por mais calor que fizesse".

"A cafeteira quente tornou-se, assim, um símbolo familiar e alentador para milhares de pessoas às quais a Cruz Vermelha tem prestado socorro. A Cruz Vermelha, que atualmente está treinando milhares de indivíduos para os serviços voluntários de desastres, ensina que a primeira coisa a fazer nas estações de socorro é oferecer uma xícara de café quente às vítimas. Entre os cursos obrigatórios da Cruz Vermelha, conta-se o curso que ensina a preparar adequadamente o café para grupos de 25 a 1.000 pessoas. Nas instruções da Cruz Vermelha para a preparação adequada do café, não foi descurado o assunto do sabor e aroma da bebida.

"A Sra. Murrah disse-nos que por ocasião do furacão que assolou a Costa de New Jersey no ano passado, os trabalhadores da Cruz vermelha foram de casa em casa para alimentar cêrca de 14.000 pessoas que haviam sido isolados pelas águas. Em todas as casas, o café era a bebida mais popular. A Sra. Murrah disse que fazia um frio agudo e que tanto os adultos como as crianças agradeceram o café da Cruz Vermelha como uma bendição.

"O Sr. Herrle disse-nos que por ocasião da inundação do Rio Winipeg, no Canadá, na primavera de 1950, apresentou-se outro exemplo do papel que o café desempenha nas situações de emergência. Êle disse que entre os 50.000 trabalhadores de diques e os milhares de refugiados das regiões inundadas, foram consumidos 81.000 "galões imperiais" de café quente durante o período mais crítico do desastre, que durou nove semanas. Essa enorme quantidade de café foi consumida ùnicamente nos postos de socorro. Aquela quantidade corresponde a um total de 2.146.500 xícaras. A grande procura de café durante aquele desastre no Canadá,

deu lugar à formação de um fundo especial para café. Não só a Cruz Vermelha como também os "Boy Scouts" ajudaram na distribuição do café entre as vítimas daquela terrível inundação.

"O café faz parte da vida americana, tal como a noite da independência com seus fogos de artifício. Mas são nas emergências que o café surge, realmente, como artigo de inestimável valor. Com efeito, durante os períodos de crsie pensamos primeiro em café e é na xícara de café que pensamos quando o perigo passou. Não resta dúvida que pensamos continuamente no café amigo".

Pó em Sacos Individuais para uma Xícara da Bebida: Do "New York Journal of Commerce", de 20 do corrente, reproduzimos a seguinte notícia sôbre o progresso das vendas de café em sacos individuais de uma xícara: "Durante o primeiro trimestre de 1951 as vendas de "Steepolator" triplicaram, segundo anunciou Modern Coffes, Inc., de Boston. "Steepolator" é a marca de sacos de pó de café contendo a quantidade suficiente do produto para uma xícara da bebida. Segundo o presidente da companhia a procura de "Steepolator" tem excedido a produção não obstante a contínua expansão das facilidades produtivas durante os últimos seis meses".

N.º 740 CARTA SEMANAL DO MERCADO 31 de Agôsto de 1951

SITUAÇÃO GERAL: A semana decorreu num ambiente calmo sem nenhum acontecimento quer de natureza exterior quer interna que pudesse afetar a situação. Os vários mercados mostram-se, agora, muito menos sensitivos aos acontecimentos internacionais, parecendo assim indicar que já "descontaram" o curso de tais acontecimentos quer no sentido pessimista, isto é, da situação piorar, quer no sentido otimista, isto é, de aumentarem as possibilidades de paz, mas com a exceção, naturalmente, de alterações radicais em qualquer dêsses sentidos.

Poder-se-ia dizer que é sôbre a situação nacional e suas tendências que neste momento se fixa a atenção dos círculos comerciais do país. A diminuição da atividade é evidentemente devida aos três dias feriados que marcam o fim do verão, ao passo que é durante o outono que os negócios retomam sua atividade normal. Consequentemente, toda a gente espera que a procura reapareça dentro em breve.

Os analistas do mercado, ao comentarem sôbre o assunto, exprimiram a opinião que, embora o potencial inflacionista vá aumentar doravante à vista da expansão do programa de defesa e da consequente limitação no fabrico de artigos para o consumo civil, provàvelmente a economia geral talvez mostre nos próximos meses uma sensível estabilidade e os preços da maioria dos artigos sejam, assim, determinados pela posição de suprimento e procura de cada produto em particular. Por conseguinte, não se deve esquecer que embora o público esteja bem abastecido devido às grandes compras realizadas depois da guerra na Coréia, sua capacidade aquisitiva está aumentando sensìvelmente, segundo o indica o crescente nível das contas nos bancos, as quais continuarão aumentando à vista dos salários mais altos através do país e do incremento da população trabalhadora a qual estabelece um novo "record" em meses sucessivos.

MERCADO DE CAFÉ: Com a desculpa da festa de "Labor Day", o comércio local reduziu, durante a semana, suas atividades e, devido à ausência de procura, os preços mostraram certa debilidade e registraram, mesmo, algumas baixas. A opinião geral na praça é que essa situação é puramente passageira, de vez que os suprimentos de café através do país são apenas suficientes para satisfazer as neces-

sidades do consumo, o qual aliás vae aumentar daqui para o futuro à medida que a temperatura for baixando.

No têrmo local as liquidações da posição imediata de Setembro influiram desfavoràvelmente no mercado, fazendo-o baixar nas posições próximas por falta de procura. Por outro lado, as posições distantes mostraram maior estabilidade, havendo ùnicamente baixado 9 e 5 pontos respetivamente nas posições de Maio e Julho de 1952, em comparação com a baixa de 50 a 45 pontos nas posições de Setembro e Dezembro dêste ano. O número total de operações foi substancial, pois atingiu a boa cifra de 603 lotes, ao passo que a posição aberta voltou a se expandir, somando, esta manhã, 2.234 lotes em comparação com 2.215 lotes na sexta-feira passada.

Embora se espere maior atividade para a próxima semana, é muito possível que a expansão das operações de compra só tenha lugar de uma forma gradual e progressiva, de vez que muitos elementos importantes do comércio cafeeiro, que se ausentarão desta cidade no fim de semana, demoram seu regresso por vários dias e talvez não voltem à praça senão no princípio da segunda semana de Setembro. É conveniente que os países produtores tenham esse fato em mente para evitar uma acumulação excessiva de ofertas as quais, ao não encontrarem mercado, poderiam ocasionar uma flutuação prejudicial nos níveis de cotações.

ÚLTIMAS COTAÇÕES: No mercado físico do produto, os cafés brasileiros mostraram notável firmeza e, tal como na sexta-feira passada, o tipo Santos 4 continua sendo cotado a 51 c/ por libra na base F.O.B. Por outro lado, os cafés colombianos mostraram certa debilidade, sendo os disponíveis cotados a 57-1/2 c/, mais ou menos, e os cafés para embarque de 57-3/4 c/ a 57-7/8 c/.

Essa falta de firmeza nos cafés colombianos foi atribuida a rumores puramente locais, provàvelmente postos a circular por elementos interessados, acêrca de uma iminente baixa da moeda colombiana. A esse respeito, deve-se lembrar que ainda recentemente o Ministro da Fazenda de Colômbia declarou que o seu país não pensava, neste momento, em alterar a paridade da moeda colombiana.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

Semanas terminadas em:		Dados Semanais Destinos Principais			
		Estados Unidos	Europa	Outros	Total
BRASIL*	25-8-1951	142.000	71.000	27.000	240.000
	18-8-1951	135.000	83.000	20.000	238.000
	26-8-1950	294.000	109.000	12.000	415.000
COLÔMBIA**	25-8-1951	50.376	7.719	——	58.095
	18-8-1951	62.869	13.689	116	76.674
	26-8-1950	117.548	27.125	3.050	147.723

ESTOQUES DE CAFÉ NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

		Semanas terminadas em:		
	Portos	**25-8-1951**	**18-8-1951**	**26-8-1950**
BRASIL*	Santos	1.384.000	1.394.000	1.797.000
	Rio	459.000	436.000	650.000
	Vitória	82.000	71.000	117.000
	Paranaguá	474.000	403.000	307.000
	Pernambuco	12.000	11.000	15.000
	Bahia	21.000	21.000	26.000
	Angra dos Reis	32.000	28.000	1.000
	TOTAL	**2.464.000**	**2.364.000**	**2.913.000**
COLÔMBIA**	Barranquilla	184.300	193.880	189.132
	Cartagena	14.545	70.711	104.801
	Buenaventura	94.407	67.021	155.503
	Cucuta	95.153	96.420	94.337
	TOTAL	**388.405**	**428.032**	**543.773**

ESTOQUES DE CAFÉ NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK*:

Países de origem (sacas de pesos diferentes)

Semana de:	**Brasil**	**Colômbia**	**Outros**	**Total**
25-8-1951	45.143	111.573	42.560	199.276
18-8-1951	50.538	109.711	45.113	205.362
26-8-1950	29.441	116.028	45.249	190.718

(*) Dados da Bolsa de Café e Açúcar de Nova York.

(**) Dados da Federação Nacional de Cafeeiros de Colômbia.

N.º 35 O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA 31 de Agôsto de 1951

EUROPA

Uma Análise do Comércio de Café no Velho Continente: A revista local "Tea and Coffee Trade Journal" publicou, recentemente, um interessante artigo do Sr. Jacques Louis-Delamare sôbre o café na Europa. Dêsse artigo reproduzimos os seguintes trechos: "O desenvolvimento do comércio cafeeiro europeu nos últimos cincoenta anos, pode ser dividido em três períodos: 1) o de antes da guerra 1914-1918; o período entre as duas guerras, isto é, 1919 a 1939; e o período do após guerra que começou em 1945. O primeiro dêsses períodos foi dominado pela política das **valorizações,** tão bem descrita no livro de William H. Ukers "All About Coffee". O segundo período que vae de 1919 a 1939, presenciou as **grandes queimas** do café brasileiro devido à super-produção. O terceiro período é caraterizado pela alta dos preços. Os preços "tetos" de 13-3/8 c/ em que estavam congelados os cafés Santos 4 em 1945, subiram para 55 c/ em 1951.

"Em 50 anos, durante os quais a população dos Estados Unidos aumentou o dôbro, o consumo subiu de seis milhões de sacas para 20 milhões de sacas. Na

Europa importavam-se, em 1900, um total de 8.490.000 sacas e em 1951 continua-se importando mais ou menos a mesma cifra. Para ser exato, o total das importações de café em 1950 foi de 8.130.000 sacas. Apesar disso, porém, cremos que há grandes possibilidades latentes na Europa para um aumento no consumo de café.

"Não é difícil ver que por detrás das estatísticas sôbre o café, persistem duas tendências na Europa, por um lado o desejo de suas populações de saciar seus prazeres e inclinações e portanto de consumir grandes quantidades da deliciosa bebida que é o café, e por outro lado vemos o êrro humano, a guerra, a tirania interpondo-se à consecução dessas simples aspirações.

"Temos confiança que o consumo de café deverá aumentar na Europa, de maneira considerável, no futuro, não tanto pelo que o produto significaria para o aumento nas atividades comerciais, como pela convicção que temos de que na velha Europa o café ainda é o símbolo da liberdade.

"No quadro que reproduzimos a seguir, vamos oferecer dados acêrca das importações de café na Europa nos três anos dentro de cada período acima mencionado. Esses anos são 1900, 1925 e 1950. As cifras correspondentes ao ano de 1900 representam o consumo e as cifras dessa mesma coluna pertencentes a Finlândia, Grécia, Iugoslávia, Polônia, Portugal e Checoslováquia, encontram-se incluídas em "Áustria" ou em "Outros países":

	1900	1925	1950
França	1.480.000 sacas	3.134.000 sacas	2.495.000 sacas
Alemanha	2.670.000	1.507.000	443.000
Holanda	980.000	1.010.000	372.000
Bélgica	440.000	662.000	1.001.000
Inglaterra	230.000	555.000	675.000
Itália	235.000	703.000	730.000
Suécia	480.000	609.000	568.000
Suiça	152.000	182.000	421.000
Noruega	246.000	240.000	245.000
Dinamarca	123.000	342.000	260.000
Espanha	140.000	323.000	131.000
Áustria	720.000	126.000	76.000
Finlândia	—	315.000	248.000
Grécia	—	78.000	72.000
Iugoslávia	—	137.000	8.000
Polônia	—	103.000	8.000
Portugal	—	23.000	128.000
Checoslováquia	—	213.000	28.000
Turquia	112.000	86.000	92.000
Outros países	350.000	68.000	130.000
TOTAL	**8.358.000**	**10.416.000**	**8.131.000**

MAIORES AS IMPORTAÇÕES DE CAFÉ NOS ESTADOS UNIDOS EM 1950/51: Da revista "Foreign Crops and Markets" de 27 do corrente, reproduzimos o seguinte artigo sôbre as importações de café neste país em 1950/51: "De acôrdo com os dados do "Census Bureau", as importações de café cru nos Estados Unidos em 1950/51 (Julho de 1950 a Julho de 1951) aumentaram 9% em volume e 57% em valor quando comparadas com as importações de 1949/50. Os Estados Unidos importaram 21.200.000 sacas de café cru, no valor de US$1,368,000,000, em 1950/51. Essas cifras são de comparar com a importação de 19,400,000 sacas, no valor de ..

US$869,000,000, em 1949/50, com 21.000 de sacas, no valor de US$709,000,000, em 1948/49 e com a média anual de antes da guerra (1935-1939) de 13.900.000 sacas no valor de US$140,000,000. O valor por libra das importações de café aumentou da média de 7,6 c/ para 25,5 c/ em 1948/49, para 33,9 c/ em 1949/50 e para 48,7 c/ em 1950/51.

"Durante 1950/51 as importações de café aumentaram no que respeita a todas as principais regiões produtoras. As importações da América do Sul aumentaram de 15.460.000 sacas em 1949/50 para 16.293.000 sacas em 1950/51. As importações de café da América do Norte aumentaram de 3.309.000 sacas em 1949/50 para 3.934.000 sacas em 1950/51 e as importações da África aumentaram de 584.000 sacas em 1949/50 para 967.000 sacas em 1950/51.

"A relativa importância da América do Sul e Ásia como fontes de abastecimento de café para os Estados Unidos declinou desde antes da guerra, ao passo que a relativa importância da América do Norte e da África tem aumentado. Antes da guerra, a América do Sul contribuia com 84,3% das importações de café nos Estados Unidos, comparado com 83,1% em 1948/49, 79,7% em 1949/50 e 76,8% em 1950/51. A Ásia costumava contribuir com 1,5% das importações de café nos Estados Unidos antes da guerra, comparado com ùnicamente 0,2% em 1950/51. A América do Norte contribuia com 12,2% nas importações de café dos Estados Unidos antes da guerra ,ao passo que em 1948/49 contribuiu com 15,1%, em 1949/50 com 17,1% e em 1950/51 com 18,5%. A África, antes da guerra, contribuia com 1,6% nas importações de café dos Estados Unidos, em 1948/49 contribuiu com 1,7%, em 1949/50 com 3% e em 1950/51 contribuiu com 4,6%.

"Só o Brasil contribue com mais de metade do café importado nos Estados Unidos. As importações dessa origem aumentaram de 10.807.000 sacas em 1949/50 para 11.352.000 sacas em 1950/51. O Brasil contribuia, antes da guerra, com 59,6% do total das importações de café nos Estados Unidos, comparado com 56% em 1948/49, 55,7% em 1949/50 e 53,5% em 1950/51.

O total dos estoques visíveis de café nos Estados Unidos (inventários de café cru e grão equivalente a café torrado em mãos dos torradores) é calculado, extra-oficialmente, em 3.800.000 sacas, a 30 de Junho de 1951, comparado com 4.000.000 de sacas em 31 de Março de 1951, 3.200.000 sacas em 30 de Junho de 1950 e 3.900.000 sacas em 30 de Junho de 1949".

CAFÉS COLONIAIS

Produção na Africa Oriental Inglesa em 1951-1952: Da revista "Foreign Commerce Weekly" reproduzimos a seguinte nota sôbre a safra 1951/52 naquela possessão inglêsa na África: "Espera-se que a produção de café na África oriental Inglêsa seja de aproximadamente 1.225.000 sacas em 1951/52, segundo o Sr. R. M. Schneider, do Consulado Geral dos Estados Unidos em Nairobi. Essa estimativa é de comparar-se com a produção de 1.080.000 sacas em 1950/51, com 790.000 sacas em 1949/50 e com a média anual de 785.000 sacas antes da guerra. O aumento previsto para 1951/52 é principalmente atribuído a excepcional florada seguida de chuvas copiosas sem precedente nos últimos 25 anos. De vez que o consumo doméstico é muito pequeno, a quase totalidade da nova safra será para exportção. A safra 1951/52 consistirá de cêrca de 470.000 sacas de Arábica e 755.000 sacas de Robusta. Os bons preços para o café no mercado mundial têm animado os lavradores a expandir a cafeicultura na África Oriental Inglêsa. Atualmente, o total das árvores é estimado em 171.000.000 e o total da superfície sob cultura é calculado em 322.000 acres, dos quais 111.000 estão plantados de Arábica e 211.000 de Robusta.

Estatistica

SUPLEMENTO ESTATÍSTICO

ANO XVII | São Paulo, 11 de Setembro de 1951 | N.º 308

DADOS COLIGIDOS PELO DEPARTAMENTO DE FISCALIZAÇÃO — SAFRA 1951/1952 — CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO A SANTOS

Estradas de Ferro	julho	1.ª dezena agôsto	2.ª dezena agôsto	3.ª dezena agôsto	Totais
Santos a Jundiaí	31 739	3 844	2 869	10 373	48 825
Sorocabana	176 478	67 591	68 311	94 577	406 957
Paulista	498 049	186 225	183 741	253 591	1 121 606
Mogiana	95 732	22 101	27 004	* 41 076	185 913
Araraquara	142 627	58 524	50 585	80 800	332 536
Noroeste do Brasil	332 100	110 001	93 175	153 036	688 312
Central do Brasil	—	—	—	—	—
Estradas de Rodagem	—	—	—	—	—
Total	**1 276 725**	**448 286**	**425 685**	**633 453**	**2 784 149**

NOTA: Os despachos nas EE. FF. acima incluem os das suas respectivas tributárias. (*) Não foram recebidos os dados da 3.ª dezena de agôsto das EE. FF. São Paulo e Minas e Central do Brasil.

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO A OUTROS PORTOS

Despachado	Rio de Janeiro		Angra dos Reis		Totais
	Ferroviário	Rodoviário	Ferroviário	Rodoviário	
mês de julho	12 173	13 711	—	—	25 884
1.ª dez. agôsto	25 927	13 496	—	—	39 423
2.ª dez. agôsto	32 936	29 367	—	1 177	63 480
3.ª dez. agôsto	75 181	55 254	500	—	130 935
Total	**146 217**	**111 828**	**500**	**1 177**	**259 722**

CAFÉS DE OUTROS ESTADOS DESPACHADOS COM DESTINO A SANTOS

Estados Produtores	julho	1.ª dezena agôsto	2.ª dezena agôsto	3.ª dezena agôsto	Totais
Paraná	3 092	6 910	4 790	* —	14 792
Goiás	9 895	4 049	*4 530	*5 326	23 800
Minas Gerais	2 020	1 940	1 765	* 570	6 295
Mato Grosso	—	—	1 327	—	1 327
Total	**15 007**	**12 899**	**12 412**	**5 896**	**46 214**

(*) Incompletos.

MOVIMENTO DO CAFÉ DESTINADO A SANTOS SAFRA 1950/51 — (ATÉ 28 DE FEVEREIRO DE 1951)

Paulista	Despachado	Liberado	Interditado e D. alterado	A liberar
Anteriores	5 232 621	5 175 177	57 444	—
1.ª dez. outubro 50	260 141	234 803	25 338	—
2.ª " " "	292 694	250 032	27 724	14 938
3.ª " " "	277 300	4 469	25 395	247 436
1.ª " novembro "	166 797	—	21 171	145 626
2.ª " " "	133 764	—	22 523	111 241
3.ª " " "	164 820	—	23 329	141 491
1.ª " dezembro "	113 896	—	24 917	88 979
2.ª " " "	110 322	—	19 025	91 297
3.ª " " "	93 180	—	13 155	80 025
1.ª " janeiro 51	32 976	—	5 626	27 350
2.ª " " "	40 362	—	3 674	36 688
3.ª " " "	39 389	—	8 815	30 574
1.ª " fevereiro "	24 935	—	1 670	23 265
2.ª " " "	17 667	—	3 117	14 550
3.ª " " "	22 404	—	1 950	20 454
1.ª " março "	16 776	—	2 500	14 276
2.ª " " "	17 496	—	2 500	14 996
3.ª " " "	20 946	—	2 058	18 888
1.ª " abril "	10 203	—	1 501	8 702
2.ª " " "	11 952	—	1 200	10 752
3.ª " " "	9 218	—	500	8 718
1.ª " maio "	8 381	—	—	8 381
2.ª " " "	3 027	—	—	3 027
3.ª " " "	20 343	—	—	20 343
Total	**7 141 610**	**5 664 481**	**295 132**	**1 181 997**
Despolpado	28 528	28 528	—	—
Rodoviário	—	—	—	—
Total Geral	**7 170 138**	**5 693 009**	**295 132**	**1 181 997**
Outros Estados (até 3.ª dezena de maio)				
Paranense	661 365	199 477	51 505	410 383
Mineiro	*351 345	279 569	4 896	66 880
Goiano	44 104	34 282	830	8 992
Matogrossense	7 395	1 400	—	5 995
Catarinense (Via Marítima)	1 540	1 540	—	—
Total	**1 065 749**	**516 268**	**57 231**	**492 250**

OBS: — Destino alterado p/ "Rio de Janeiro" 164 770
— Destino alterado p/ "Interior e Cap." 128 609
— Anulado 673
— Interditado 1 080 295 132
(*) Mais 50 sacas destino alterado Marítima p/ "SANTOS"

MOVIMENTO DO CAFÉ DESTINADO A SANTOS SAFRA 1951/1952 — (ATÉ 31 DE AGÔSTO DE 1951)

Paulista	Despachado	Liberado	Destino alterado	A liberar
1.ª dez. julho 51	443 886	127 887	950	315 049
2.ª " " "	300 718	—	559	300 159
3.ª " " "	530 149	—	598	529 551
1.ª " agôsto 51	447 166	—	72	447 094
2.ª " " "	422 201	—	—	422 201
3.ª " " "	632 226	—	138	632 088
Total	**2 776 346**	**127 887**	**2 317**	**2 646 142**
Despolpado	7 803	5 898	—	1 905
Total Geral	**2 784 149**	**133 785**	**2 317**	**2 648 047**
Outros Estados (Até 3.ª dezena de agôsto)				
Paranaense	14 792	2 266	—	12 526
Mineiro	23 800	1 428	—	22 372
Goiano	6 295	250	—	6 045
Matogrossense	1 327	—	—	1 327
Total	**46 214**	**3 944**	—	**42 270**

OBS: — Destino alterado p/ "Rio de Janeiro" 531
— Destino alterado p/ "Interior e Cap." 1 786 2 317
— Os dados desta publicação retificam as anteriores.

O PRECEITO DO DIA

ÁGUA, VEÍCULO DE DOENÇAS

Desde épocas remotas se atribui à água usada na alimentação a propagação de certas doenças. Estão neste caso, entre outras, as febres tífica e paratífica. Hoje está comprovado experimentalmente que a água de consumo é um dos fatôres da propagação dessas moléstias.

Evite as febres tífica e paratífica fervendo ou, pelo menos, filtrando a água destinada a beber. — SNES.

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

JULHO DE 1951

Sacas de 60 quilos

PÔRTO DE EMBARQUE	Exterior	Consumo de Bordo	Cabotagem	Total
JULHO DE 1951:				
Santos	461 048	225	91	461 364
Rio de Janeiro	281 061	125	960	282 146
Vitória	53 145	—	19 815	72 960
Paranaguá	90 493	—	515	91 008
Angra dos Reis	4 299	—	—	4 299
Salvador	125	—	2 795	2 920
Recife	1 639	—	—	1 639
Total	**891 810**	**350**	**24 176**	**916 336**
Janeiro	1 241 156	224	18 451	1 259 831
Fevereiro	1 598 385	164	18 016	1 616 565
Março	1 489 071	347	33 536	1 522 954
Abril	1 012 218	206	16 258	1 028 682
Maio	1 172 545	351	20 431	1 193 327
Junho	914 292	238	34 608	949 138
Total de Janeiro a Julho	**8 319 477**	**1 880**	**165 476**	**8 486 833**

Cifras sujeitas a retificação.

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

Detalhe pelos países de destino

ABRIL DE 1951

DESTINO	QUANTIDADE sacas de 60 quilos	VALOR (cruzeiros)
AFRICA:		
TUNÍSIA: Tunis	16 666	19 198 482
UNIÃO SUL AFRICANA:	1 565	1 843 480
Cape Town	450	522 826
Durban	647	759 221
Johanesburg	50	59 326
Mossel Bay	218	260 607
Port Elizabeth	200	241 500
AMÉRICA DO NORTE:		
CANADÁ:	18 437	22 952 361
Halifax	12 300	15 279 247
Toronto	250	304 850
Vancouver	5 050	6 322 315
Winnipeg	837	1 045 949
ESTADOS UNIDOS:	664 908	815 159 413
Baltimore	30 418	37 779 897
Boston	18 868	23 425 366
Charleston	3 500	4 088 592
Filadélfia	8 000	9 962 816
Houston	27 400	33 782 988
Jacksonville	25 432	31 502 041
Los Ângeles	26 002	31 697 070
Nova Orleans	229 317	280 770 983
Nova York	231 382	281 818 379
Norfolk	6 700	8 231 823
Portland	5 009	6 209 943
São Francisco	50 455	62 894 625
Seattle	1 425	1 767 252
Tacoma	1 000	1 227 638
AMÉRICA DO SUL:		
ARGENTINA:	37 161	44 967 071
Buenos Aires	35 595	43 155 355
Rosário	1 566	1 811 716
CHILE:	2 517	2 958 639
Coquimbo	100	114 636
Corral	476	545 668
Puerto Montt	25	29 420
Punta Arenas	250	289 262
Valparaiso	1 666	1 979 653
PARAGUAI: Assunção	300	376 907

DESTINO	QUANTIDADE sacas de 60 quilos	VALOR (cruzeiros)
ÁSIA:		
FILIPINAS:	**13 900**	**15 148 695**
Cebu	100	114 030
Iloilo	400	450 987
Manilla	13 400	14 583 678
JAPÃO: Yokohama	17	19 460
TURQUIA: Stambul	125	148 988
EUROPA:		
ALEMANHA:	**13 754**	**17 786 209**
Hamburgo	11 194	14 444 721
Bremen	2 560	3 341 488
ÁUSTRIA: via Trieste	480	569 596
BELGO-LUXEMBURGUESA, U.E.:		
Antuérpia	19 830	24 527 983
DINAMARCA: Copenhage	26 564	30 920 495
FRANÇA:	**29 262**	**34 690 034**
Bordeaux	1 625	1 884 735
Dunquerque	5 150	5 937 393
Havre	20 827	24 793 358
Marselha	1 660	2 074 548
GRÃ-BRETANHA:	**42 945**	**52 348 328**
Liverpool	7 000	8 827 206
Londres	35 945	43 521 122
GRÉCIA: Pireus	11	12 246
HOLANDA:	**56 432**	**70 957 430**
Amsterdam	36 942	46 094 559
Rotterdam	19 490	24 862 871
IRLANDA: Dublin	100	126 887
ISLÂNDIA: Reykjavik	206	243 816
ITÁLIA:	**3 863**	**4 223 636**
Gênova	2 435	2 572 271
Livorno	178	185 735
Nápoles	1 250	1 465 630
MALTA: Valeta	200	217 646
NORUEGA:	**12 250**	**15 188 010**
Bergen	1 500	1 868 400
Oslo	7 000	8 658 360
Stavanger	1 250	1 548 900
Trondhjem	2 500	3 112 350
PORTUGAL: Lisbôa	1	1 200
SUÉCIA:	**38 355**	**48 861 409**
Estocolmo	25 819	32 882 175
Gotemburgo	7 101	9 041 734
Helsingborg	2 350	2 976 086
Malmoe	3 085	3 961 414
SUÍÇA: via Amsterdam	1 666	2 103 668
TCHECOSLOVÁQUIA: via Hamburgo	1 500	1 869 246
TRIESTE:	9 193	11 731 038
TOTAL GERAL:	**1 012 208**	**1 239 152 373**

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

Detalhe pelos portos de procedência

ABRIL DE 1951

PAÍSES DE DESTINO	Portos de Procedência	Quantidade em (sacs. de 60 quilos)	Valor (cruzeiros)
AFRICA:			
TUNÍSIA: Tunis	Rio de Janeiro	16 666	19 198 482
UNIÃO SUL AFRICANA:			
Cape Town	Rio de Janeiro	450	522 826
Durban	Rio de Janeiro	647	759 221
Johanesburg	Rio de Janeiro	50	59 326
Mossel Bay	Rio de Janeiro	218	260 607
Port Elizabeth	Rio de Janeiro	200	241 500
AMÉRICA DO NORTE:			
CANADÁ:			
Montreal	Santos	10 300	12 741 308
	Rio de Janeiro	2 000	2 537 939
Toronto	Santos	250	304 850
Vancouver	Santos	2 550	3 255 792
	Rio de Janeiro	1 000	1 253 162
	Paranaguá	1 500	1 813 361
Winnipeg	Santos	250	310 746
	Rio de Janeiro	250	318 252
	Recife	337	416 951
ESTADOS UNIDOS:			
Baltimore	Santos	750	918 867
	Rio de Janeiro	9 000	11 283 386
	Paranaguá	20 668	25 577 644
Boston	Santos	8 593	10 672 698
	Rio de Janeiro	2 275	2 814 083
	Paranaguá	8 000	9 938 585
Charleston	Santos	1 500	1 862 416
	Rio de Janeiro	2 000	2 226 176
Filadélfia	Santos	8 000	9 962 816
Houston	Santos	13 150	16 359 316
	Rio de Janeiro	12 750	15 571 128
	Paranaguá	1 500	1 852 544
Jacksonville	Santos	9 182	11 509 984
	Paranaguá	16 250	19 992 057
Los Ângeles	Santos	7 831	9 732 549
	Rio de Janeiro	4 421	5 104 152
	Angra dos Reis	2 500	3 059 291
	Paranaguá	11 250	13 781 078

PAÍSES DE DESTINO	Portos de Procedência	Quantidade em (sacas de 60 quilos	Valor (cruzeiros)
Nova Orleans	Santos	155 312	192 370 977
	Rio de Janeiro	34 688	40 636 369
	Vitória	1 500	1 511 366
	Angra dos Reis	5 030	6 217 904
	Paranaguá	32 787	40 034 367
Nova York	Santos	118 611	147 105 590
	Rio de Janeiro	41 125	47 427 740
	Angra dos Reis	2 000	2 439 703
	Paranaguá	69 146	84 257 661
	Recife	500	587 685
Norfolk	Santos	5 200	6 395 068
	Rio de Janeiro	1 000	1 227 141
	Paranaguá	500	609 614
Portland	Santos	3 384	4 201 292
	Rio de Janeiro	500	633 674
	Paranaguá	1 125	1 374 977
São Francisco	Santos	27 780	34 761 807
	Rio de Janeiro	7 750	9 697 594
	Angra dos Reis	10 000	12 380 119
	Paranaguá	4 925	6 055 105
Seattle	Santos	900	1 133 093
	Paranaguá	525	634 159
Tacoma	Paranaguá	1 000	1 227 638
AMÉRICA DO SUL:			
ARGENTINA:			
Buenos Aires	Santos	6 849	9 108 207
	Rio de Janeiro	23 974	28 656 668
	Vitória	4 772	5 390 480
Rosário	Rio de Janeiro	1 298	1 516 916
	Vitória	268	294 800
Coquimbo	Rio de Janeiro	100	114 636
Corral	Rio de Janeiro	476	545 668
Puerto Montt	Rio de Janeiro	25	29 420
Punta Arenas	Rio de Janeiro	250	289 262
Valparaiso	Rio de Janeiro	1 666	1 979 653
PARAGUAI: Assunção	Rio de Janeiro	300	376 907
ASIA:			
FILIPINAS:			
Cebu	Vitória	100	114 030
Iloilo	Vitória	400	450 987
Manila	Vitória	13 400	14 583 678
JAPÃO: Icoama	Rio de Janeiro	17	19 460

PAÍSES DE DESTINO	Portos de Procedência	Quantidade em (sacs. de 60 quilos)	Valor (cruzeiros)
TURQUIA: Stambul	Rio de Janeiro	125	148 988
EUROPA:			
ALEMANHA:			
Bremen	Santos	1 201	1 628 385
	Rio de Janeiro	1 359	1 713 103
Hamburgo	Santos	6 207	8 326 281
	Rio de Janeiro	4 281	5 208 559
	Paranaguá ...	562	728 845
	Bahia	144	181 036
ÁUSTRIA: via Trieste	Rio de Janeiro	480	569 596
BELGO-LUXEMBURGUESA, U. E.:			
Antuérpia	Santos	3 583	4 654 774
	Rio de Janeiro	4 366	5 119 605
	Vitória	1 393	1 513 942
	Paranaguá ...	9 958	12 566 358
	Bahia	30	43 704
	Recife	500	629 600
DINAMARCA:			
Copenhague	Santos	25 000	29 151 236
	Rio de Janeiro	1 564	1 769 259
FRANÇA:			
Bordeaux	Rio de Janeiro	1 375	1 582 335
	Recife	250	302 400
Dunquerque	Santos	250	311 850
	Rio de Janeiro	4 900	5 625 543
Iavre	Santos	4 050	5 122 209
	Rio de Janeiro	10 781	12 427 808
	Paranaguá ...	3 571	4 318 001
	Recife	2 425	2 925 340
Marselha	Santos	1 660	2 074 548
GRÃ-BRETANHA:			
Liverpool	Paranaguá ...	7 000	8 827 206
Londres	Santos	3	3 778
	Paranaguá ...	35 942	43 517 344
GRÉCIA:			
Pireus	Rio de Janeiro	10	11 019
	Paranaguá ...	1	1 227
HOLANDA:			
Amsterdam	Santos	24 643	31 767 255
	Rio de Janeiro	9 719	11 089 640
	Paranaguá ...	2 500	3 143 308
	Bahia	80	94 356

PAÍSES DE DESTINO	Portos de Procedência	Quantidade em (sacs. de 60 quilos)	Valor (cruzeiros)
Rotterdam	Santos	19 150	24 434 471
	Paranaguá	340	428 400
IRLANDA: Dublin	Santos	100	126 887
ISLÂNDIA: Reykjavik	Rio de Janeiro	206	243 816
ITÁLIA:			
Gênova	Santos	508	682 409
	Rio de Janeiro	490	373 871
	Vitória	812	777 617
	Paranaguá	375	443 375
	Bahia	250	294 999
Livorno	Rio de Janeiro	178	185 735
Nápoles	Santos	250	335 365
	Rio de Janeiro	750	883 238
	Vitória	250	247 027
MALTA: Valeta	Vitória	200	217 646
NORUEGA:			
Bergen	Santos	1 500	1 868 400
Oslo	Santos	7 000	8 658 360
Stavanger	Santos	1 250	1 548 900
Trandhjem	Santos	2 500	3 112 350
PORTUGAL: Lisbôa	Santos	1	1 200
SUÉCIA:			
Estocolmo	Santos	13 605	17 285 745
	Rio de Janeiro	3 514	4 498 590
	Paranaguá	8 700	11 097 840
Gotemburgo	Santos	5 751	7 316 734
	Rio de Janeiro	850	1 082 820
	Paranaguá	500	642 180
Helisingborg	Santos	2 350	2 976 086
Malmo	Santos	2 735	3 509 434
	Rio de Janeiro	350	451 980
SUÍÇA: via Amsterdam	Rio de Janeiro	1 666	2 103 668
TCHECOSLOVÁQUIA: via Hamburgo	Angra dos Reis	1 500	1 869 246
TRIESTE:			
Trieste	Santos	4 148	5 530 954
	Rio de Janeiro	5 045	6 200 084
TOTAL GERAL		**1 012 208**	**1 239 152 373**

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

Detalhe pelos países de destino

MAIO DE 1951

DESTINO	QUANTIDADE sacas de 60 quilos	VALOR (cruzeiros)
ÁFRICA:		
MARROCOS FRANCÊS: Casablanca	4 000	4 604 283
TANGER:	4 200	4 663 703
UNIÃO SUL AFRICANA:	**414**	**535 616**
Cape Town	64	82 405
Durban	250	323 715
Porto Elizabeth	100	129 496
AMÉRICA CENTRAL:		
CURAÇAO:	**100**	**117 347**
AMÉRICA DO NORTE:		
CANADÁ:	**22 870**	**28 206 479**
Montreal	11 896	14 750 133
Toronto	1 750	2 169 208
Vancouver	8 974	10 968 886
Winnipeg	250	318 252
ESTADOS UNIDOS:	**795 325**	**978 877 965**
Baltimore	49 250	61 403 647
Boston	35 937	44 717 736
Charleston	2 500	2 847 990
Filadélfia	10 800	13 352 996
Houston	33 579	41 489 131
Jacksonville	10 106	12 605 918
Los Angeles	21 525	26 176 024
New Orleans	210 788	262 375 306
New York	324 452	394 137 291
Norfolk	5 000	6 158 562
Oakland	6 038	7 477 155
Portland	4 615	5 706 801
San Francisco	76 900	95 756 119
Seattle	3 335	4 059 597
Tacoma	500	613 692
AMÉRICA DO SUL:		
ARGENTINA:	**61 389**	**75 175 477**
Buenos Aires	57 024	70 033 987
Rosário	4 365	5 141 490
PARAGUAI: Assunção	450	550 006
URUGUAI: Montevidéu	8 250	9 806 544
ÁSIA:		
FILIPINAS: Manilha	12 800	14 661 353
SÍRIA:	**505**	**545 877**
Beirute	255	253 065
Lataquie	250	292 812
TURQUIA:	**9 183**	**9 864 984**

DESTINO	QUANTIDADE sacas de 60 quilos	VALOR (cruzeiros)
Smyrna	3 065	3 515 126
Mersina	250	281 404
Stambul	5 868	6 068 454
EUROPA:		
ALEMANHA:	**392**	**528 639**
Bremen	139	189 232
Hamburgo	253	339 407
ÁUSTRIA: via Triste	341	408 072
BELGO-LUXEMBURGUESA, U.E.:		
Antuérpia	10 411	12 836 931
DINAMARCA: Copenhage	20 067	23 472 493
FINLÂNDIA: Helsink	43 125	46 978 068
FRANÇA:	**28 265**	**33 464 700**
Bordeaux	1 625	1 866 720
Dunquerque	4 920	5 722 342
Havre	21 095	25 116 580
Marselha	625	759 058
GRÃ-BRETANHA: Londres	10 000	12 561 342
GRÉCIA: Pireus	7 987	7 719 465
HOLANDA:	**43 285**	**54 772 596**
Amsterdam	24 585	31 109 528
Rotterdam	18 700	23 663 068
ISLÂNDIA: Reykjavik	1 960	2 001 188
ITÁLIA:	**3 346**	**4 302 528**
Ancona	250	285 686
Bari	98	129 188
Catânia	61	81 986
Gênova	405	519 923
Messina	70	82 368
Monfalcone	637	804 452
Nápoles	1 402	1 832 709
Palermo	423	566 216
IUGOSLÁVIA: Rijeka	6 666	7 851 151
NORUEGA:	**24 225**	**29 779 141**
Bergen	4 500	5 507 730
Oslo	15 000	18 469 438
Stavanger	725	891 228
Trondhjem	4 000	4 910 745
SUÉCIA:	**41 618**	**52 545 820**
Estocolmo	22.447	28 323 397
Gotemburgo	13 076	16 494 983
Helsingborg	4 025	5 096 482
Malmoe	2 070	2 630 958
TRIESTE:	10 803	13 790 917
OCEANIA:		
AUSTRÁLIA:	**568**	**732 931**
Brisbane	84	112 592
Melbourne	184	233 028
Sidney	300	387 311
TOTAL GERAL:	**1 172 545**	**1 431 355 616**

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

Detalhe pelos portos de procedência

MAIO DE 1951

PAISES DE DESTINO	Portos de Procedência	Quantidade em (sacas de 60 quilos	Valor (cruzeiros)
AFRICA:			
MARROCOS FRANCÊS:			
Casablanca	Rio de Janeiro	4 000	4 604 283
TANGER:	Rio de Janeiro	4 200	4 663 703
UNIÃO SUL AFRICANA:			
Cape Town	Santos	64	82 405
Durban	Santos	250	323 715
Porto Elizabeth	Santos	100	129 496
AMÉRICA CENTRAL:			
CURAÇAO: Curaçao	Rio de Janeiro	100	117 347
AMÉRICA DO NORTE:			
CANADÁ:			
Montreal	Santos	11 896	14 750 133
Toronto	Santos	1 750	2 169 208
Vancouver	Santos	4 374	5 438 067
	Paranaguá	4 600	5 530 819
Winnipeg	Rio de Janeiro	250	318 252
ESTADOS UNIDOS:			
Baltimore	Santos	23 000	28 851 642
	Rio de Janeiro	11 000	13 703 234
	Paranaguá	15 250	18 848 771
Boston	Santos	24 362	30 378 720
	Rio de Janeiro	7 075	8 757 003
	Paranaguá	4 500	5 582 013
Charleston	Santos	500	615 964
	Rio de Janeiro	2 000	2 232 026
Filadélfia	Santos	10 300	12 729 922
	Rio de Janeiro	250	312 247
	Paranaguá	250	310 827
Houston	Santos	17 965	22 298 064
	Rio de Janeiro	10 614	13 134 867
	Paranaguá	5 000	6 056 200
Jacksonville	Santos	6 600	8 263 694
	Rio de Janeiro	506	619 281
	Paranaguá	3 000	3 722 943

PAÍSES DE DESTINO	Portos de Procedência	Quantidade em (sacas de 60 quilos)	Valor (cruzeiros)
Los Ângeles	Santos	5 000	6 240 078
	Rio de Janeiro	4 750	5 596 380
	Angra dos Reis	750	940 976
	Paranaguá	11 025	13 398 590
Nova Orleans	Santos	145 259	183 876 137
	Rio de Janeiro	31 705	37 987 319
	Vitória	4 250	4 555 755
	Angra dos Reis	1 500	1 924 949
	Paranaguá	28 074	34 031 146
Nova York	Santos	179 150	219 186 293
	Rio de Janeiro	88 350	107 778 783
	Paranaguá	56 952	67 172 215
Norfolk	Santos	5 000	6 158 562
Oakland	Santos	6 038	7 477 155
Fortland	Santos	2 270	2 816 736
	Rio de Janeiro	1 220	1 517 095
	Paranaguá	1 125	1 372 970
São Francisco	Santos	58 775	73 298 094
	Rio de Janeiro	12 500	15 642 389
	Angra dos Reis	1 250	1 563 946
	Paranaguá	4 375	5 251 690
Seattle	Santos	210	262 286
	Rio de Janeiro	250	313 772
	Paranaguá	2 875	3 483 539
Tocama	Paranaguá	500	613 692
AMÉRICA DO SUL:			
ARGENTINA:			
Buenos Aires	Santos	7 367	9 633 574
	Rio de Janeiro	44 060	53 690 956
	Vitória	3 421	4 008 139
	Paranaguá	2 076	2 701 318
Rosário	Rio de Janeiro	4 265	5 029 990
	Vitória	100	111 500
PARAGUAI: Assunção	Rio de Janeiro	450	550 006
URUGUAI: Montevidéu	Rio de Janeiro	8 250	9 806 544
ASIA:			
FILIPINAS:			
Manila	Santos	5 600	6 783 492
	Rio de Janeiro	2 000	2 201 687
	Vitória	5 200	5 676 174
SÍRIA & LIBANO:			
Beirute	Rio de Janeiro	255	253 065
Lattaquie	Rio de Janeiro	250	292 812

PAÍSES DE DESTINO	Portos de Procedência	Quantidade em (sacas de 60 quilos	Valor (cruzeiros)
TURQUIA:			
Messina	Rio de Janeiro	250	81 404
Smyrna	Rio de Janeiro	3 065	3 515 126
Stambul	Rio de Janeiro	5 868	6 068 454
EUROPA:			
ALEMANHA:			
Bremen	Santos	139	189 232
Hamburgo	Santos	253	339 407
ÁUSTRIA: via Trieste	Rio de Janeiro	341	408 072
BELGO-LUXEMBURGUESA, U. E.:			
Antuérpia	Santos	5 906	7 480 160
	Rio de Janeiro	3 225	3 888 299
	Vitória	1 030	1 169 072
	Paranaguá	250	299 400
DINAMARCA: Copenhague	Santos	20 067	23 472 493
FINLÂNDIA: Helsinki	Rio de Janeiro	43 125	46 978 068
FRANÇA:			
Bordeaux	Santos	125	153 970
	Rio de Janeiro	500	571 379
	Paranaguá	1 000	1 141 371
Dunquerque	Rio de Janeiro	4 920	5 722 342
Havre	Santos	2 454	3 285 956
	Rio de Janeiro	6 874	7 959 342
	Vitória	3 500	3 979 655
	Paranaguá	8 267	9 891 627
Marselha	Santos	125	156 321
	Rio de Janeiro	500	602 737
GRÃ-BRETANHA:			
Londres	Santos	10 000	12 561 342
GRÉCIA: Pireus	Rio de Janeiro	7 987	7 719 465
HOLANDA:			
Amsterdam	Santos	20 050	25 405 327
	Rio de Janeiro	1 695	2 113 278
	Paranaguá	2 840	3 590 923
Rotterdam	Santos	18 700	23 663 068
ISLÂNDIA: Reykjavik	Rio de Janeiro	1 960	2 001 188
ITÁLIA:			
Ancona	Rio de Janeiro	250	285 686
Bari	Santos	98	129 188
Catânia	Santos	61	81 986
Gênova	Santos	305	405 953
	Rio de Janeiro	100	113 970

PAÍSES DE DESTINO	Portos de Procedência	Quantidade em (sacas de 60 quilos)	Valor (cruzeiros)
Messina	Rio de Janeiro	70	82 368
Monfalcone	Santos	415	544 853
	Rio de Janeiro	222	259 599
Nápoles	Santos	1 226	1 622 937
	Rio de Janeiro	176	209 772
Palermo	Santos	386	522 243
	Rio de Janeiro	37	43 973
IUGOSLÁVIA: Rijeca	Rio de Janeiro	6 666	7 851 151
NORUEGA:			
Bergen	Santos	3 000	3 681 990
	Paranaguá	1 500	1 825 740
Oslo	Santos	11 000	13 528 438
	Paranaguá	4 000	4 941 000
Stavanger	Santos	725	891 228
Trondhjem	Santos	1 000	1 220 265
	Paranaguá	3 000	3 690 480
SUÉCIA:			
Estocolmo	Santos	12 393	15 657 362
	Rio de Janeiro	3 280	4 162 849
	Paranaguá	5 400	6 785 568
	Bahia	1 374	1 717 618
Gotemburgo	Santos	9 426	11 889 158
	Rio de Janeiro	3 200	4 048 483
	Paranaguá	350	433 142
	Bahia	100	124 200
Helsingborg	Santos	2 775	3 505 936
	Rio de Janeiro	1 250	1 590 546
Malmo	Santos	925	1 169 826
	Rio de Janeiro	1 145	1 461 132
TRIESTE:	Santos	7 264	9 682 642
	Rio de Janeiro	3 539	4 108 275
OCEANIA:			
AUSTRÁLIA:			
Brisbane	Santos	84	112 592
Melbourne	Santos	184	233 028
Sydney	Santos	300	387 311
TOTAL GERAL:		1 172 545	1 431 355 616

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

I — Detalhes pelos países de destino

JUNHO DE 1951

DESTINO	Quantidade em (sacas de 60 quilos	Valor (cruzeiros)
AFRICA:		
MARROCOS FRANCÊS:		
Casablanca	4 158	4 683 541
SUDOESTE AFRICANO:		
Walvis Bay	107	129 493
TANGER:	300	320 286
TUNISIA: Tunis	3 834	4 272 534
UNIÃO SUL AFRICANA:	7 205	8 642 714
Cape Town	1 329	1 569 696
Durban	4 401	5 326 518
Mossel Bay	725	868 358
Port Elizabeth	750	878 142
AMÉRICA DO NORTE:		
CANADÁ:	22 557	27 562 110
Montreal	13 060	15 964 229
Toronto	1 175	1 412 618
Vancouver	7 822	9 577 260
Winnipeg	500	608 003
ESTADOS UNIDOS	588 630	715 802 049
Baltimore	44 250	54 807 366
Boston	23 425	28 831 157
Corpus Christi	1 000	1 225 588
Filadelfia	9 450	11 660 938
Houston	30 417	37 245 210
Jacksonville	16 500	20 194 174
Los Ângeles	15 843	19 342 502
New Orleans	151 097	183 202 191
New York	213 433	256 524 064
Norfolk	4 750	5 568 681
Oakland	7 900	9 669 092
Portland	1 723	2 149 939
San Francisco	64 557	80 122 820
Seattle	3 785	4 654 388
Tacoma	500	603 939
AMÉRICA DO SUL:		
ARGENTINA:	38 316	46 102 409
Buenos Aires	36 868	44 343 449
Rosário	1 448	1 758 960

DESTINO	Quantidade em (sacas de 60 quilos	Valor (cruzeiros)
CHILE:	**514**	**599 038**
Punta Arenas	125	150 424
Valparaiso	389	448 614
PARAGUAI: Assunção	400	482 777
URUGUAI: Montevideu	9 620	11 152 142
ASIA:		
CHIPRE: Famagusta	200	217 605
FILIPINAS:	**3 876**	**4 238 312**
Cebú	500	550 669
Manila	3 376	3 687 653
JAPÃO: Yokoama	66	90 646
JORDÂNIA: Amman	5 540	5 932 547
SÍRIA & LIBANO: Beirute	100	126 543
TURQUIA:	**2 083**	**2 499 650**
Smyrna	1 333	1 596 758
Stambul	750	902 892
EUROPA:		
ALEMANHA:	**966**	**1 252 445**
Bremen	351	458 410
Hamburgo	615	794 035
ÁUSTRIA: via Trieste	481	592 786
BELGO- LUXEMBURGUESA U. E.:		
Antuérpia	14 640	18 050 465
DINAMARCA: Copenhague	30 050	35 554 557
FINLÂNDIA:	**16 916**	**18 004 858**
Abo	250	325 096
Helsink	16 666	17 679 762
FRANÇA:	**16 553**	**19 516 238**
Bordeaux	625	732 344
Dunquerque	5 375	6 215 007
Havre	10 553	12 568 887
GRÃ-BRETANHA: Londres	50 780	63 406 589
GRÉCIA Pireus	16 800	18 493 074
HOLANDA: Amsterdam	2 000	2 530 800
IRLANDA: Dublin	50	62 710
ISLÂNDIA:	**3 715**	**4 066 118**

DESTINO	Quantidade em (sacas de 60 quilos	Valor (cruzeiros)
Akureyri	1 250	1 363 332
Reykjavik	2 465	2 702 786
ITÁLIA:	7 171	9 136 797
Ancona	45	50 771
Bari	100	133 255
Catânia	64	82 279
Gênova	2 210	2 826 803
Livorno	781	976 464
Messina	48	53 676
Monfalcone	1 098	1 397 533
Nápoles	2 165	2 770 925
Palermo	312	409 001
Porto Torres	175	229 335
Riposto	173	206 755
NORUEGA:	7 500	9 165 975
Bergen	1 500	1 831 785
Oslo	5 000	6 107 850
Trondhjem	1 000	1 226 340
POLÔNIA: Gdinia	3 666	4 669 750
PORTUGAL:	774	928 256
Leixões	95	115 125
Lisbôa	679	813 131
SUÉCIA:	34 185	42 595 533
Estocolmo	16 835	20 966 844
Gotemburgo	12 165	15 124 177
Helsingborg	3 500	4 404 369
Malmoe	1 685	2 100 143
TRIESTE:	20 114	23 972 478
OCEANIA:		
AUSTRÁLIA:	425	517 073
Brisbane	85	102 918
Melbourne	238	289 660
Sydney	102	124 495
TOTAL GERAL	**914 292**	**1 105 370 898**

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

II — Detalhe pelos portos de procedência

1.º — SEMESTRE DE 1951

PAISES DE DESTINO	Portos de Procedência	Quantidade em (sacas de 60 quilos	Valor (cruzeiros)
AFRICA:			
Argélia	Santos	125	149 625
	Rio de Janeiro	108	110 470
	Total	**233**	**260 095**
Egito	Rio de Janeiro	250	187 225
Marrocos Espanhol	Rio de Janeiro	4 350	4 403 466
Marrocos Francês	Santos	125	147 892
	Rio de Janeiro	11 833	12 971 272
	Vitória	1 158	1 256 483
	Total	**13 116**	**14 375 647**
Moçambique	Rio de Janeiro	45	52 397
Sudoeste Africano	Rio de Janeiro	399	473 126
Tanger	Rio de Janeiro	4 500	4 983 989
Tunisia	Rio de Janeiro	16 666	19 198 482
	Vitória	3 834	4 272 534
	Total	**20 500**	**23 471 016**
União Sul Africana	Santos	2 534	3 213 840
	Rio de Janeiro	15 165	17 851 605
	Paranaguá	150	191 203
	Total	**17 849**	**21 256 648**
AMÉRICA CENTRAL:			
Curaçao	Rio de Janeiro	100	117 347
AMÉRICA DO NORTE:			
Canadá	Santos	83 380	104 065 214
	Rio de Janeiro	19 300	23 073 447
	Paranaguá	22 225	26 975 504
	Recife	337	416 951
	Total	**125 242**	**154 531 116**
Estados Unidos	Santos	2 725 105	3 377 809 199
	Rio de Janeiro	1 046 872	1 208 981 277
	Vitória	52 145	53 000 284
	Angra dos Reis	91 924	111 632 866
	Paranaguá	1 239 775	1 507 570 526
	Recife	6 150	7 278 111
	Total	**5 161 971**	**6 266 272 263**

PAISES DE DESTINO	Portos de Procedência	Quantidade em (sacas de 60 quilos	Valor (cruzeiros)
AMÉRICA DO SUL:			
Argentina	Santos	22 099	29 091 563
	Rio de Janeiro	126 312	151 163 794
	Vitória	23 322	26 368 333
	Paranaguá	2 076	2 701 318
	Total	**173 809**	**209 325 008**
Chile	Rio de Janeiro	15 753	17 865 485
	Vitória	6 418	6 849 686
	Total	**22 171**	**24 715 171**
Paraguai	Rio de Janeiro	2 300	2 869 476
Uruguai	Santos	500	644 282
	Rio de Janeiro	17 791	20 680 551
	Vitória	930	1 091 060
	Total	**19 221**	**22 415 893**
ÁSIA:			
Chipre	Rio de Janeiro	700	740 068
Filipinas	Santos	12 016	14 757 016
	Rio de Janeiro	2 000	2 201 687
	Vitória	41 810	44 645 777
	Total	**55 826**	**61 604 480**
Japão	Santos	66	90 646
	Rio de Janeiro	17	19 460
	Total	**83**	**110 106**
Jordânia	Rio de Janeiro	5 873	6 260 270
Síria & Líbano	Santos	100	126 543
	Rio de Janeiro	8 502	8 571 084
	Total	**8 602**	**8 697 627**
Turquia	Rio de Janeiro	41 628	45 678 286
EUROPA:			
Alemanha	Santos	51 121	69 772 997
	Rio de Janeiro	16 052	19 845 373
	Paranaguá	3 655	4 797 298
	Bahia	144	181 036
	Total	**70 972**	**94 569 704**
Áustria	Santos	5 800	7 820 719
	Rio de Janeiro	3 302	3 499 377
	Total	**9 102**	**11 320 096**
Belgo-Luxemburguesa, U. E.	Santos	70 019	91 728 264
	Rio de Janeiro	77 301	90 095 799
	Vitória	15 635	17 214 047
	Paranaguá	18 698	23 480 720
	Bahia	30	43 704
	Recife	6 550	8 159 581
	Total	**188 233**	**230 722 115**

PAISES DE DESTINO	Portos de Procedência	Quantidade em (sacas de 60 quilos)	Valor (cruzeiros)
Dinamarca	Santos	102 794	121 231 946
	Rio de Janeiro	24 572	28 417 008
	Total	**127 366**	**149 648 954**
Finlândia	Santos	3 332	4 500 647
	Rio de Janeiro	85 102	89 413 366
	Total	**88 434**	**93 914 013**
França	Santos	15 764	20 060 286
	Rio de Janeiro	103 075	117 213 977
	Vitória	5 000	5 666 088
	Paranaguá	37 738	44 459 151
	Bahia	3 000	3 373 650
	Recife	20 330	23 550 860
	Total	**184 907**	**214 324 012**
Gibraltar	Santos	677	880 468
Grã-Bretanha	Santos	40 818	52 608 720
	Rio de Janeiro	3 239	3 599 370
	Paranaguá	159 377	193 373 375
	Total	**203 434**	**249 581 465**
	Rio de Janeiro	37 480	38 895 590
	Paranaguá	1	1 227
	Total	**37 481**	**38 896 817**
Holanda	Santos	150 375	794 480 948
	Rio de Janeiro	24 526	28 950 464
	Paranaguá	28 705	36 356 648
	Bahia	80	94 356
	Total	**203 687**	**259 882 416**
Irlanda	Santos	150	189 597
Islândia	Rio de Janeiro	11 114	11 375 993
Itália	Santos	47 166	63 012 705
	Rio de Janeiro	39 866	43 728 869
	Vitória	6 315	6 243 774
	Paranaguá	2 101	2 689 103
	Bahia	3 616	4 267 212
	Recife	3 292	3 736 417
	Total	**102 356**	**123 678 080**
Iugoslavia	Rio de Janeiro	6 666	7 851 151
Malta	Vitória	200	217 646
Noruega	Santos	90 675	110 680 006
	Paranaguá	23 100	28 093 320
	Total	**113 775**	**138 773 326**
Polonia	Santos	3 666	4 669 750
Portugal	Santos	1	1 200
	Rio de Janeiro	634	755 337
	Recife	140	172 919
	Total	**775**	**929 456**

PAISES DE DESTINO	Portos de Procedência	Quantidade em (sacas de 60 quilos	Valor (cruzeiros)
Suécia	Santos	218 991	280 723 254
	Rio de Janeiro	37 428	47 098 510
	Paranaguá	22 306	28 259 539
	Bahia	4 724	5 825 518
	Total	**183 449**	**361 906 821**
Suíça	Santos	2 095	2 716 367
	Rio de Janeiro	7 116	8 359 301
	Paranaguá	675	844 504
	Bahia	170	199 662
	Total	**10 056**	**12 119 834**
Tchecoslovaquia	Angra dos Reis	1 500	1 869 246
Trieste	Santos	36 066	48 862 577
	Rio de Janeiro	61 455	66 433 934
	Vitória	2 375	2 562 520
	Total	**99 896**	**117 859 031**
Turquia Europeia		16 471	
OCEANIA:			
Austrália	Santos	568	732 931
	Rio de Janeiro	425	517 073
	Total	**993**	**1 250 004**
TOTAL GERAL		**7 444 128**	**8 999 357 715**

RELAÇÃO DO CAFÉ EXPORTADO PELO PÔRTO DO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE AGÔSTO DE 1951

DATA	Europa	A. Norte	A. Central	A. Sul	Oceania	Africa	Asia	Cabotagem	Total
1	311	7.463	—	—	—	—	—	—	7.774
2	15.513	—	—	—	—	—	—	—	15.513
3	—	650	—	2.055	—	—	—	—	2.705
4	—	25.525	—	2.130	—	—	2.856	—	30.511
6	250	3.049	—	—	—	—	—	—	3.299
7	—	10.850	—	11.131	—	—	—	—	21.981
8	375	6.499	—	6.133	—	—	—	—	13.007
9	—	15.987	—	—	—	—	—	100	16.087
10	—	—	—	5.364	—	—	—	—	5.364
11	17.720	10.000	—	—	—	—	—	50	27.770
13	2.613	—	—	—	—	—	—	50	2.663
14	7.236	9.056	—	9.060	—	—	—	—	25.352
16	—	10.350	—	4.515	—	—	—	—	14.865
17	11.469	—	—	—	—	—	—	—	11.469
18	—	6.792	—	—	—	—	—	—	6.792
20	755	—	—	4.012	—	—	200	—	4.967
21	5.709	3.886	—	800	—	—	—	—	10.395
22	11.816	24.047	—	—	—	125	100	—	36.088
24	4.108	25.025	115	3.988	—	—	—	—	33.236
25	—	2.000	—	—	—	6.869	—	—	8.869
27	1.465	5.360	—	—	—	—	—	—	6.825
28	9.873	—	—	7.936	—	—	—	—	17.809
29	15.100	—	—	—	—	—	—	—	15.100
30	5.507	6.375	—	6.446	—	—	—	—	18.328
31	13.563	39.850	—	—	—	—	—	—	53.413
TOTAL	123.383	212.764	115	63.570	—	6.994	3.156	200	436.174

ENTRADAS DE CAFÉ NO MERCADO DO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE AGÔSTO DE 1951

VIAS	PROCEDÊNCIAS					Total
	S. Paulo	M. Gerais	R. Janeiro	Esp.Santo	Paraná	
E. F. C. do Brasil	3.150	25.225	—	—	—	28.375
E. F. Leopoldina	—	32.269	11.662	250	—	44.181
Regulador	—	—	—	30.704	—	30.704
Rodoviário	8.558	204.615	34.530	29.787	9.358	286.848
TOTAL	11.708	262.109	46.192	60.741	9.358	390.108

ENTRADAS E EMBARQUES DE CAFÉ, NO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE AGÔSTO DE 1951

(SAFRA 1951/52)

MESES	ENTRADA	EMBARQUES
1951		
Julho	279.271	282.021
Agôsto	390.108	410.182

CAFÉ DISPONÍVEL NOS PORTOS DE EXPORTAÇÃO DO BRASIL

1951	Santos	R. Janeiro	Vitória	Bahia	Paranaguá	A. dos Reis	Recife	Total
Janeiro	1 795 666	764 571	53 375	13 335	535 061	15 430	29 012	3 206 450
Fevereiro	1 871 225	745 428	57 426	12 866	538 034	18 869	25 982	3 269 830
Março	1 561 957	604 877	39 728	12 826	519 140	24 075	30 296	2 792 899
Abril	1 591 003	650 954	23 444	13 296	422 871	11 094	26 241	2 738 903
Maio	1 564 710	585 792	19 001	13 437	399 901	10 149	19 957	2 612 947
Junho	1 477 517	498 745	22 307	10 076	278 963	15 660	12 370	2 315 638
Julho	1 373 970	467 167	37 544	10 354	267 332	10 361	12 812	2 179 540
JULHO:								
1950	1 618 892	658 060	48 438	25 242	102 615	120	15 640	2 469 007
1949	2 146 203	513 627	29 114	56 086	104 190	2 000	20 485	2 871 705
1948	2 253 306	593 602	49 984	74 733	162 776	6 445	45 277	3 186 123
1947	2 116 402	673 354	52 925	95 187	156 042	19 743	68 302	3 199 955

MOVIMENTO DE CAFÉ EM SANTOS

SAFRA DE 1951/52

MESES	ENTRADAS						MOVIMENTO			
	Paulista	Mineiro	Goiano	Paranaense	Mato-grossense	Total	Embarques	Despachos	Café retirado do estoque	Existência
Julho	320 910	20 956	5 555	27 791	—	375 212	463 494	465 670	1 970	1 477 517
Agôsto	446 425	30 019	2 331	32 534	300	511 609	613 037	595 291	2 119	1 373 970
TOTAL ...	**767 335**	**50 975**	**7 886**	**60 325**	**300**	**886 821**	**1 076 531**	**1 060 961**	**4 089**	—

COTAÇÕES DE CAFÉS NO DISPONÍVEL EM SANTOS, RIO DE JANEIRO E VITÓRIA

AGÔSTO DE 1951

(Em Cr$ por 10 quilos)

DIA	SANTOS			RIO	VITÓRIA
	4 mole	4 duro	5 sem descrição	7	7
1	193 50	191 00	185 50	151 00	137 10
2	193 50	191 00	185 50	151 00	137 00
3	193 50	191 00	185 50	153 00	137 60
6	193 50	191 00	185 50	152 00	136 50
7	193 50	191 00	185 50	154 00	136 80
8	193 50	191 00	185 50	153 00	137 40
9	193 50	191 00	185 50	153 00	137 40
10	193 50	191 00	185 50	153 00	137 60
13	193 50	191 00	185 50	154 00	138 20
14	193 50	191 00	185 50	156 00	138 80
16	194 00	192 00	186 00	161 00	141 80
20	194 50	192 00	186 00	160 00	145 90
17	194 50	193 00	186 50	160 00	146 70
21	194 50	193 00	186 50	163 00	147 70
22	194 50	193 00	186 50	162 00	148 10
23	194 50	193 00	187 00	162 00	148 70
24	194 50	193 00	187 00	163 00	148 60
27	194 50	193 00	187 00	161 50	149 30
28	194 50	193 00	187 00	160 00	149 00
29	194 50	193 00	187 00	158 00	147 20
30	194 50	193 00	187 00	158 00	144 40
31	195 00	193 50	187 00	157 00	142 80
Média	**194 05**	**192 02**	**186 16**	**157 05**	**142 48**

COTAÇÕES DE CAFÉS BRASILEIROS NO DISPONÍVEL DE NOVA YORK

AGÔSTO DE 1951

(Em cents por libra de 453,60 gr.)

DIA	SANTOS				RIO	
	Tipo 2	Tipo 4	Tipo 2 extra mole	Tipo 4 extra mole	Tipo 4	Tipo 7
1	53 25	52 75	54 75	53 50	—	46 00
2	53 25	52 75	54 75	53 50	—	45 50
3	53 25	52 75	54 75	53 50	—	45 50
6	53 25	52 75	54 75	53 50	—	45 50
7	53 25	52 75	54 75	53 50	—	45 50
8	53 25	52 75	54 75	53 50	—	45 50
9	53 25	52 75	54 75	53 50	—	45 50
10	53 25	52 75	54 75	53 50	—	45 50
13	53 25	52 75	54 75	53 50	—	45 50
14	53 25	52 75	54 75	53 50	—	45 50
15	53 25	52 75	54 75	53 50	—	45 50
16	53 50	53 00	55 00	53 75	—	46 00
17	53 50	53 00	55 00	53 75	—	46 00
20	53 50	53 00	55 00	53 75	—	46 00
21	53 75	53 25	55 25	54 00	—	46 25
22	53 75	53 25	55 25	54 00	—	46 25
23	53 75	53 25	55 25	54 00	—	46 25
24	53 75	53 25	55 25	54 00	—	46 25
27	53 75	53 25	55 25	54 00	—	46 25
28	53 75	53 25	55 25	54 00	—	46 25
29	53 75	53 25	55 25	54 00	—	46 25
30	53 75	53 25	55 25	54 00	—	46 25
31	53 75	53 25	55 25	54 00	—	46 25
Média	53 48	52 98	54 98	53 73	—	45 88

SANTOS

D I	Café Retirado do estoque	Est. de café em Santos em poder do D.N.C. Existência em p/ do D. N. C.	Vendas	Existência
1	—	438	17 762	1 478 636
2	—	438	13 739	1 484 520
3	—	438	34 452	1 488 810
4	—	438	21 265	1 495 087
6	—	438	11 973	1 483 672
7	2 052	438	18 025	1 444 761
8	—	438	21 422	1 449 739
9	—	438	26 761	1 442 509
10	—	438	38 159	1 422 459
11	—	438	4 440	1 377 981
13	—	438	18 280	1 370 814
14	—	438	24 072	1 367 880
15	—	438	—	1 375 836
16	—	438	54 663	1 382 681
17	—	438	40 195	1 376 285
18	—	438	33 535	1 375 616
20	—	438	20 853	1 369 110
21	—	438	21 747	1 368 771
22	—	438	25 432	1 351 643
23	—	438	13 626	1 364 851
24	—	438	21 419	1 369 169
25	—	438	51 959	1 367 801
27	—	438	17 403	1 366 575
28	1	438	28 418	1 357 198
29	—	438	13 728	1 373 702
30	—	438	24 417	1 375 515
31	66	438	20 209	1 373 970
TOTAL	2 119	—	637 954	—

RIO DE JANEIRO

MOVIMENTO					
Exterior	Cabotagem	Total	ao mercado Retirado	Con. Local	Existência
7 774	—	7 774	125	1 050	473 234
15 513	—	15 513	—	1 050	471 886
2 705	—	2 705	—	1 050	483 302
30 511	—	30 511	—	1 050	451 741
3 299	—	3 299	—	1 050	462 828
21 981	—	21 981	—	1 050	455 439
13 007	—	13 007	—	1 050	456 708
15 987	100	16 087	—	1 050	454 536
5 364	—	5 364	—	1 050	463 162
27 720	50	27 770	—	1 050	434 342
2 613	50	2 663	—	1 050	445 652
25 352	—	25 352	—	1 050	434 846
14 865	—	14 865	—	2 100	436 191
11 469	—	11 469	—	1 050	443 095
6 792	—	6 792	—	1 050	435 253
4 967	—	4 967	—	1 050	448 512
10 395	—	10 395	—	1 050	457 178
36 088	—	36 088	2	1 050	440 123
—	—	—	—	1 050	459 220
33 236	—	33 236	—	1 050	444 280
8 869	—	8 869	—	1 050	434 361
6 825	—	6 825	—	1 050	446 833
17 809	—	17 809	—	1 050	448 188
15 100	—	15 100	—	1 050	452 043
18 328	—	18 328	—	1 050	452 936
53 413	—	53 413	—	1 050	418 616
409 982	200	410 182	127	[illegible]	—

COTAÇÃO DO DISPONÍVEL EM NOVA YORK

CAFÉS ESTRANGEIROS

AGÔSTO DE 1951

(Em cents. por libra de 45,360 gr.)

PROCEDÊNCIA	DIAS				
	4	11	18	25	MÉDIA
COLÔMBIA:					
Medelin Excelso	(2) 57 1/4	(2) 57 1/2	(2) 57 1/2	(2) 58 1/2	57 11/16
Armenia	(2) 57 1/4	(2) 57 1/2	(2) 57 1/2	(2) 58 1/2	57 11/16
Manizales	(2) 57 1/8	(2) 57 3/8	(2) 57 3/8	(2) 58 3/8	57 9/16
Cucutá	(2) 57 00	(2) 57 1/4	(2) 57 1/4	(2) 58 00	57 3/8
Bogotá	(2) 57 00	(2) 57 00	(2) 57 00	(2) 58 00	57 1/4
Tolima	(2) 57 00	(2) 57 00	(2) 57 00	(2) 58 00	57 1/4
Ocana	(2) 57 00	(2) 57 00	(2) 57 00	(2) 58 00	57 1/4
COSTA RICA:					
Hard	(6) 57 1/2	(6) 57 5/8	(6) 57 5/8	(6) 58 1/4	57 3/4
Fine Atlantic	n/cot.	(6) 56 5/8	(6) 56 5/8	(6) 57 3/4	57 00
EQUADOR:					
Lavado	(6) 56 00	(2) 55 00	(2) 55 00	(2) 56 00	55 1/2
Extra não lavado ..	(6) 48 1/4	(2) 48 00	(2) 48 00	(2) 48 00	48 1/16
GUATEMALA:					
Antigua	(2) 58 00	(6) 58 1/4	(6) 58 1/4	(6) 58 3/4	58 1/16
Exta prime	(2) 57 1/2	(6) 57 1/2	(6) 57 1/2	(6) 57 3/4	57 9/16
Lavado bom	(6) 55 1/2	(6) 55 1/2	(6) 55 1/2	(6) 58 00	56 1/8
Bourbon	n/cot.	(6) 54 00	(6) 54 00	(6) 54 00	54 00
HAITÍ:					
Lavado bom mole ..	(2) 54 1/2	(6) 54 3/4	(6) 54 3/4	(6) 55 00	54 3/4
Catado à mão	(6) 52 00	(2) 52 00	(2) 52 00	(6) 52 1/2	52 1/8
HONDURAS:					
Lavado bom	(6) 56 00	(6) 56 00	(6) 56 1/4	(6) 56 00 1/4	56 1/16
Tipo 5 - Comum duro	(2) 48 1/4	(6) 48 00	(6) 48 00	(6) 48 3/4	48 1/4

COTAÇÃO DO DISPONÍVEL EM NOVA YORK

CAFÉS ESTRANGEIROS

AGÔSTO DE 1951

PROCEDÊNCIA	DIAS				
	4	11	18	25	Média
MÉXICO:					
Coatepec	(2) 55 3/4	(6) 56 7/8	(6) 56 7/8	(6) 57 1/2	56 3/4
Tapachula primeira .	(2) 55 00	(6) 55 1/2	(6) 55 1/2	(6) 56 3/4	55 11/16
NICARÁGUA:					
Matagalpa	(6) 55 3/4	(6) 55 5/8	(6) 55 5/8	(6) 56 1/2	55 7 /8
Lavado primeira ...	(6) 55 1/4	(6) 55 1/2	(6) 55 1/2	(6) 55 3/4	55 1/2
EL SALVADOR:					
Lavado primeira ...	(6) 58 00	(6) 58 00	(6) 58 00	(6) 58 1/4	58 1/16
S. DOMINGOS:					
Lavado bom mole ..	(6) 54 1/2	(2) 54 1/2	(2) 54 1/2	(6) 54 1/2	54 1/2
Fino	(6) 55 1/4	n/cot.	n/cot.	(6) 55 1/4	55 1/4
VENEZUELA:					
Maracaibo	(2) 56 3/4	(2) 57 00	(2) 57 00	(2) 58 00	57 3/16
CONGO BELGA:					
Lavado robusta	(6) 56 00	(6) 56 1/4	(6) 56 1/4	(6) 56 1/4	56 7/16
Natural robusta ...	(6) 47 1/4	(2) 46 1/2	(2) 46 1/2	(2) 47 00	46 13/16
MOOCA:					
Mooca (Arábia)	(2) 55 3/4	(2) 55 1/2	(2) 55 1/2	(2) 56 1/4	55 3/4
N.E.I.:					
Genuino Java Lavado.	(3) 56 00	(3) 64 1/2	(3) 64 1/2	(3) 64 1/2	64 5/8
UGANDA:					
Washed lavado	(6) 47 1/4	47 1/4	47 1/4	(6) 48 00	47 7/16

(1) C. & F. - U.S.A. (Nova York
(2) Desembarcado à vista líquido
(3) Disponível
(4) F.O.B. Nova York
(5) F.O.B. País de Procedência
(6) Nominal

Cotações de Café a Têrmo em Nova York

(Em cents por libra de 453,60 gr) — Contrato "U"

AGÔSTO DE 1951

DIAS	Setembro		Dezembro		Março		Maio	
	A	F	A	F	A	F	A	F
1	n/cot	51 10	n/cot	48 94	n/cot	46 80		
2	"	51 40	"	49 25	"	47 10	n/cot	n/cot
3	"	51 60	"	49 45	"	47 10	"	"
6	"	51 86	"	49 80	"	47 60	"	"
7	"	52 20	"	50 10	"	48 20	"	"
8	"	52 15	"	50 30	"	48 40	"	"
9	"	52 30	"	50 40	"	48 65	"	"
10	"	52 15	"	50 35	"	48 50	"	"
13	"	52 20	"	50 30	"	48 40	"	"
14	"	52 30	"	50 65	"	48 75	"	"
15	"	52 65	"	51 20	"	49 45	"	"
16	"	52 75	"	51 45	"	49 80	"	"
17	"	52 80	"	51 45	"	49 75	"	"
20	"	53 30	"	52 15	"	50 60	"	"
20	"	53 15	"	52 15	"	50 55	"	"
22	"	52 60	"	51 60	"	50 05	"	"
23	"	52 90	"	51 90	"	50 30	"	"
24	"	52 75	"	51 75	"	50 20	"	"
27	"	52 90	"	51 85	"	50 35	"	"
28	"	52 90	"	51 80	"	50 30	"	"
29	"	52 85	"	51 70	"	50 25	"	"
30	"	52 40	"	51 45	"	50 15	"	"
31	"	52 75	"	51 75	"	50 45	"	"
Média	—	**52 43**	—	**50 95**	—	**49 20**	—	—

Cotações de Café a Têrmo em Nova York

(Em cents por libra de 453,60 gr) — Contrato "S"

AGÔSTO DE 1951

DIAS	Setembro		Dezembro		Março		Maio		Julho	
	A	F	A	F	A	F	A	F	A	F
1	51 40	51 25	49 30	49 07	47 24	46 93	n/cot	45 88	45 19	44 83
2	51 25	51 55	49 00	49 40	47 00	47 24	45 90	46 14	44 80	45 14
3	51 60	51 71	49 59	49 55	47 34	47 20	46 00	46 10	45 24	45 10
6	51 61	51 98	49 70	49 90	47 40	47 75	46 30	46 53	45 30	45 48
7	52 00	52 30	49 90	50 23	48 00	48 30	46 70	46 95	45 65	45 90
8	52 20	52 25	50 15	50 41	48 24	48 50	47 15	47 25	45 80	46 20
9	52 00	52 40	50 30	50 53	48 50	48 74	47 15	47 54	46 15	46 49
10	52 00	52 26	50 46	50 45	48 70	48 59	47 20	47 50	46 35	46 45
13	52 15	52 32	50 55	50 40	48 70	48 50	47 45	47 35	46 40	46 30
14	52 00	52 44	50 39	50 75	48 60	48 85	47 53	47 65	46 47	46 60
15	52 47	52 73	51 05	51 35	49 35	49 55	48 24	48 40	47 22	47 37
16	52 75	52 86	51 40	51 55	49 75	49 88	48 65	48 78	47 60	47 70
17	52 90	52 90	51 76	51 55	50 15	49 85	49 05	48 75	48 00	47 70
20	53 00	53 40	51 70	52 25	50 05	50 70	49 00	49 60	47 95	48 55
21	53 50	53 25	52 15	52 25	50 60	50 65	49 50	49 60	48 65	48 59
22	53 00	52 68	51 95	51 70	50 25	50 15	49 27	49 12	48 23	48 08
23	52 60	53 01	51 90	52 00	50 31	50 40	49 35	49 45	48 22	48 45
24	53 00	52 86	52 05	51 85	50 56	50 30	49 55	49 31	48 55	48 36
27	52 75	53 02	52 05	51 95	50 54	50 45	49 50	49 46	48 54	48 47
28	53 00	53 00	52 05	51 90	50 58	50 45	49 64	49 53	48 61	48 60
29	52 85	52 95	51 86	51 76	50 35	50 36	49 40	49 46	48 80	48 51
30	52 80	52 50	51 66	51 55	50 30	50 20	n/cot	49 36	48 35	48 40
31	52 50	52 93	51 70	51 95	50 45	50 60	49 54	49 75	48 40	48 80
Média	**52 40**	**52 55**	**50 97**	**51 06**	**49 26**	**49 31**	**48 19**	**48 24**	**47 15**	**47 22**

CÂMBIO

1951

Resumo das operações de Câmbio, efetuadas pelos Bancos, durante o mês de Agôsto

MOEDAS	COMPRAS	VENDAS
Libras	4.839.448	4.521.416
Dólares	36.287.399	41.349.416
Francos Franceses	1.570.890.032	2.148.344.186
Escudos	2.967.528	2.580.306
Pesetas	677.178	347.720
Francos Suiços	1.730.675	3.292.403
Francos Belgas	47.854.779	26.593.709
Pesos Argentinos	500	——
Pesos Uruguaios	1.863	2.443
Dólares Canadenses	——	83
Corôas Suecas	31.346.940	22.058.990
Corôas Dinamarquesas	2.217.568	5.187.896
Florins	173	——
CONVÊNIOS		
U$S — Alemanha	10.996.193	11.794.039
U$S — Áustria	225.519	270.413
U$S — Chile	15.154	407.646
U$S — Itália	1.503.774	1.343.413
U$S — Japão	1.653.621	2.014.121
U$S — Polônia	207.246	——
U$S — Portugal	1.047.365	890.524
U$S — Tchecoslováquia	282.014	45.882
U$S — Uruguai	24.515	3.470
U$S — Yugoslavia	——	5.280
Brasileiro — Argentino	Cr$ 737.475,60	Cr$ 2.444.349,70
Brasileiro — Holandês	Cr$ 2.093,00	Cr$ 198,00
Brasileiro — Norueguês	——	Cr$ 831.300,00

RESUMO DOS NEGÓCIOS REALIZADOS NO MÊS DE AGÔSTO DE 1951

MOEDAS	QUANTIDADE	VALOR EM Cr$
Corôas Dinamarquesas	6.792.882	18.580.568,00
Corôas Suecas	33.749.405	122.203.224,00
Cruzeiros	610.098.000	610.098,00
Dólares Americanos	63.950.290	1.197.149.433,00
Dólares Canadenses	79	1.443,00
Escudos	2.243.205	1.473.577,00
Florins	79.237	389.666,00
Francos Belgas	96.173.472	36.334.338,00
Francos Francêses	2.813.388.990	150.516.311,00
Francos Suiços	4.337.351	18.851.865,00
Libras	8.484.835	444.741.136,00
Pesetas	616.440	1.053.867,00
Pesos Uruguaios	12.002	94.474,00
TOTAL	.....	1.992.000.000,00

Total em Libras e Dólares de acordo com a mêdia mensal à vista sobre a Inglaterra e Estados Unidos, afixada este mês por esta Bolsa.

£ ..... 38.003.663 = 52,4160
US$ ..... 106.410.256 = 18,72—

Total computado em Agôsto de 1950	1.100.000.000,00
Total computado em Julho de 1951	1.811.000.000,00
Total computado em Agôsto de 1951	1.992.000.000,00

CÂMBIO EM SÃO PAULO

Média diária, afixada pela Bolsa Oficial de Valores de São Paulo, no mês de

AGÔSTO DE 1951

DIAS	Inglaterra	Estados Unidos	Canadá	Uruguai	Holanda	Suiça	Suécia	Dinamarca	Espanha	Portugal	Bélgica	França
1	52,4160	18,72	—	—	—	4,3966	3,6209	2,7353	—	0,6572	0,3778	0,0535
2	52,4160	18,72	—	—	—	4,3508	—	—	—	0,6572	0,3778	0,0535
3	52,4160	18,72	—	—	—	4,3462	3,6209	2,7353	—	0,6572	0,3778	0,0535
4	52,4160	18,72	18,20	—	—	4,3458	—	2,7353	—	0,6572	0,3778	0,0535
6	52,4160	18,72	—	—	—	4,3444	3,6209	2,7353	—	0,6572	—	0,0535
7	52,4160	18,72	—	—	—	4,3425	3,6209	2,7353	—	0,6572	0,3778	0,0535
8	52,4160	18,72	—	—	—	4,3406	3,6209	2,7353	—	0,6572	—	0,0535
9	52,4160	18,72	—	—	—	4,3407	3,6209	—	—	0,6572	—	0,0535
10	52,4160	18,72	—	—	—	4,3440	3,6209	2,7353	1,7096	0,6572	0,3778	0,0535
11	52,4160	18,72	—	—	—	4,3425	—	2,7353	—	0,6572	0,3778	0,0535
13	52,4160	18,72	—	—	—	4,3472	3,6209	—	—	—	—	0,0535
14	52,4160	18,72	—	—	—	4,3444	3,6209	2,7353	1,7096	0,6572	—	0,0535
16	52,4160	18,72	—	—	—	4,3425	—	2,7353	1,7096	0,6572	0,3778	0,0535
17	52,4160	18,72	18,20	7,8326	—	4,3445	—	2,7353	—	0,6572	—	0,0535
18	52,4160	18,72	—	7,8326	—	4,3425	3,6209	2,7353	—	0,6572	0,3778	0,0535
20	52,4160	18,72	—	—	—	—	—	2,7353	—	—	—	0,0535
21	52,4160	18,72	—	—	—	4,3483	3,6209	2,7353	—	0,6572	0,3778	0,0535
22	52,4160	18,72	—	—	—	4,3425	3,6209	2,7353	—	0,6572	0,3778	0,0535
23	52,4160	18,72	—	—	—	4,3425	—	2,7353	—	0,6572	—	0,0535
24	52,4160	18,72	—	—	—	4,3444	3,6209	2,7353	1,7096	0,6572	—	0,0535
25	52,4160	18,72	—	7,9490	—	4,3460	3,6209	2,7353	—	—	—	0,0535
27	52,4160	18,72	—	—	—	—	3,6209	2,7353	—	—	—	0,0535
28	52,4160	18,72	—	—	—	4,3444	3,6209	2,7353	1,7096	0,6572	0,3778	0,0535
29	52,4160	18,72	—	—	—	4,3434	3,6209	2,7353	1,7096	0,6572	0,3778	0,0535
30	52,4160	18,72	—	—	4,9177	4,3434	3,6209	—	—	0,6572	0,3778	0,0535
31	52,4160	18,72	—	—	—	4,3435	—	2,7353	—	0,6572	0,3778	0,0535
Média	**52,4160**	**18,72**	**18,20**	**7,8714**	**4,9177**	**4,3464**	**3,6209**	**2,7353**	**1,7096**	**0,6572**	**0,3778**	**0,0535**

CÂMBIO NO RIO DE JANEIRO SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

I MERCADO LIVRE — VENDAS A VISTA

AGÔSTO DE 1951

DIAS	Londres Libra	N. York Dolar	Suiça Franco	Portugal Escudo	Argentina Peso	Uruguai Peso	Suécia Corôa
1	52,41 60	18,72 00	4,34 81	0,65 72	1,32 77	7,91 54	3,62 09
2	52,41 60	18,72 00	4,34 81	0,65 72	1,33 24	8,05 16	3,62 09
3	52,41 60	18,72 00	4,34 44	0,65 72	1,32 86	7,96 60	3,62 09
4	52,41 60	18,72 00	4,34 44	0,65 72	1,32 67	8,00 00	3,62 09
6	52,41 60	18,72 00	4,34 44	0,65 72	1,32 67	8,00 00	3,62 09
7	52,41 60	18,72 00	4,34 06	0,65 72	1,32 67	7,88 21	3,62 09
8	52,41 60	18,72 00	4,34 06	0,65 72	1,32 86	7,84 91	3,62 09
9	52,41 60	18,72 00	4,34 44	0,65 72	1,32 95	7,82 21	3,62 09
10	52,41 60	18,72 00	4,34 25	0,65 72	1,33 05	7,86 55	3,62 09
11	52,41 60	18,72 00	4,34 44	0,65 72	1,33 10	7,84 91	3,62 09
13	52,41 60	18,72 00	4,34 44	0,65 72	1,33 10	7,84 91	3,62 09
14	52,41 60	18,72 00	4,34 44	0,65 72	1,33 10	7,83 26	3,62 09
15	52,41 60	18,72 00	4,34 25	0,65 72	1,32 67	7,83 26	3,62 09
16	52,41 60	18,72 00	4,34 25	0,65 72	1,32 67	7,83 26	3,62 09
17	52,41 60	18,72 00	4,34 25	0,65 72	1,32 67	7,71 96	3,62 09
18	52,41 60	18,72 00	4,24 44	0,65 72	1,32 67	7,71 96	3,62 09
20	52,41 60	18,72 00	4,24 44	0,65 72	1,32 67	7,71 96	3,62 09
21	52,41 60	18,72 00	4,34 25	0,65 72	1,32 67	7,47 31	3,62 09
22	52,41 60	18,72 00	4,34 25	0,65 72	1,32 58	7,62 53	3,62 09
23	52,41 60	18,72 00	4,34 25	0,65 72	1,32 58	7,62 53	3,62 09
24	52,41 60	18,72 00	4,34 62	0,65 72	1,32 58	7,67 21	3,62 09
25	52,41 60	18,72 00	4,34 62	0,65 72	1,32 39	7,84 91	3,62 09
27	52,41 60	18,72 00	4,34 62	0,65 72	1,32 39	7,84 91	3,62 09
28	52,41 60	18,72 00	4,34 44	0,65 72	1,32 39	7,88 21	3,62 09
29	52,41 60	18,72 00	4,34 25	0,65 72	1,32 30	7,84 91	3,62 09
30	52,41 60	18,72 00	4,34 05	0,65 72	1,32 30	7,75 16	3,62 09
31	52,41 60	18,72 00	4,34 25	0,65 72	1,32 30	7,62 53	3,62 09
Média	**52,41 60**	**18,72 00**	**4,33 64**	**0,65 72**	**1,32 79**	**7,81 14**	**3,62 09**

CÂMBIO NO RIO DE JANEIRO SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

II MERCADO LIVRE — COMPRAS À VISTA

AGÔSTO DE 1951

DIAS	Londres Libra	N. York Dolar	Suiça Franco	Portugal Escudo	Argentina Peso	Uruguai Peso	Suécia Corôa
1	51,46 40	18,38 00	4,23 47	0,63 64	1,30 08	7,62 66	3,55 51
2	51,46 40	18,38 00	4,23 47	0,63 64	1,30 54	7,75 53	3,55 51
3	51,46 40	18,38 00	4,23 11	0,63 64	1,30 17	7,67 43	3,55 51
4	51,46 40	18,38 00	4,23 11	0,63 64	1,29 99	7,70 65	3,55 51
6	51,46 40	18,38 00	4,23 11	0,63 64	1,29 99	7,70 65	3,55 51
7	51,46 40	18,38 00	4,22 74	0,63 64	1,29 99	7,59 50	3,55 51
8	51,46 40	18,38 00	4,22 74	0,63 64	1,30 17	7,56 38	3,55 51
9	51,46 40	18,38 00	4,23 12	0,63 64	1,30 26	7,59 50	3,55 51
10	51,46 40	18,38 00	4,22 93	0,63 64	1,30 35	7,57 94	3,55 51
11	51,46 40	18,38 00	4,23 11	0,63 64	1,30 45	7,56 38	3,55 51
13	51,46 40	18,38 00	4,23 11	0,63 64	1,30 45	7,56 38	3,55 51
14	51,46 40	18,38 00	4,23 11	0,63 64	1,30 45	7,54 83	3,55 51
15	51,46 40	18,38 00	4,22 93	0,63 64	1,29 99	7,54 83	3,55 51
16	51,46 40	18,38 00	4,22 93	0,63 64	1,29 99	7,54 83	3,55 51
17	51,46 40	18,38 00	4,22 93	0,63 64	1,29 99	7,44 13	3,55 51
18	51,46 40	18,38 00	4,23 11	0,63 64	1,29 99	7,44 13	3,55 51
20	51,46 40	18,38 00	4,23 11	0,63 64	1,29 99	7,44 13	3,55 51
21	51,46 40	18,38 00	4,22 93	0,63 64	1,29 99	7,20 78	3,55 51
22	51,46 40	18,38 00	4,22 93	0,63 64	1,29 89	7,35 20	3,55 51
23	51,46 40	18,38 00	4,22 93	0,63 64	1,29 89	7,35 20	3,55 51
24	51,46 40	18,38 00	4,23 29	0,63 64	1,29 89	7,39 64	3,55 51
25	51,46 40	18,38 00	4,23 29	0,63 64	1,29 71	7,56 38	3,55 51
27	51,46 40	18,38 00	4,23 29	0,63 64	1,29 71	7,56 38	3,55 51
28	51,46 40	18,38 00	4,23 11	0,63 64	1,29 71	7,59 50	3,55 51
29	51,46 40	18,38 00	4,29 93	0,63 64	1,29 62	7,56 38	3,55 51
30	51,46 40	18,38 00	4,22 74	0,63 64	1,29 62	7,47 13	3,55 51
31	51,46 40	18,38 00	4,22 93	0,63 64	1,29 62	7,35 20	3,55 51
Média	**51,46 40**	**18,38 00**	**4,23 32**	**0,63 64**	**1,30 02**	**7,53 02**	**3,55 51**

ÍNDICE

COLABORAÇÃO:

Dirigismo ou livre iniciativa, na cafeicultura? — José Testa 717
A agricultura africana vista por um agrônomo brasileiro — O. T. Mendes Sobrinho 721
Culturas Permanentes — Reflorestamento — Planejamento agrícola — William Wilson Coelho de Souza 728

RESUMOS E TRANSCRIÇÕES:

Novos métodos de plantio do café 734
O problema do braço para a cafeicultura de São Paulo — Lauriston Pousa Bicudo 735
A "podridão das raízes" do cafeeiro — J. Abraão 738
Questões de adubação da cultura cafeeira — Antonio Carlos Correia 740
Transporte preferencial para cafés finos — José da Mota Sobrinho ... 742
O plantio do café em nível — José Pinto Pupo 744
A replanta do cafèzal 747
O sombreamento dos cafèzais — Pedro Correia Neto 750
O café visto nos Estados Unidos (Cartas semanais do Escritório Pan-Americano do Café — Nova York) 753

ESTATÍSTICAS:

Suplemento Estatístico n.º 308 776
Exportação Brasileira de Café — Julho — Janeiro a Julho 779
Exportação Brasileira de Café — Detalhes pelos países de destino — Abril 780
Exportação Brasileira de Café — Detalhe pelos portos de procedência — Abril 782
Exportação Brasileira de Café — Detalhe pelos países de destino — Maio 786
Exportação Brasileira de Café — Detalhe pelos portos de procedência — Maio 788
Exportação Brasileira de Café — I — Detalhes pelos países de destino — Junho 792
Exportação Brasileira de Café — II — Detalhe pelos portos de procedência 1.º semestre de 1951 795
Relação do café exportado pelo pôrto do Rio de Janeiro, Agôsto 799

Entradas de café no mercado do Rio de Janeiro — Agôsto 800
Entradas e embarques de café, no Rio de Janeiro Agôsto — Safra 1951/52 800
Café disponível nos portos de exportação do Brasil — Janeiro a Julho ... 801
Movimento de café em Santos — Safra 1951/52 802
Cotações de cafés no disponível em Santos, Rio de Janeiro e Vitória — Agôsto 803
Movimento de café na praça de Santos — Agôsto ..... Apenso
Movimento de café no Rio de Janeiro — Agôsto ..... Apenso
Cotações de cafés brasileiros no disponível de Nova York — Agôsto 804
Cotação do disponível em Nova York — Cafés estrangeiros — Agôsto .. 805
Cotações de Café a Têrmo em Nova York — Contrato "U" — Agôsto 807
Cotações de Café a Têrmo em Nova York — Contrato "S" — Agôsto 808
Câmbio — 1951 — Resumo das operações de Câmbio, efetuadas pelos Bancos durante o mês de Agôsto 809
Câmbio — Resumo dos negócios realizados — Agôsto 809
Câmbio em São Paulo — Média diária — Agôsto 810
Câmbio no Rio de Janeiro sôbre diversas praças — Mercado Livre — Vendas à Vista — Agôsto 811
Câmbio no Rio de Janeiro sôbre diversas praças — Mercado Livre — Compras à Vista — Agôsto 812
Balancete financeiro em 31 de Julho de 1951 do Instituto de Café do Estado de São Paulo ..... Apenso
Câmbio em Nova York sôbre diversas praças — Agôsto ..... Apenso

CÂMBIO EM NOVA Y

(Valor das

DIAS	Londres £	Montreal $	R. Janeiro Cr$.	B. Aires Peso	Montev Pes
1	2,80 00	0,94 3/4	0,05 46	0,07 20	0,42
2	2,80 00	0,94 13/16	0,05 46	0,07 20	0,42
3	2,80 00	0,95 1/16	0,05 46	0,07 20	0,42
6	2,80 00	0,94 3/4	0,05 46	0,07 25	0,42
7	2,79 15/16	0,95 00	0,05 46	0,07 25	0,42
8	2,80 00	0,95 1/16	0,05 46	0,07 25	0,42
9	2,80 00	0,95 1/8	0,05 46	0,07 25	0,42
10	2,80 00	0,94 15/16	0,05 46	0,07 20	0,42
13	2,80 00	0,94 3/4	0,05 46	0,07 20	0,42
14	2,80 00	0,94 3/4	0,05 46	0,07 20	0,42
15	2,80 00	0,94 3/4	0,05 46	0,07 20	0,42
16	2,80 00	0,94 5/8	0,05 46	0,07 20	0,42
17	2,80 1/16	0,94 11/16	0,05 46	0,07 25	0,42
20	2,80 00	0,94 11/16	0,05 46	0,07 25	0,42
21	2,80 00	0,94 5/8	0,05 46	0,07 25	0,40
22	2,80 00	0,94 9/16	0,05 46	0,07 20	0,40
23	2,80 00	0,94 1/2	0,05 46	0,07 20	0,40
24	2,79 15/16	0,94 1/2	0,05 46	0,07 20	0,40
27	2,80 00	0,94 11/16	0,05 46	0,07 20	0,40
28	2,80 00	0,94 7/16	0,05 46	0,07 20	0,41
29	2,79 11/16	0,94 3/8	0,05 46	0,07 25	0,42
30	2,79 15/16	0,94 7/16	0,05 46	0,07 25	0,41
31	2,79 15/16	0,94 9/16	0,05 46	0,07 25	0,40
Média	**2,79 63/64**	**0,94 15/32**	**0,05 46**	**0,07 22**	**0,41**

RK SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

STO DE 1951

rsas moedas em U.S.$)

Paris Frc. Livre	Berna Franco Livre	Stockolmo Corôa	Lisbôa Escudo	Bélgica Franco	Amsterdan Guilder
0,0028 5/8	0,23 05	0,19 35	0,0348 1/2	0,0199 00	0,26 32
0,0028 5/8	0,2303 1/2	0,19 35	0,0348 1/2	0,0199 1/8	0,26 31
0,0028 5/8	0,23 03	0,19 35	0,03 49	0,0199 1/4	0,26 30
0,0028 5/8	0,23 01	0,19 35	0,03 49	0,0199 1/4	0,26 32
0,0028 5/8	0,23 01	0,19 35	0,0348 1/4	0,0199 1/4	0,26 31
0,0028 5/8	0,2303 1/2	0,19 35	0,0348 1/2	0,0199 1/4	0,26 31
0,0028 5/8	0,23 02	0,19 35	0,0348 1/2	0,0199 1/4	0,26 31
0,0028 5/8	0,23 03	0,19 35	0,0348 1/2	0,0199 1/8	0,26 31
0,0028 5/8	0,23 03	0,19 35	0,0348 1/2	0,0199 1/8	0,26 30
0,0028 5/8	0,23 03	0,19 35	0,0348 1/2	0,0199 1/8	0,26 30
0,0028 5/8	0,23 03	0,19 35	0,03 48	0,0199 1/8	0,26 30
0,0028 5/8	0,2302 1/2	0,19 35	0,03 48	0,0199 1/8	0,26 31
0,0028 5/8	0,23 03	0,19 35	0,03 48	0,0199 1/8	0,26 31
0,0028 5/8	0,23 02	0,19 35	0,03 48	0,0199 1/8	0,26 32
0,0028 5/8	0,23 02	0,19 35	0,03 48	0,0199 1/8	0,26 32
0,0028 5/8	0,23 02	0,19 35	0,0347 1/2	0,0199 1/8	0,26 30
0,0028 5/8	0,23 04	0,19 35	0,0347 1/2	0,0199 00	0,26 31
0,0028 5/8	0,23 04	0,19 35	0,03 47	0,0199 00	0,26 31
0,0028 5/8	0,23 04	0,19 35	0,0347 1/2	0,0199 00	0,26 30
0,0028 5/8	0,23 02	0,19 35	0,0347 1/2	0,0199 00	0,26 31
0,0028 5/8	0,2301 1/2	0,19 35	0,03 48	0,0199 00	0,26 31
0,0028 5/8	0,23 02	0,19 35	0,03 48	0,0199 1/8	0,26 31
0,0028 5/8	0,23 02	0,19 35	0,03 49	0,0199 1/8	0,26 30
0,0028 5/8	**0,2302 11/16**	**0,19 35**	**0,0348 5/32**	**0,0199 1/8**	**0,26 30**

PARA ANÚNCIOS NESTE BOLETIM

Dirijam-se à Rua Xavier de Toledo, 266, 9.º andar, sala 95
Fones, 32-8357 e 32-9579
R. PASTORE

TABELA DE PREÇOS

Página de capa interna (2.ª e 3.ª de capa)	1	página,	Cr.$2.000,00
Página de texto	1	"	Cr.$1.500,00
" " "	½	"	Cr.$ 800,00
" " "	¼	"	Cr.$ 500,00

——— Os agentes autorizados são portadores de apresentação ———

Estando esgotadas, por motivo de fôrça maior, as edições da maioria de nossas "Separatas" relativas a assuntos agrícolas, comunicamos aos nossos leitores que se encontram suspensas as remessas, até segunda ordem.

Em devido tempo, comunicaremos o restabelecimento da distribuição.

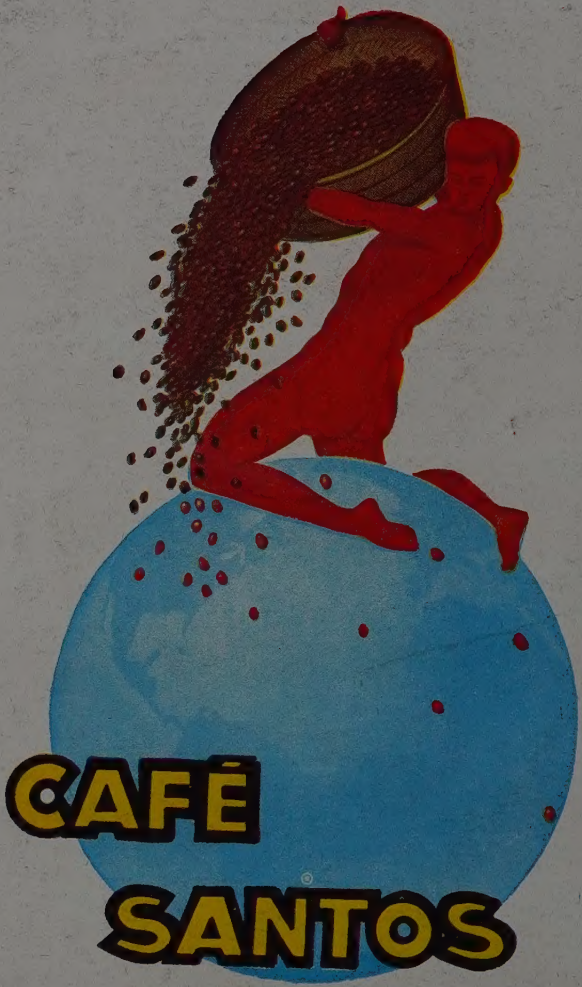
Aos numerosos e distintos leitores, do país e do estrangeiro, aos quais, com o melhor de nossos esforços, temos procurado prestar um serviço que julgamos útil, agradecemos as amáveis referências com que nos têm distinguido.

—— AVISO ——

Estando esgotada a capacidade de distribuição de nosso Boletim, e havendo numerosos pedidos de remessa a serem atendidos, pedimos aos nossos atuais assinantes a gentileza de nos comunicar, dentro de 30 dias, se lhes interessa continuar a recebê-lo.

Decorrido êsse prazo, cancelaremos a remessa para aqueles de que não tenhamos recebido resposta.

AURORA Ltda — São Paulo


CAFÉ
SANTOS